

UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E
INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Adilson Aparecido Spim

PEDRO SALLES DE OLIVEIRA MESQUITA (1893-1951): UM PROFESSOR
LEIGO NA PRIMEIRA REPÚBLICA

Sorocaba/SP

2019

Adilson Aparecido Spim

**PEDRO SALLES DE OLIVEIRA MESQUITA (1893-1951): UM PROFESSOR
LEIGO NA PRIMEIRA REPÚBLICA**

Tese apresentada à Banca Examinadora
do Programa de Pós-Graduação em
Educação da Universidade de Sorocaba,
como exigência parcial para obtenção do
título de Doutor em Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Vânia Regina
Boschetti

Sorocaba/SP

2019

Ficha Catalográfica

Spim, Adilson Aparecido

S738p Pedro Salles de Oliveira Mesquita (1893-1951) : um professor
leigo na Primeira República / Adilson Aparecido Spim. -- 2019.
169 f. : il.

Orientador: Profa. Dra. Vânia Regina Boschetti

Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Sorocaba,
Sorocaba, SP, 2019.

1. Mesquita, Pedro Salles de Oliveira, 1893-1951 – Biografia.

Adilson Aparecido Spim

**PEDRO SALLES DE OLIVEIRA MESQUITA(1893-1951): UM PROFESSOR LEIGO
NA PRIMEIRA REPÚBLICA**

Tese aprovada como requisito parcial para
obtenção do grau de Doutor no Programa
de Pós-Graduação em Educação da
Universidade de Sorocaba.

Aprovado em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA:

Profª Drª Vânia Regina Boschetti
Universidade de Sorocaba

Prof. Dr. Wilson Sandano
Universidade de Sorocaba

Profª Drª Adriana Aparecida Alves da Silva Pereira
Universidade de Lisboa - MHSE

Prof. Dr. Waldemar Marques
Universidade de Sorocaba

Prof. Dr. Osmil Sampaio Leite
Universidade de Sorocaba

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha esposa Sara Spim e ao meu filho Nícolas Spim e minha nora Annayan Spim, que compreenderam meus momentos de ausência, souberam respeitar e desta forma colaboraram direta e indiretamente para o resultado deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Ao concluir esta tese, jamais poderia deixar de agradecer aqueles que de alguma forma colaboraram para que ela acontecesse.

Agradeço primeiramente à Deus, pela sua eterna misericórdia e justiça divina.

À minha esposa Sara Spim fiel companheira e ao meu filho Nícolas Spim e minha nora Annayan Spim pelos momentos de amizade e compreensão.

Meus pais Luiz Spim Hernandez (*in memoriam*) e Carmen Ervilha Spim que inculcaram em minha educação a ética e a responsabilidade.

À minha orientadora Prof^a Dr^a Jane Soares de Almeida (*in memoriam*) que mesmo em um momento em que a doença minava suas forças, foi uma guerreira e colaborou com o início desta pesquisa. Que Deus a receba em seus braços de misericórdia!

Minha orientadora Prof^a Dr^a Vânia Regina Boschetti que deu continuidade a orientação. Agradeço pela paciência e dedicação na condução de meu trabalho de pesquisa.

Ao Prof. Dr. Rogério Lopes Pinheiro de Carvalho por me presentear com suas obras 'O Operario Edição Fac-similar' e 'Fisionomia da Cidade: Cotidiano e transformações urbanas 1890-1943', obras que muito contribuíram para a composição deste trabalho.

Ao colega e Prof. Dr. Walter Cruz Swensson Junior pelas dicas e conversas esclarecedoras para o desenvolvimento desta tese.

Ao corpo docente do Programa de Doutorado da Universidade de Sorocaba, que de alguma forma me incentivou e colaborou com meu trabalho.

Agradeço a Universidade de Sorocaba que deu o aporte financeiro com a concessão da minha bolsa de Doutorado.

À banca de defesa que muito contribuiu para a finalização desta tese, Prof. Dr. Wilson Sandano, Prof^a Dr^a Adriana Aparecida Alves da Silva Pereira, Prof. Dr. Waldemar Marques, Prof. Dr. Osmil Sampaio Leite.

As funcionárias da Biblioteca da Universidade de Sorocaba Vilma Franzoni e Regina Celia F. Boaventura que além do esmerado atendimento também nos auxiliaram com a formatação do trabalho e a elaboração da ficha catalográfica.

À todos meu muito eterno obrigado!

Porque a sabedoria serve de sombra, como de sombra serve o dinheiro; mas a excelência da sabedoria é que ela dá vida ao seu possuidor. (Eclesiastes 7:12)

RESUMO

Esta tese aborda a trajetória de Pedro Salles de Oliveira Mesquita um professor leigo durante a primeira República, busca retratar um personagem emblemático e plurívoco, sorocabano de nascimento que contribuiu com inúmeros textos e poemas para os jornais de Sorocaba, Itu, São Paulo e diversos outros jornais no sul do país. Exerceu o magistério como professor leigo, pois dominava a oratória, encantava as pessoas, despertava paixões. Envolveu-se com o Movimento Operário de Sorocaba, compartilhou as ideias dos anarquistas. Foi influenciado pelo ideário Republicano e isso moldou suas práticas pedagógicas enquanto professor leigo durante o período da Primeira República. Por ter a facilidade e o dom da palavra, destacou-se e alcançou cargos públicos, também se associou a políticos influentes de sua época, como Getúlio Vargas, por exemplo. No sul do país onde foi residir por desavenças em Sorocaba, Pedro Mesquita lutou ao lado da legalidade contra os que se rebelavam com o Estado, participou das Revoluções de 1923, 1925 e 1932. Como professor leigo deixou sua contribuição para a história e a historiografia da educação, foi atuante e controverso, porém sempre preocupado com a instrução e educação dos mais necessitados. Dessa miríade de eventos surgiu a problematização desta tese, seria possível seguir os passos de Pedro Mesquita um professor leigo que por meio de seus escritos nos jornais e revistas, que lhe deram voz e que publicando seus textos ou estampando diversas fotografias por ele enviadas às redações, e que de alguma forma contribuíssem para a elaboração desta tese. A metodologia de pesquisa se constituiu da consulta, leitura e seleção de fontes primárias como fatos, imagens, artigos de revistas e jornais nos quais o biografado colaborou com diversos textos, dando assim voz e marcando a presença de Pedro Mesquita nas áreas em que o mesmo atuou como professor, poeta, jornalista, advogado, promotor público e político. Para corroborar com a intenção desta tese em escrever uma biografia utilizou-se como referencial teórico autores como Dosse, Abrão, Le Goff, Pinsky que tratam da escrita de biografias e da utilização de periódicos como fonte de pesquisa.

Palavras-chave: Biografia. Professor leigo. Jornalista. Escola Moderna. Coluna Prestes.

ABSTRACT

This thesis deals with the trajectory of Pedro Salles de Oliveira Mesquita, a lay teacher during the first Republic, who seeks to portray an emblematic and plurívoco character, a Sorocabano by birth who contributed countless texts and poems to the newspapers of Sorocaba, Itu, São Paulo and several others newspapers in the south of the country. He practiced magisterium as a lay teacher, because he dominated oratory, enchanted people, awakened passions. He got involved with the Sorocaba Workers Movement, shared the ideas of the anarchists. He was influenced by the Republican ideology and this shaped his pedagogical practices as a lay teacher during the period of the First Republic. For having the ease and the gift of the word, stood out and reached public positions, also associated itself with influential politicians of his time, like Getúlio Vargas, for example. In the south of the country where he went to live in disagreements in Sorocaba, Pedro Mesquita fought on the side of legality against those who rebelled against the state, participated in the Revolutions of 1923, 1925 and 1932. As a lay teacher he left his contribution to the history and historiography of education, he was active and controversial, but always concerned with the education and education of the most needy. From this myriad of events came the problematization of this thesis, it would be possible to follow in the footsteps of Pedro Mesquita a lay teacher who through his writings in the newspapers and magazines, who gave him voice and that publishing his texts or stamping several photographs by him sent to the newsrooms , and that somehow contributed to the elaboration of this thesis. The research methodology consisted of the consultation, reading and selection of primary sources such as facts, images, magazine articles and newspapers in which the biography collaborated with several texts, thus giving voice and marking the presence of Pedro Mesquita in areas where the same he acted as teacher, poet, journalist, lawyer, public prosecutor and politician. In order to corroborate the intention of this thesis in writing a biography, authors such as Dosse, Abrão, Le Goff, Pinsky, who deal with the writing of biographies and the use of journals as a research source were used as theoretical references.

Keywords: Biography. Lay teacher Journalist. Modern School. Prestes Column.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Festival literário musical (Publicidade) em Homenagem ao Poeta Pedro S. Oliveira Mesquita	99
Imagem 2– Alunos da Escola Municipal Terra Vermelha, vendo-se ao centro o diretor, professor Sr. Oliveira Mesquita.	111
Imagem 3- Oficiais do 1º Regimento de Cavalaria do Rio Grande do Sul - 1923	124
Imagem 4- Pedro Mesquita como oficial do exército em 1923.....	125
Imagem 5– Capa do livro “Por sertões e coxilhas” publicado em 1994.....	129
Imagem 6– Parte da primeira página do Jornal “A Federação” em 26 janeiro de 1923.	131
Imagem 7– Parte da primeira página do Jornal “A Federação” em 26 janeiro de 1923.	134
Imagem 8– Pedro Mesquita em fotografia junto a Getúlio Vargas e família. ...	136
Imagem 9– Caricatura de Pedro Mesquita.	147
Imagem 10– Pedro Mesquita e seu filho Paulo Gaúcho com 5 anos de idade em 1926.	156
Imagem 11– Paulo Gaúcho com 7 anos de idade.....	157
Imagem 12– Paulo Gaúcho com oito anos de idade.	158
Imagem 13- Pedro Mesquita com amigas nas ruínas Jesuíticas de São Nicolau das Missões/RS em 1928.....	159
Imagem 14- Pedro Mesquita e sua esposa Maria Aurora de Moraes Mesquita - 1937	160
Imagem 15- Paulo Gaúcho Leal de Oliveira Mesquita filho de Pedro Mesquita em 1938	161
Imagem 16- Maria Célia filha de Pedro Mesquita em 1939.....	162
Imagem 17- Pedro Salles de Oliveira Mesquita junto ao cabo Manoel ex-combatente.	163
Imagem 18- Maria Aurora Moraes de Oliveira Mesquita com a filha do casal Maria Célia em 1942.	164
Imagem 19- Pedro Mesquita com seu filho Paulo Gaúcho.....	165
Imagem 20- Maria Aurora Moraes de Oliveira Mesquita em 1942.	166
Imagem 21- Maria Celia em sua Primeira Comunhão em 1946.	167
Imagem 22- Pedro mesquita com Alice sua primeira neta em 1947.	168

LISTA DE QUADROS

Quadro 1– Estatística do pessoal docente dos Grupos Escolares da Capital – Adjuntos.....	106
Quadro 2 - Estatística do pessoal docente dos Grupos Escolares da Capital – Substitutos efetivos.	106
Quadro 3 - Estatística do pessoal docente dos Grupos Escolares de Sorocaba – Adjuntos.....	106
Quadro 4- Estatística do pessoal docente dos Grupos Escolares de Sorocaba – Substitutos.....	107
Quadro 5- Estatística do pessoal docente dos Grupos Escolares de Sorocaba – Substitutos.....	107
Quadro 6- Estatística do pessoal docente dos Grupos Escolares de Sorocaba – Substitutos.....	108

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 SOROCABA ONDE TUDO COMEÇOU... (1893 - 1909).....	26
2.1 No jornal <i>O Operario</i> as primeiras manifestações (1909 - 1913).....	33
2.2 Nos jornais <i>O Jornal</i> e <i>Diario de Sorocaba</i> (1913 - 1914)	62
2.3 Nos jornais <i>A Cidade de Ytu</i> e <i>A Federação</i> (1915 – 1918).....	78
3 PEDRO MESQUITA O PROFESSOR LEIGO (1915 – 1926)	105
3.1 Professor em Itu/SP (1915).....	109
3.2 Professor em Sorocaba/SP (1917)	110
3.3 Professor no Rio Grande do Sul (1920 – 1926).....	117
4 RIO GRANDE DO SUL: POR SERTÕES E COXILHAS (1923 - 1951).....	129
4.1 O Combatente (1923 – 1932).....	131
4.2 O Promotor (1928 - 1940).....	135
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	145
REFERÊNCIAS.....	150
APÊNDICE.....	156

1 INTRODUÇÃO

A figura de Pedro Mesquita se tornou conhecida quando da pesquisa para a elaboração da dissertação de Mestrado sobre o terceiro Grupo Escolar “Senador Vergueiro” na cidade de Sorocaba fundado em 1919. Verificou-se que entre 1917 e 1919 várias greves dos operários aconteceram na cidade de Sorocaba e que anterior a essa data já havia um Movimento Operário reivindicando por meio do jornal *O Operário*, a redução da jornada de trabalho, principalmente de crianças e jovens, com a finalidade de que os mesmos pudessem frequentar as escolas. Ao esquadrihar as páginas do jornal *O Operário* um personagem peculiar, Pedro Mesquita, tema desta tese, começou a chamar a atenção para si: a participação dele no jornal foi inicialmente tímida, escrevendo crônicas, poemas, porém ao longo das edições estas crônicas tornam-se mais contundentes e desafiadoras.

Pedro Salles de Oliveira Mesquita viveu uma vida intensa de múltiplas facetas. Apesar de ser um personagem com diversas atividades, uma das que se destaca é ele ter exercido a função de professor leigo. Quem era o professor leigo? A figura do professor leigo esteve presente com frequência na história da educação do país, em algumas regiões do Brasil a presença do professor leigo ainda é uma realidade. A falta de cursos formadores de professores, como as escolas normais, levaram a existência dessa figura: eram contratados como professores, pessoas sem formação específica, daí a designação de “leigo” para diferenciar dos que eram devidamente formados pela escola normal, porém eram pessoas que tinham algum capital intelectual¹.

O tema desta tese, “Pedro Salles de Oliveira Mesquita (1893-1951): um professor leigo na Primeira República” tem como premissa a notoriedade de um personagem primeiramente visto como comum, porém que se destacou na história e que em algum momento foi esquecido, ou passou despercebido pelos historiadores

¹ No Brasil, a existência de professores leigos é mais comum nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, onde muitos deles estudaram apenas até a 4ª série e a maior parte não terminou o ensino fundamental (antigo 1º grau). Em 1999, cerca de 30%, dos 456 mil professores de ensino fundamental no Norte, Nordeste e Centro-Oeste não tinham habilitação para lecionar. Ainda, de acordo com dados do MEC, do universo de professores leigos existentes no país, na mesma época, cerca de 113 mil não haviam concluído sequer o ensino fundamental. Para acabar com a figura do professor leigo, o Ministério da Educação (MEC) criou, em 1999, o Proformação (Programa de Formação de Professores em Exercício), que constitui-se num curso de nível médio, com habilitação em magistério, na modalidade de educação à distância. Seu objetivo é oferecer um curso para professores sem habilitação que atuam nas quatro séries iniciais e classes de alfabetização das escolas da rede pública das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste o domínio dos conteúdos do ensino médio e a formação pedagógica necessários para a melhoria da qualidade de sua prática na sala de aula. Segundo dados do MEC, o Proformação conseguiu diminuir o número de professores leigos no Brasil para 45 mil, em 2001. Fonte: <http://www.educabrasil.com.br/professores-leigos/>

que se dedicam à pesquisa dos movimentos sociais na primeira metade do século XX na cidade de Sorocaba/SP. Pedro Salles de Oliveira Mesquita desde muito jovem se dedicou à causa operária. Foi jornalista, professor e diretor de escolas, advogado e promotor público.

O contato com Pedro Mesquita se deu por meio da pesquisa que o tomou como objeto de investigação tendo por referência seu trabalho como professor, poeta, redator do jornal *O Operário*, editor e diretor do jornal *Diário de Sorocaba* entre outros periódicos nos quais colaborou com seus escritos. Sua atuação não se limitou à cidade de Sorocaba, deixou também sua marca na história da cidade de Itu e na história do Brasil, quando atuou contra a Coluna Prestes no Rio Grande do Sul fato este relatado em seu livro póstumo “Por sertões e coxilhas” com informações extraídas por Fernando O. M. O’Donnell do diário de guerra de Pedro Mesquita.

Pedro Salles de Oliveira Mesquita dedicou uma parte de sua juventude para defender a causa operária, foi preso, sentiu de perto o custo de se posicionar contra a burguesia e de se preocupar com a educação das crianças operárias, foi professor e diretor, deixando sua contribuição para a história da educação, Pedro Mesquita seguiu o ideário positivista Republicano, fatos estes que motivaram esta pesquisa na linha da história da educação.

Ao pesquisar os textos de Pedro Mesquita surgiram os seguintes questionamentos:

Após ser professor leigo em Itu e Sorocaba onde mais Pedro Mesquita teria atuado ainda como professor?

Qual contribuição Pedro Mesquita enquanto professor leigo teria deixado para a história da educação?

Pedro Mesquita aparece inicialmente escrevendo para um periódico na cidade de Sorocaba, esse periódico era o jornal *O Operário* que foi utilizado para dar voz às reivindicações do Movimento Operário da cidade. Várias foram as contribuições de Pedro Mesquita para esse periódico e muitas delas diziam respeito a sua preocupação com as crianças que trabalhavam nas insalubres fábricas de tecelagem e que sendo assim não tinham tempo de se dedicar aos estudos, um desses textos escritos por ele denunciava as condições em que as crianças trabalhavam, foi publicado no *O Operário*,

[...] Dizia o grande Lamartine: “Os maiores sábios sahem do nada”.

Por isso meus companheiros, deveis mandar os vossos filhos a escola para que elles vejam a luz da verdade e da razão.

É triste, doloroso, ver-se multidão de creaturinhas desde as 5 horas da manhã até as 7 horas da noite n'uma escura fabrica de tecidos expostos ao frio com risco da própria vida, quando nessa idade tão bella podiam gozar a felicidade d'uma escola. [...] P.S.O. Mesquita (O OPERARIO, Sorocaba, ano II, nº 83, 13 mai. 1911, p. 1 e 2, in CARVALHO (Org.), 2007, p. 299-300).

Mas sua atuação no *O Operario* teve um fim, após uma divergência de ideias e de posturas Pedro Mesquita deixou a redação do periódico, como atesta a nota publicada no *O Operario*,

Atenção.

Prevenimos os nossos leitores e o publico geralmente, e as casas de diversões, que em data de 18 do corrente, deixou de ser nosso representante nesta cidade e em qualquer parte do Brasil, o Snr. Pedro S. de Oliveira Mesquita, ficando, o cartão da redacção que o mesmo Snr. tem em seu poder sem efeito. A Redacção. (O OPERARIO. Sorocaba, ano III, n. 138, 23 jun. 1912, p. 2, in CARVALHO (Org.), 2007, p. 465).

Após a saída do jornal *O Operario* Pedro Mesquita foi morar com parentes em Itu e nessa cidade atuou como professor substituto. Retornou a Sorocaba e assumiu a escola municipal da Terra Vermelha depois mudou-se para o sul do país onde continuou a exercer a docência, escreveu para diversos jornais e lutou contra a Coluna Prestes², numa postura diferente daquela adotada quando escrevia para *O Operario*. Acompanhar a diversidade da trajetória de um personagem plurívoco, tão peculiar e de múltiplas facetas tornou-se o problema central desta pesquisa.

Pesquisar sobre a história é entrar em contato com fatos e acontecimentos que de alguma forma impactaram se não toda uma sociedade, pelo menos uma parcela dela em uma determinada época. Torna-se relevante conhecer a história geral e relevante também é a história da educação base de uma sociedade, construída por meio de várias outras histórias que se entrelaçando ou não, compõem a teia da historiografia da educação. Vários são os personagens que individualmente ou coletivamente contribuíram para que o presente se delineasse e tivesse a forma atual,

² Em 1924, comandados pelo general Isidoro Dias Lopes e os capitães Joaquim e Juarez Távora, os tenentes tentaram ocupar a cidade de São Paulo, de onde pretendiam articular uma série de revoltas militares em outros estados. Os tenentes foram expulsos de São Paulo no final de julho e saíram ao encontro dos gaúchos que se deslocavam para o Paraná. Desse encontro surgiu a Coluna Miguel Costa-Luís Carlos Prestes. A Coluna Prestes, como ficou mais conhecida, percorreu perto de 24 mil km até o início de 1927, quando seus participantes refugiaram-se na Bolívia. (MORAES, 1998, p. 377-378)

e por meio do conhecimento desses personagens que lutaram, opinaram, divergiram e além de todo o legado do conhecimento é que se pode tomar por base suas ações e estruturar planos para o futuro.

Biografar um homem comum torna-se desafiador, “a biografia, durante muito tempo, se limitou a transcrever o percurso de homens ilustres, deixando de lado o homem comum, tributário das decisões dos poderosos” (DOSSE, 2015, p. 297). Visto que personagens ilustres deixam inúmeros rastros, seja em forma de documentos ou de reportagens e fotografias, já o homem comum em sua trajetória pouca coisa se encontra a seu respeito. Embora esta pesquisa trate de um homem comum, mas que por ser jornalista e de um caráter incomum, acabou sendo pauta de notas em jornais que de alguma forma facilitam ou pelo menos tornam menos penoso o trabalho do pesquisador.

Muitos personagens que tiveram uma vida ativa e dinâmica ao passar dos anos acabam sendo relegados ao esquecimento, porém quando deixam rastros de sua trajetória facilitam a vida do pesquisador. Não que seja um trabalho fácil seguir as pistas deixadas, pois consome horas de pesquisa que são recompensadas pelo encontro de um simples fragmento, que pode ser um achado fundamental para a continuidade do trabalho.

Conforme diz Abrão (2002, p. 12),

Pesquisar em história, no entanto, não é apenas procurar verdades parciais (pois só contamos com fragmentos de realidades passadas), é encontrar respostas para questões propostas, utilizando técnicas e métodos científicos. [...] A pesquisa, portanto, deve ser lógica e objetiva, isto é, o pesquisador deve utilizar e analisar todas as evidências possíveis para a comprovação de suas argumentações, e expô-las de forma clara e pertinente.

Ainda segundo Abrão (2002, p. 9), “tudo o que o homem diz ou escreve, tudo o que fabrica, tudo o que toca, informa-nos sobre ele. Assim, todos os meios são tentados para se vencer os silêncios das fontes”.

Esse “silêncio das fontes” deve ser considerado sob dois aspectos, o primeiro a se considerar é que se esse “silêncio” pode ser proposital, conforme no diz Bacellar (*in* PINSKY *et al.* 2015, p. 64), “entender as fontes em seus contextos, perceber que algumas imprecisões demonstram os interesses de quem as escreveu”. E o segundo aspecto a se considerar é que no momento em que se escreveu sobre o assunto o autor o considerou claro tendo em vista o contexto da época, ainda segundo Bacellar

(in PINSKY *et al.* 2015, p. 64), “ser historiador exige que se desconfie das fontes, das intenções de quem a produziu, somente entendidas com o olhar crítico e a correta contextualização do documento que se tem em mãos”.

Escrever uma tese já é uma tarefa árdua, primeiro, pela responsabilidade imposta em se apresentar algo relevante e inédito, em segundo, pelo comprometimento em escrever uma biografia onde o objeto principal, a narrativa de uma vida, é algo que envolve e seduz.

Nesse sentido diz Botton (2000 *apud* PINSKY *et al.* 2015, p. 203),

A missão do biógrafo seduziu minha imaginação: a ideia de compreender um ser humano tão completamente como uma pessoa poderia compreender outra, de afundar-se numa vida que não a minha, de ver o mundo por meio de olhos novos, de seguir alguém pela infância e por seus sonhos, trilhando a variedade de seus gostos.

Segundo Le Goff; Nora (1978), a biografia é um complemento indispensável da análise das estruturas sociais e dos comportamentos coletivos.

Conforme Dosse (2015, p. 55),

Gênero híbrido, a biografia se situa em tensão constante entre a vontade de reproduzir um vivido real passado, segundo as regras da mimesis, e o polo imaginativo do biógrafo, que deve refazer um universo perdido segundo sua intuição e talento criador. Essa tensão não é, decerto, exclusiva da biografia, pois a encontramos no historiador empenhado em fazer história, mas é guindada ao paroxismo no gênero biográfico, que depende ao mesmo tempo da dimensão histórica e da dimensão ficcional.

O biógrafo deve ter o cuidado de não ultrapassar o limite que lhe é imposto ao se deparar com lacunas deixadas pelo biografado. Preencher essas lacunas pode levá-lo a inferir situações que na verdade podem não ter acontecido e assim deturpar uma realidade que lhe parece sensata, porém pode estar mais próxima da sua realidade do que da vivida pelo biografado. O biógrafo muitas vezes deve recorrer à ficção, mas sem exageros e que seja uma ficção baseada em fatos que embora não tenham correlação direta com a história do biografado, podem preencher essas lacunas sem deturpar a história que se está investigando.

O recurso à ficção no trabalho biográfico é, com efeito, inevitável na medida em que não se pode restituir a riqueza e a complexidade da vida real. Não apenas o biógrafo deve apelar para a imaginação em face do caráter lacunar de seus documentos e dos lapsos temporais que procura preencher como a própria vida é um entremecido

constante de memória e olvido. Procurar trazer tudo à luz é, pois, ao mesmo tempo a ambição que orienta o biógrafo e uma aporia que o condena ao fracasso. (DOSSE, 2015, p. 55).

Escrever uma biografia é um desafio que só recentemente tornou-se viável. A biografia como gênero biográfico torna possível os estudos e as pesquisas de forma transversal, estabelecendo um diálogo oriundo das mais diversas interpretações. A biografia como gênero literário depende da pesquisa até onde ela é possível; daí em diante as interpretações e a imaginação do biógrafo devem preencher as lacunas deixadas pelo tempo e pela falta de documentos.

A história se fartou de não ter rosto nem gosto. Volveu ao qualitativo e ao singular. Agora, a biografia retoma seu posto entre os gêneros literários, sem no entanto renegar os vínculos que sempre teve com a moral e a imaginação. Assumindo formas múltiplas para desempenhar funções variadas e atingir públicos diversos, a biografia é, mais que nunca, o velho e arisco Proteu – que nunca deixou de ser. (GUÉNÉE, 1987 *apud* DOSSE, 2015, p. 17)

O objetivo desta tese foi seguir os “rastros” de Pedro Salles de Oliveira Mesquita por meio de seus escritos em diversos periódicos e das atividades e funções exercidas até meados do século XX e assim verificar a vida de um professor leigo na primeira república. Como objetivo específico procurou-se comprovar que Pedro Mesquita como professor leigo deixou sua contribuição para a história e historiografia da educação.

Para responder a essas questões e fundamentar esta pesquisa adotou-se o levantamento bibliográfico de periódicos como fontes de pesquisa. Com a leitura de bibliografia concernente a elaboração de uma biografia, foram definidos os procedimentos e posturas que um biógrafo deve ter ao escrever sobre uma vida. Para compreender e se imbricar no campo da biografia pesquisaram-se autores como François Dosse, cuja obra: *O Desafio Biográfico: Escrever uma vida*, nos diz que “Escrever a vida é um horizonte inacessível, que no entanto sempre estimula o desejo de narrar e compreender” (DOSSE, 2015, p. 11). O uso dos periódicos como fonte de pesquisa está embasado em *Fontes Históricas* organizado por Carla Bassanezi Pinsky onde afirma que “Historiadores trabalham com fontes. Nós nos apropriamos delas por meio de abordagens específicas, métodos diferentes, técnicas variadas” (PINSKY, 2015, p.7). Para entender os aspectos dos operários do início do século XX recorreu-se à obra *Os excluídos da história: Operários, mulheres e prisioneiros* de

Michelle Perrot (2017). Enriquecendo a pesquisa utilizou-se da obra do próprio biografado “*Por sertões e coxilhas*” onde Pedro Salles de Oliveira Mesquita por meio de escritos em um diário deixou um importante legado de sua vida no sul do país.

As possibilidades de pesquisa trazidas pela Nova História, e, particularmente pela *L'École des Annales*, permitiram olhares diferenciados às pesquisas em História da Educação, ao considerar entre outros que, o estudo das biografias problematiza e reconhece a importância dos detalhes, dos registros não oficiais, das particularidades dos biografados aspectos pouco valorizados por outros segmentos da pesquisa historiográfica (VILAS-BOAS, 2002).

A metodologia da pesquisa também se constituiu da consulta, leitura e seleção de fontes primárias como fatos, imagens, artigos de revistas e jornais. A pesquisa também se valeu de documentação, anuários, relatórios oficiais, e, teoricamente a produção bibliográfica de autores clássicos da história e da historiografia da educação. O jornal *O Operário* uma das principais fontes de consulta foi um periódico publicado na cidade de Sorocaba/SP entre os anos de 1909 e 1913. Defendia a causa operária e lutou pela redução das horas de trabalho, principalmente das crianças e experimentou várias tendências: ora se apresentava socialista depois anarquista e defendeu até mesmo ideias comunistas. Era editado em uma gráfica espírita, onde também era impresso o jornal *O Clarim da Luz*.

Referindo-se ao jornal *O Operário*, Boschetti (2014, p. 300) diz que,

A consulta de seu acervo e o teor de suas exposições não deixam dúvidas sobre seus interesses jornalísticos e as responsabilidades que assume junto aos leitores, suas problemáticas e mazelas da população em geral, particularmente a classe operária enquanto base produtiva.

A imprensa do período foi amplamente utilizada para difundir ideais, denunciar situações que afrontavam a dignidade humana, também foi utilizada para promover partidos políticos e auxiliar candidatos a ganharem a simpatia do eleitorado.

Conforme Boschetti (2014, p.3),

o advento da imprensa em terras brasileiras abriu novos caminhos à vida urbana, pois pela divulgação, tornou-se instrumento de reivindicações, popularizou ideias e, ao longo da história tornou-se aliada do desvelamento da realidade, da desestabilização de governos e mandatos políticos.

O uso da imprensa como fonte de pesquisa abre um leque de possibilidades, porém o historiador deve ter a sensibilidade de analisar a informação obtida e compará-la com o contexto da época em que foi escrita, particularmente quando quase um século separa o objeto da pesquisa do pesquisador. Saber como era o modo de vida e de pensar da população, quais intenções tinha o redator ao diagramar uma página do jornal.

Do ponto de vista da pesquisa historiográfica; o uso da imprensa permite ainda a percepção do contexto de uma época: do seu vocabulário e expressões, até usos e costumes e direcionamentos políticos e administrativos. São dilemas com que se defronta o pesquisador, qual deve ter o cuidado de não emitir sua opinião, por mais apaixonante que seja o pesquisado.

Para o desenvolvimento de uma pesquisa em história é fundamental se apropriar de fontes sejam elas primárias ou secundárias. Primeiro o pesquisador deve saber conceituar tanto uma como outra.

Segundo Abrão, (2002, p. 21),

Fonte primária ou de primeira mão - é toda fonte escrita (impressa ou manuscrita), oral ou visual que trata do tema investigado de modo direto, às vezes de maneira original ou em primeira mão. [...] Fonte secundária ou de segunda mão – é toda fonte escrita (manuscrita ou impressa), oral ou visual que trata do tema investigado de modo indireto ou em segunda mão.

Em 1930 na chamada *L'École des Annales* a pesquisa utilizando-se de periódicos já tinha sua validade. Antes disso, conforme Boschetti (2015, p. 297), “O viés positivista predominante, impedia a utilização de impressos da produção historiográfica, por considerá-lo subjetivo”.

Ainda segundo Calonga (2012, p. 80),

No século XIX a tradição positivista, restrita à descoberta da verdade, impedia a utilização dos impressos na produção historiográfica. Imaginava-se, pois, subjetivo, portanto, falsificador da realidade, o que distorcia, por assim, as imagens do passado. Restituir os tempos pretéritos implicava ao historiador rigor no distanciamento do objeto, tanto temporal quanto imparcial, tornando-se, então, tarefa fundamental para se atingir o conhecimento objetivo e verdadeiro.

O uso de periódicos na pesquisa em história tornou-se mais popular na década de 1970. Em meados do século XIX e início do século XX, os meios de comunicação

eram fundamentalmente baseados nos periódicos. Tudo o que se queria transmitir à população, moda, conceitos, opiniões, ideologias, enfim, toda a influência só era possível por meio dos periódicos.

Utilizar os periódicos como fonte de pesquisa “resultou dessa nova maneira de se pensar e de se fazer estudos e pesquisas históricas e historiográficas” (BOSCHETTI, 2014, p. 298).

E foi assim que escrevendo em jornais, emitindo opiniões, influenciando as pessoas, é que muitos personagens deixaram seu rastro na história,

Em tempos idos, com menos recursos de obtenção e divulgação, os impressos em sua maioria eram periódicos, nem sempre com circulação constante, vida longa ou participação de articulistas consistentes, isso sem considerar os aspectos financeiros relacionados à aquisição de matéria prima. Talvez por isso mesmo, o espaço dos jornais, folhetos, almanaques, fossem tão mais valorizado pela população além de, tão significativo enquanto origem de dados e registro de mentalidade de uma época. (BOSCHETTI, 2014, p. 296).

No início do século XX o Brasil já tinha uma imprensa atuante e representativa composta por jornais de grande porte: *O Estado de São Paulo* fundado em 1875, *Jornal do Brazil* em 1891, *Correio Paulistano* em 1854. Porém, também tinham vez e voz os pequenos jornais, que embora efêmeros eram profícuos em sua missão, representavam parcelas da população e muitas vezes eram extintos quando suas reivindicações eram atendidas ou por repressão por parte das autoridades.

Conforme Boschetti (2014, p. 296),

paralelamente à grande imprensa, o Brasil todo passou a ter exemplos representativos de jornais que, por outros enfoques informativos, se tornaram a voz de segmentos precisos da população ao manifestarem sentimentos e anseios de classes sociais e profissionais.

Desta feita, tanto os grandes jornais quanto os pequenos periódicos se tornaram fontes de pesquisa. Por meio deles consegue-se entender vários aspectos do passado: as reivindicações, reclamações, elogios, poemas, enfim uma gama de matérias e notas e até mesmo propagandas. Com elas consegue-se em alguns casos, preencher lacunas na história pesquisada.

“A História do movimento operário, que desfrutou de grande prestígio nos círculos acadêmicos brasileiros especialmente entre 1970 e 1990, encontrou na imprensa uma de suas fontes privilegiadas.” (PINSKY (org.), 2015, p. 119).

Em se tratando do movimento operário sorocabano no período de 1909 a 1913, o jornal *O Operário* teve uma atuação importante na divulgação de ações e reivindicações da classe operária, tornando-se desta forma uma importante fonte de pesquisa.

Ainda, de acordo com Barreira (2002 *apud* BOSCHETTI, 2014, p.4), “a intenção de tomar o jornal como objeto de estudo e pesquisa, decorre do interesse pelas investigações práticas no interior dos movimentos sociais urbanos”.

Capelato (1998 *apud* BOSCHETTI, 2014, p.13), diz que “a imprensa é manancial dos mais férteis para o conhecimento do passado, pois possibilita ao historiador acompanhar o percurso dos homens através dos tempos”.

Assim que valendo-se do espaço a ele concedido no periódico *O Operário* Pedro Salles de Oliveira Mesquita escreveu e participou ativamente durante a maior parte do tempo em que o periódico circulou, Pedro foi ainda redator de vários jornais, professor, diretor de escolas, orador, poeta, advogado, promotor público. Como “provisório” lutou em vários conflitos no Rio Grande do Sul. Os provisórios eram “tropas irregulares, legalistas, composta por civis”³ que se alistavam para defender os interesses do governo, recebiam dinheiro pelos serviços prestados além de honrarias aos que se destacavam nas frentes de batalha. Os “corpos de provisórios” eram desvantagem dos rebeldes que contavam com um contingente bem menor de homens, haja visto que não dispunham de capital para investir no arregimento de tropas. Pedro Mesquita por sua fidelidade ao governo e excelente desempenho nessas batalhas, recebeu o cargo de Promotor Público até se aposentar em 1940. Foi advogado, candidato a vereador, faleceu em Santa Maria/RS em 1951.

De acordo com Vianna (2011, p. 161), “Pedro Salles de Oliveira Mesquita, promotor público de Santa Maria apresentava “modesta capacidade profissional”, embora fosse uma personalidade magnética, dotado de qualidades superiores de oratória”.

Mesmo que se considerarmos o que diz Vianna (2011) que Pedro Mesquita tinha modesta capacidade profissional, o certo é que durante toda a sua vida desempenhou funções que deveriam ser ocupadas por profissionais devidamente formados, como por exemplo foi professor leigo ante a necessidade de ter cursado a

³ MOREIRA, Regina da Luz. Revolução Gaúcha de 1923. Disponível em:< <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/REVOLU%C3%87%C3%83O%20GA%C3%9ACHA%20DE%201923.pdf>>. Acesso em 02 set. 2018.

escola normal, foi promotor público e exerceu a profissão de advogado, inclusive com reconhecimento da própria OAB do Rio Grande do Sul que o reconheceu como advogado mesmo sem ele ser bacharel em direito, conforme atesta a nota do jornal *A Federação* na edição do dia 22 de maio de 1933, Ordem dos Advogados [...] Conceder inscrição no Quadro, com direito ao exercício da profissão no Rio Grande do Sul, aos não diplomados; antes inscritos no Superior Tribunal, [...] Pedro Salles de Oliveira Mesquita.

Oliveira Mesquita tornou-se orador oficial em eventos na cidade de Sorocaba, Itu e posteriormente foi voz ativa na sociedade santa-mariense no Rio Grande do Sul, de acordo com Dutra (2001, *apud* VIANNA, 2011, p. 161),

Era uma pessoa extremamente simpática e comunicativa, tendo o condão mágico de fazer amigos.
E como possuía grande facilidade e desembaraço para falar em público, ficou sendo, na sociedade santa-mariense, orador oficial de todos os eventos sociais, principalmente nos bailes de gala que naquela época estavam muito em moda.
Vem daí que, lá pelas tantas, o presidente do clube ou alguém por ele, fazendo parar a música, anunciava, em meio ao silêncio que então se fazia: 'Com a palavra o Dr. Promotor Público para uma saudação'. E o Dr. Oliveira Mesquita, com o brilho de sempre, improvisava sob uma chuva de palmas, recheando seu discurso com fartos poemas de sua autoria.

Esta tese faz o percurso pelas diversas fases da vida do biografado, procurando acompanhar seus passos e estruturando uma narrativa dividida em capítulos. Como a vida não é linear, não é uma tarefa fácil temporizá-la e dividi-la sob a perspectiva do recorte temporal.

Inicialmente a introdução contextualiza e fundamenta, explicando a problematização e sua fundamentação teórica.

O trabalho se desenvolve em capítulos temáticos a partir da introdução e seguindo a cronologia da vida pessoal e profissional do biografado.

O capítulo "Sorocaba onde tudo começou...(1893 - 1909)", apresenta a trajetória do biografado Pedro Salles de Oliveira Mesquita. Tomando como determinante temporal o ano de seu nascimento 1893. A história de Pedro de Mesquita se apresenta também por meio da história de seus pais, ou seja, a história familiar. E mesmo após sua morte sua história continuou, ou pela influência em seus familiares, pelos seus escritos, ações e convívio com diversas pessoas que muitas vezes tiveram suas vidas impactadas pela convivência com o biografado. O capítulo

utiliza basicamente da consulta dos jornais e das notícias trazidas pelo periódico que situou o contexto da cidade de Sorocaba. Destaca as ideias anarco sindicalistas que marcaram presença na cidade operária e nas necessidades do operário urbano.

Desta forma necessita-se contextualizar o local de nascimento do biografado para que se entenda até mesmo aspectos de sua formação e educação, aspectos estes que irão moldar e resultar em seus atos na vida adulta, pois conforme Pinsky *et al.* (2015, p. 221), “E ainda uma colocação importante: quando começa a nossa história? Nas origens familiares, no nascimento do biografado? E pode a morte ser considerada o final?”

Pedro Mesquita iniciou sua jornada no jornal *O Operário* e durante sua vida escreveu para outros diversos jornais em várias cidades, delineando uma trajetória como redator, diretor, professor e poeta.

A presença nas páginas do *O Operário* foi constante e nelas Pedro Mesquita escreveu sobre temas que lhe eram caros, como liberdade de expressão, reivindicações trabalhistas, reivindicações sociais.

O capítulo “Pedro Mesquita o professor leigo (1915 – 1926)”, traz sua trajetória pelo campo acadêmico, iniciando como professor substituto em Itu e Sorocaba e posteriormente como professor efetivo em escolas no Rio Grande do Sul, exercendo também o cargo de diretor, onde também no sul do país fundou e dirigiu um colégio a convite dos fazendeiros de Palmeira das Missões. Mesmo não tendo formação docente, atuou como professor leigo. Sua atuação à frente dos alunos ultrapassavam as questões básicas do ensino, ao se preocupar com os limites dos alunos, as condições dos familiares das crianças e a preocupação com alternativas pedagógicas que pudessem estimular um maior desenvolvimento dos alunos. A atuação de Oliveira Mesquita como professor leigo ficou registrada em notas de vários jornais que destacavam seu método de ensino, conforme dizia uma dessas notas, estampou o jornal *Cruzeiro do Sul* (ano XV, nº 3.466 de 12 de dezembro de 1917, p. 1 e 2),

Realizaram-se ante-hontem os exames da escola municipal da Terra Vermelha, regida pelo sr. prof. Oliveira Mesquita. [...] Os alumnos revelaram grande aproveitamento, o que foi motivo de satisfação para a banca examinadora, que felicitou calorosamente o esforçado educador que dirige a escola.

Embora Pedro Mesquita tenha tido contato com a Escola Moderna, portanto com os ensinamentos de Ferrer, que utilizava a Escola Moderna para difundir os

ensinamentos anarquistas, Pedro também foi influenciado pelo positivismo que era a tônica do ideário republicano.

O capítulo intitulado “Rio Grande do Sul: Por sertões e coxilhas (1923 -1951)” relata a trajetória de Pedro Mesquita enquanto combatente em favor do governo em algumas campanhas bem-sucedidas no sul do país. Sua lealdade ao governo rendeu reconhecimentos e benefícios. Ao falecer deixou um legado e uma legião de amigos, que não hesitaram em colocar o seu nome numa das principais vias da cidade de Santa Maria no Rio Grande do Sul.

Nas “Considerações finais” é feita uma última abordagem sobre as interfaces de Pedro Salles de Oliveira Mesquita, professor, escritor, poeta, combatente, promotor e acima de tudo, uma pessoa extraordinária que deixou um legado de escritos e testemunhos de sua época, pessoa que se eternizou por meio das letras.

2 SOROCABA ONDE TUDO COMEÇOU... (1893 - 1909)

Neste capítulo a tese apresenta o início de vida de Pedro Salles de Oliveira Mesquita. Como caminho convencional de biografias, tomou por princípio a data do seu nascimento, a filiação e primeiras atividades que o foram tornando conhecido nas páginas dos jornais da época, como *O Operario*⁴, *Correio Paulistano*, *O Jornal*, *Diario de Sorocaba*, *O 15 de Novembro*, *A Cidade de Ytú*⁵.

Os documentos pessoais atestam que no dia 29 de maio de 1893 nasceu em Sorocaba, São Paulo, Pedro Salles de Oliveira Mesquita. Seu pai o Major Jeronymo dos Santos Mesquita e sua mãe Florisbella Salles de Oliveira Mesquita. O pai de origem portuguesa chegou ao Brasil aos 18 anos de idade, republicano e abolicionista e a mãe natural de Tupanciretã, no Rio Grande do Sul, conforme relata O'Donnell o “Major Jerônimo de Oliveira Mesquita, português, comerciante, republicano e abolicionista” (MESQUITA, 1994, p. 13), demonstrando dessa forma que Pedro Mesquita foi educado dentro dos preceitos republicanos e abolicionistas.

O casal Mesquita teve 10 filhos, porém com a alta taxa de mortalidade infantil da época alguns faleceram ainda recém-nascidos. Pedro era o terceiro filho do casal sendo seus irmãos, Maria Helena, Maria Angelica de Mesquita, Antônio Gambetta de Mesquita, José Roldão de Mesquita e Anna de Mesquita Faigle.

Jeronymo dos Santos Mesquita pai de Pedro Mesquita, foi defensor do fim da escravidão, envolveu-se em processos defendendo escravos, como apontado na seção denominada “Secção Judiciaria” do jornal *Correio Paulistano* de 1879 há informação de que Jeronymo Mesquita estava envolvido no processo do escravo Adão, onde aparece tanto o escravo Adão quanto Jeronymo Mesquita como apelados no processo n. 571 da cidade de Porto Feliz, cidade esta que fica cerca de 58 km de distância da cidade de Sorocaba, onde Jeronymo residia. Diz a nota:

SECÇÃO JUDICIARIA
Tribunal da Relação
Sessão de 17 de outubro de 1879
Apellações crimes
N. 571 – Porto Feliz.
Apellante – O juízo.
Apellados – O escravo Adão, e Jeronymo dos Santos Mesquita.
(CORREIO PAULISTANO, ano XXVI, 18 de outubro de 1879, n. 6.871, p. 2)⁶

⁴ Respeitada a grafia da época.

⁵ Idem

⁶ Na transcrição dos textos dos jornais foi mantida a grafia original da época.

Jeronymo dos Santos Mesquita detinha a patente de major. A patente de major era concedida aos membros da Guarda Nacional que eram civis arregimentados para defender a ordem durante a regência trina, período que marcou a abdicação de Dom Pedro I em 1831 a favor de seu filho Dom Pedro II então com cinco anos de idade. A regência trina era composta pelo general Francisco de Lima e Silva, o senador Nicloau Vergueiro e o ex-ministro Joaquim Carneiro de Campos. Por insatisfações e revoltas dos militares a regência trina resolveu criar a Guarda Nacional. Segundo Schwarcz (2012, p. 89), “chamada de Milícia Cidadã, ela copiou o espírito da instituição francesa do mesmo nome, qual seja, colocar a manutenção da ordem nas mãos dos que tinham algo a defender, isto é, dos proprietários”. E continua, “para pertencer à Guarda era exigida renda de 200 mil-réis nas quatro maiores cidades e de 100 mil-réis no resto do país”.

O título de Major lhe foi concedido pela sua participação na Guarda Nacional pois na verdade o Major Jeronymo dos Santos Mesquita era oficial barbeiro tendo trabalhado na barbearia do sr. Avelino na cidade de São Paulo. Jeronymo dos Santos Mesquita também era republicano e abolicionista, conforme relato de Fernando O'Donnell “Major Jeronino de Oliveira Mesquita, português, comerciante, republicano e abolicionista” (OLIVEIRA, 1994, p. 13).

O problema em se comprovar a efetiva participação dos abolicionistas é que muitos deles procuravam não deixar muitas pistas de sua atuação, visto que não eram bem vistos pela camada da sociedade beneficiada com o trabalho escravo. Difícil era a vida de um abolicionista; recebiam todo tipo de acusação. No jornal Correio Paulistano do dia 26 de outubro de 1884, encontra-se uma nota com graves acusações aos abolicionistas. Dizia a nota:

[...] Os abolicionistas ou são dominados pela politica, por que não tendo elles prestigio reconhecido, necessitam aproveitar a oportunidade que lhes offerece o governo para... subirem e figurarem, ou são devorados pela inveja, por que semelhante batalhão de emancipadores é composto de ociosos e desordeiros (talvez haja excepção) que não tendo animo de trabalhar, querem entretanto, dificultar a marcha dos laboriosos e prejudical-os.

Os abolicionistas, em vez de prejudicarem aos proprietarios, que á medida de sua forças vão auxiliando a emancipação, seria melhor que fizessem uma propaganda para obtermos immigrants laboriosos e aptos para a lavoura.

Os abolicionistas, em vez de assaltarem os carros para tirarem escravos alheios, seria melhor que se associassem e formassem um fundo pecuniario, para comprarem dos proprietarios os escravos e libertarem-nos á... sua custa.

Os abolicionistas, em vez de andarem em patrulha apedrejando as casas dos proprietários de escravos, seria melhor que tomassem a churra e o arado para cultivarem os campos.

Os abolicionistas, em vez de aconselharem os escravos para a insubordinação e para a fuga, acoutando os criminosamente, seria melhor que tratassem de obter da presidência o concurso das cadeiras de primeiras letras, creadas para levar a luz e o pão do espirito a uma multidão de mendigos da ignorância, afim de evitarem-se para o futuro, tantos males e desgraças causadas por elles, os abolicionistas, que querem fazer cortezia á liberdade á custa do chapéo alheio. (CORREIO PAULISTANO, ano, XXXI, nº 8458, 26 de outubro de 1884, p. 2 e 3).

Se um escravo fugia, de quem era a culpa? Sim, dos abolicionistas, e estes eram procurados para dizer o possível paradeiro do escravo fugido. Encontra-se no jornal *Correio Paulistano* de 13 de maio de 1884 um destes anúncios que circulavam nessa época pelos jornais. Dizia:

ATENÇÃO

Gratifica-se a quem dêr noticias certas do lugar onde está occulta a escrava Gregoria, de idade de 24 annos, baixa, cheia de corpo, olhos grandes, bons dentes, boca pequena, bem feita de pés e mãos; e de uma menor de seis annos, que levou em sua companhia. Desconfia-se que fora seduzida do poder de sua senhora abaixo assignada, pelos taes abolicionistas d'esta capital.

Largo da Sè n. 2, em S. Paulo, 9 de Maio de 1884. E protesta com todo o rigor da lei a que a tem acoutada. Maria Thereza de J. Lopes Ferraz. (CORREIO PAULISTANO, ano XXX, nº 8320, 13 de maio de 1884, p. 3)

Os abolicionistas trabalhavam de forma que não fossem facilmente identificados, visto que ao lutarem pela libertação dos escravos, estavam indo contra os interesses de pessoas influentes e poderosas na sociedade. Inúmeros são os relatos de debates acalorados pró e contra a emancipação dos escravos, debates que não raras vezes culminavam com a morte de um dos oponentes. Verifica-se isso em uma notícia estampada no jornal *Correio Paulistano* de 3 de janeiro de 1885.

Encontrando-se com Olegario Borges de Almeida travou com este calorosa discussão accerca do projecto Dantas e das opiniões abolicionistas.

De palavras em palavras chegou a divergencia de opiniões a aggressão physica por parte de Messias, que tentou dar uma facada no seo contentor.

Este, vendo a sua vida em risco imminente, corre em retirada para a sua casa, sita na vizinhança. Messias persegue-o até ahi, mas elle, apoderando-se de uma espingarda carregada, desfecha um tiro sobre o aggressor que cahe morto com o coração atravessado pelo projectil.

Olegario logo após apresentou-se a respectiva auctoridade policial que fez recolher a prisão e procedeo as demais diligencias legais. (CORREIO PAULISTANO, ano XXXI, nº 8513, 03 de janeiro de 1885, p. 2).

A reportagem acima comprova que as discussões em torno da abolição dos escravos era uma disputa de poder e que as pessoas chegavam a vias de fato para defender sua posição contra ou a favor da libertação dos escravos.

O pai de Pedro Mesquita o sr. Jeronymo Mesquita além de se envolver nessas questões era antes de tudo barbeiro e consta que em 1877 abriu a sua própria barbearia nas imediações do Mercado Novo na cidade de São Paulo, sinalizando assim que detinha o conhecimento e habilidade suficientes para abrir seu próprio negócio. Conforme atesta um anúncio publicado no jornal Correio Paulistano,

Nova casa de Barbeiro

Jeronymo dos Santos Mesquita ex-official da casa do sr. Avelino, participa ao publico em geral e em particular a seus amigos que achasse estabelecido ao largo do Mercado Novo n. 46, onde continua a trabalhar em sua arte, e onde o encontrarão sempre prompto a servi-los.

Preços modicos, S.PAULO. (CORREIO PAULISTANO, ano XXIV, 10 de maio de 1877, n. 6.155, p. 4).

O sr. Jeronymo Mesquita, mudou para Sorocaba em busca de novos ares. Duas notas do jornal *Correio Paulistano* confirmam que Jeronymo Mesquita era conhecido em Sorocaba já em 1880. Na primeira nota com o título de “Agradecimento” o sr. Gaspar da Silva agradeceu a Jeronymo e a outros sorocabanos que o visitaram enquanto esteve injustamente preso. Em outra nota, com o título de “Sorocaba – AGRADECIMENTO” Joaquim Mondego ao visitar Sorocaba agradece a visita que recebeu de Jeronymo Mesquita e sua esposa.

Agradecimento

Os birbantes que me envolveram no escandaloso processo de fallencia de heitor Barbosa e C.^a foram derrotados!

Uma luminosa sentença do austero juiz de direito desta comarca, dr. Abilio Alvaro Martins e Castro, acaba de restituir-me á sociedade, completamente illibado.

Durante as amargas horas do carcere, recebi inequivocas provas de sympathia e honrosas distincções.

Os amigos, muitos estranhos e até alguns desaffeiçãoados me fizeram obséquios e offerecimentos e me manifestaram pezar pela infame perseguição que soffri.

Devo dizer, e com orgulho, que não tive contra mim um homem de bem. Os homens de bem, de Sorocaba, reconheciam a minha innocencia. Os forjadores do processo apenas encontraram apoio em

um magro pianista, que eu espero ver brevemente com um macaco em um realejo, offerecendo espectaculos á arraia miuda.

Hei de, vingar-me delle, dando-lhe meia pataca para cachaça.

É impossivel mencionar todas as pessoas que me obsequiaram; portanto mencionarei apenas aquellas de quem maiores favores recebi. São os srs. tenete-coronel Francisco Ferreira Prestes e capitão Antonio Gonzaga Seneca de Sá Fleury e oe meus honrados patricios José Pinto Monteiro da Silva, João Evangelista Gonsalves, Jeronymo dos Santos Mesquita, Antonio José F. Guimarães e Manoel José Bastos. (Nenhum destes é agente consular. O sr. Agente só lembra-se do cargo, quando tem de arrecadar espolios)

Tanto a esses cavalheiros com a todos os que me visitaram envio sinceros agradecimentos e offereço o meu insignificante prestimo.

Sorocaba, 1º de Maio de 1880. Gaspar da Silva. (CORREIO PAULISTANO, ano XXVII, 02 de maio de 1880, n. 7.030, p. 2).

Sorocaba – AGRADECIMENTO

O abaixo assignado recorre á imprensa para dar publico testemunho de profunda gratidão que consagra a todos os cavalheiros que o visitaram e por elle se interessaram, durante a sua estadia nesta cidade, especialmente ao honrado tenente-coronel Francisco Ferreira Prestes e virtuosissima familia, ao distincto capitão Antonio Gonzaga Seneca de Sá Fleury muito digno delegado de policia e ao generoso e serviçal sr. Jeronymo dos Santos Mesquita e sua exma esposa.

A todos offerece o seu limitadissimo prestimo em qualquer lugar onde esteja.

Sorocaba, 1º de Maio de 1880. Joaquim Mondego. (CORREIO PAULISTANO, ano XXVII, 02 de maio de 1880, n. 7.030, p. 2).

As duas notas além de comprovarem as informações de moradia do pai de Pedro Mesquita, também trazem algumas particularidades dessa época, pois talvez as visitas que recebeu no cárcere podem ter influenciado na decisão do magistrado, dando causa favorável ao sr. Gaspar da Silva. Também se observa que Jeronymo Mesquita convivia com a elite sorocabana, visto que nas duas situações descritas no jornal *Correio Paulistano*, ele estava acompanhado pelo delegado da cidade e outras personagens de prestígio na sociedade sorocabana da época.

Além de estar presente quando os amigos dele precisavam, a generosidade do pai de Pedro Mesquita o sr. Jeronymo dos Santos Mesquita também se estendia aos doentes, como dizia a nota no jornal *Correio Paulistano* sobre a doação que ele fez à Santa Casa. “O sr. Jeronymo dos Santos Mesquita fez o donativo de 522\$000 á Santa Casa de Misericordia de Sorocaba.” (CORREIO PAULISTANO, ano XXXIII, de 06 de fevereiro de 1887, n. 9.132, p. 3). O valor de 522\$000 (Quinhentos e vinte e dois mil réis) era um valor considerável, acima do salário recebido por um mês de trabalho em algumas funções. Conforme atesta a pesquisa desenvolvida por Lobo (1971) “os

salários do guarda-livros, 400\$000 réis, e do caixeiro, 100\$000 réis, permanecem idênticos em 1887, 1888 e 1889”.

Pedro Mesquita além das relações familiares também recebeu influências da época em que nasceu e cresceu, uma época marcada por profundas modificações na sociedade brasileira: fim da monarquia, início de uma nova era, onde houve a ruptura de todo um sistema. Para compreender a formação e educação de uma pessoa, precisa-se entender e analisar o contexto da época em que essa pessoa viveu, quais experiências vivenciou, quais as influências que a sociedade impingiu em sua personalidade.

Dentro desse contexto Sorocaba vivia a Proclamação da República que trouxe bons ventos para a cidade, reflexo do que acontecia em todo o país. Havia uma esperança de que a mudança de regime, ou seja, o fim da monarquia, pudesse de alguma forma trazer desenvolvimento e riqueza para a nação. Dentre os diversos textos publicados sob os auspícios da República, no jornal *O Diario de Sorocaba* sob a pena de Manuel Januário de Vasconcellos, conhecido como Maneco Januário um republicano histórico, encontra-se o texto a seguir que apresenta as expectativas depositadas na República:

Salve 1890!

Como um caminhoneiro do futuro assenta elle a sua funda sobre um campo vasto onde há muita vida e muita cousa a fazer!

A vida industrial passando por todas as suas phases boas ou más, não dispensa o seu concurso activo para a realização de importantes commetimentos que não dependem de dias, mas de annos e até de séculos para a perfectibilidade completa da existência humana.

Venha pois com a continuidade da obra do passado tomar parte commoções elétricas do progresso, que se agita como revolvendo os elementos de uma vida nova que se inicia.

Não façamos o elogio fúnebre do anno que se despede, cercado de opróbios de uns e bençams de todos: guardemos apenas uma veneração intima pelo grande centenário político da França e pelo raiar brilhante de uma nova era para o Brazil, nem formulemos previsões pelas esperanças que se aninham em nossos corações.

Não demos tempo ao tempo.

Seja a vida ativa e laboriosa do povo a melhor garantia do seu domínio, e façamos do trabalho honrado, exclusivamente do trabalho, as bases sobre que assente todo o edificio do futuro.

[...] Assim: ao saudar os nossos leitores pela feliz entrada de 1890, não podemos esquecer aquelle que nos deu o 15 de novembro, como 1831 o 7 de abril e 1888 o 13 de maio, datas gloriosas que synthetisam a soberania popular, a energia de um povo, que começou a agir contra o servilismo aviltante que o degradava.

Animados, pois, pelas esperanças do futuro nos é grato excluir como um cantigo que consagramos ao progresso: Salve, 1890!

Successor do glorioso 1889. (DIÁRIO DE SOROCABA, 01 janeiro de 1890, in CARVALHO, 2010, p. 29)

E foi nesse clima de agitação que Pedro Salles nasceu. Sorocaba em 1895 fervilhava com a instalação de novas fábricas, iluminação, bondes, enfim a assim chamada Manchester Paulista, era próspera e promissora, conforme atesta Napoleão Baldy por meio de textos publicados no jornal *O 15 de Novembro* intitulados “Viagem a Sorocaba”,

Embora, não seja uma obra o que escrevo, com tudo, no meu trabalho, trata-se de um município importante, de uma florescente cidade, a Manchester do Estado de São Paulo, não sendo de admirar que tenha uma introdução⁷.

[...] Que de evoluções para o futuro, que de movimento, que de acumulação de indústrias, que de matéria prima, de que resultará excessivo aumento à cidade.⁸

Sorocaba seguia os passos do ideário republicano que tinha como base o positivismo de Augusto Comte, articulado principalmente com a educação e era fundamentado em três pilares, o primeiro erradicar a ignorância acabando com o analfabetismo, o segundo pilar era encaminhar os cidadãos às diversas profissões e o terceiro com viés político que por meio da instrução se chegaria a consciência do cidadão de sua importância nos processos decisórios do país (MORAES, 2006).

O progresso chegou impulsionado pela política econômica proposta por Rui Barbosa então Ministro da Fazenda do governo provisório do marechal Deodoro da Fonseca. A reforma econômica proposta por Rui Barbosa era substituir o lastro-ouro por títulos da dívida federal, essa reforma ficou conhecida como Encilhamento⁹.

Embora muitos empreendimentos dessa época não tenham prosperado e diversos bancos fecharam suas portas. Em Sorocaba inúmeras fábricas foram construídas e diversos comerciantes prosperaram diante da abertura de crédito proporcionada pelo Encilhamento. Sorocaba começou a expandir com a instalação das fábricas de tecidos Votorantim, fábrica Santa Rosália e da fábrica Santa Maria, que “começaram a operar em fins de 1896. Um ano após a sua fundação, a Votorantim

⁷ O 15 de Novembro, 07/03/1895.

⁸ O 15 de Novembro, 28/03/1895.

⁹ O Encilhamento foi estimulado por um decreto que o jurista baiano Rui Barbosa, ministro da Fazenda do governo provisório, publicou no dia 17 de janeiro de 1890, sem o conhecimento dos demais colegas de ministério. Encilhamento vem do verbo “encilhar”, ato de colocar e apertar os arreios dos cavalos. Assim o decreto estimulou o surgimento de novos negócios que ao final não se sustentaram, a maioria dos novos bancos quebrou sem honrar os compromissos. (GOMES, 2013, p. 334-335).

foi ampliada com a estamperia” (SILVA, 1995 *apud* CARVALHO, 2010, p. 35). Com essa expansão a região central da cidade passa a ser mais valorizada.

A família de Pedro Mesquita desfrutava certo prestígio; morava na região central da cidade de Sorocaba, mais precisamente na rua Santa Clara número 47. Seu pai tinha o título de Major¹⁰, o que denotava ter ele realizado serviços relevantes à República. A família Mesquita tinha também grande influência na vizinha cidade de Itu, onde seu antepassado Gonçalo Couraça de Mesquita participou da elevação de Itu à Vila, em 1654 (NARDY FILHO, 2006, v. 5, p. 9).

A vida escolar de Pedro Mesquita começou no Grupo Escolar “Antônio Padilha” onde concluiu o curso primário; cursou o ginásio no afamado Colégio São Luís de Itu¹¹. Essas escolas eram consideradas na época como referência no ensino.

Pedro Mesquita desenvolveu o gosto pela leitura e a facilidade em se comunicar, fato este que o levou a desde muito jovem se envolver com redatores de jornais, principalmente com os redatores do jornal *O Operário* e consequentemente com a causa operária e com os princípios anarquistas e socialistas.

2.1 No jornal *O Operário* as primeiras manifestações (1909 - 1913)

Pedro Salles escreveu para o jornal *O Operário*¹² durante boa parte da existência desse periódico. A primeira menção a Pedro Mesquita no jornal foi na edição número 9 do dia 31 de outubro de 1909, na seção Noticiário com o título de Reunião Operária. O texto noticiava a realização de uma reunião que tinha como objetivo a criação de uma Sociedade Operária e foi presidida pelo redator do jornal *O Operário* sr. José de Castro Lima. Nessa reunião Pedro Mesquita atuou como secretário.

Reunião Operária

Realizou-se, domingo passado no salão dos Atiradores à rua de São Bento, a reunião anunciada para a fundação de uma Sociedade Operária, que tenha por fim zelar dos interesses da classe. Presente mais de cem operários, assumiu a presidência o nosso companheiro sr. José de Castro Lima, servindo de secretário o sr. Pedro Mesquita.

¹⁰ Durante o Império eram comercializados os títulos de nobreza, que perderam prestígio com a Proclamação da República. Os títulos de nobreza foram substituídos por patentes militares. Esses títulos militares eram concedidos a civis que prestassem algum serviço relevante à República. (ABREU, 2015).

¹¹ Os jesuítas fundaram o Colégio São Luís em 1867, na cidade de Itu, interior de São Paulo. Meio século depois, mudaram-se para São Paulo, ocupando um quarteirão da Avenida Paulista, a primeira via pública da cidade a receber asfalto e arborização. (<http://www.saoluis.org/o-colegio-sao-luis/nossa-historia/>).

¹² Periódico que circulou na cidade de Sorocaba entre os anos de 1909 e 1913, tinha como mote a defesa dos operários, com o jornal o movimento operário ganhou um importante aliado que lhe deu voz e atuação.

(O OPERARIO. Ano I. N. 9. 31 out. 1909, p. 3, in CARVALHO (Org.), 2007, p. 30)¹³.

Até a data da edição número 42 do dia 10 de julho de 1910, não se encontra nenhum artigo assinado por Pedro Mesquita no jornal *O Operario*. Alguns de seus textos eram assinados como P.S.O.M¹⁴ às vezes assinava como Petrus¹⁵ ou Pe. Trus¹⁶. Ao ser escolhido como secretário da reunião para a fundação da Sociedade Operária, pode-se inferir que ele era já bem próximo do jornal, visto que foi o sr. José de Castro Lima então redator do jornal foi quem presidiu essa reunião.

Pedro Mesquita começou cedo a se destacar na cidade de Sorocaba. À época dessa reunião ele estava com 16 anos. Após essa data na edição de número 42, é que Pedro Mesquita publicou um artigo e o assinou. Apesar dos ideais em defesa dos operários encampados pelo jornal *O Operario*, esse artigo não tinha nada a ver com as batalhas operárias, e sim, uma exaltação a mulher.

Nesse texto Pedro Mesquita, discordando em parte do pensamento da maioria dos homens de sua época¹⁷, porém, concordando que as mulheres eram mais coração que cérebro. Pedro exaltou a figura feminina, deixando claro que sua relação com as mulheres, principalmente as de sua família, era de carinho e afeto.

O que é a mulher?

A Zulmira

Facilmente qualquer uma das minhas leitoras com aquella graça com aquelle espirito fino e malicioso talvez me respondesse esta pergunta se a ella eu fizesse; encoanto eu porem como extasiado diante dela não a posso definir e nem a compreender. E de certo não será fácil dizer o que é a mulher, se a estudando em seus caprichos em seus desejos, em suas palavras e em seus actos em seu amor, encontra-se sempre um mysterio um abysmo insondavel um problema insolúvel. Onde chegaria se quisesse estudar a mulher? Que a leitora me perdoe. Não pretendo ir tão longe.

Aos philosophos e aos poetas compete a solução deste problema; e a mim porem, angariar a sympathia das lindas leitoras (se por acazo eu as tenho) a quem na sinceridade de minhas expansões de admiração pela mulher, a considero o centro de todas as grandes inspirações, e como sendo o foco de vida que no lar faz a felicidade da família. O amor de mãe, a dedicação de uma esposa, a ternura de uma irmã,

¹³ Nas citações referentes aos jornais da época, foi mantida a ortografia original.

¹⁴ (O OPERARIO, Ano II, nº 44, 24 jul. 1910, p. 3, in CARVALHO (Org.), 2007, p. 152).

¹⁵ (O OPERARIO, Ano II, nº 91, 18 jul. 1911, p. 2, in CARVALHO (Org.), 2007, p. 324).

¹⁶ (O OPERARIO, Ano III, nº 102, 01 out. 1911, p. 2, in CARVALHO (Org.), 2007, p. 357).

¹⁷ É um discurso naturalista, que insiste na existência de duas “espécies” com qualidades e aptidões particulares. Aos homens, o cérebro (muito mais importante do que o falo), a inteligência, a razão lúcida, a capacidade de decisão. Às mulheres, o coração, a sensibilidade, os sentimentos. (PERROT, 2017, p. 186)

tudo me faz e enleva diante de um desses anjos que mais vivendo pelo coração do que pela inteligência; fazem consistir toda sua felicidade na terra procurando a dos outros. Eis o meu pensar sobre a mulher. Não acompanho a maioria dos homens que só vêm na mulher um abysmo de males, não; vejo nella o anjo protector da humanidade o fanal nas tempestade da vida o pharol de todas as alegrias na família... Sorocaba, 7 de Julho 1910. Pedro S. de O. Mesquita. (O OPERARIO. Sorocaba, ano I, n. 42, 10 jul. 1910, p. 3, in CARVALHO (Org.), 2007, p. 144)

O jornal *O Operario* abria um espaço significativo para as articulistas femininas, muitas delas escreviam para o periódico porém utilizavam-se de pseudônimos. Conforme Valente (2014), que em sua dissertação fez a compilação de um quadro com as mulheres que escreveram para *O Operario*,

“A produção deste quadro auxiliou no mapeamento das mulheres, nove no total, sendo elas: Nelly Roussel, Elvira Boni de Lacerda, Leonina, A. Zulmira, Fausta, Joana/Jeanne Doubais, Maria Amaral, Ernestina Lesina, e uma mulher que assina como “Uma operária”.

Pedro Mesquita tinha contato com a maioria dessas mulheres e sobretudo as respeitava e sempre em seus textos fazia exaltação à mulher.

Na edição número 85 publicada em um domingo dia 28 de maio de 1911, o jornal *O Operario* estampou em sua primeira página um texto de Pedro Mesquita intitulado “Em defesa da mulher”, indignado com a situação das operárias, inconformado por trabalharem 15 horas por dia e levantarem-se por volta das cinco horas da manhã além de enfrentarem o frio e os mau tratos dos mestres e contramestres. Nesse texto ele reuniu dois elementos que iriam permear sua vida, as mulheres e o movimento operário. Ao defender as mulheres operárias ele atraiu para si a afeição delas.

Em defesa da mulher

Manhãs de inverno.

Quando as filhas dos ricos aproveitam esta Estação para levantarem-se as 8 horas, as pobres moças operarias seguem as 5 horas no rigor do frio para as fabricas.

Oh! Vós que sois felizes, ideis num dia, só por curiosidade presenciar os martyrios d'uma fabrica, lá haveis de ver o quadro mais triste que possa imaginar, haveis de ver uma multidão de moças que na primavera da vida passam trabalhando afim de ganhar o negro e ingrato pão quotidiano.

Coitadas!... entram as 5 horas da manhã e sahem as 7 horas da noite maltratadas pelos mestres e contra-mestres, ganham uma miseria, soffrem tudo isso com uma reziguação evangélica.

É preciso que os proprietários das fabricas de tecidos de Sorocaba saibam que no Brasil já não pode haver escravos, quanto mais escravas.

A mulher, é um sêr fraco, a mulher necessita de carinhos uma mulher não póde trabalhar 15 horas por dia n'uma fabrica.

É preciso haver mais generosidade da parte dos srs. Burgueses, porventura as operarias não seram tão dignas como aquellas que frequentam as sociedades?

Para as moças ricas, ha carinhos, ha affectos, tem os defensores, ellas que nada soffrem, ellas que vivem na mais completa felicidade, e para as pobres só ha ingratidão...

Pobres companheiras, um dia hade raiar o sol mensageiro da felicidade para a nossa classe. Esperae, não hade tardar. (O OPERARIO. Sorocaba, ano II, n. 85, 28 mai. 1911, p. 1, in CARVALHO (Org.), 2007, p. 305).

Dentre os acontecimentos que relatam a vida de Pedro Mesquita no jornal *O Operario*, a morte de sua irmã mais velha, o jornal comentou esse episódio. Essa informação apareceu em uma pequena nota do jornal *O Operario* em sua edição número 89 do dia 02 de julho de 1911, em uma coluna denominada “Fallecimentos”; era ela mais velha dos irmãos, tinha 26 anos quando faleceu, ele tinha 18 anos.

Fallecimentos

- Com a idade de 26 annos faleceu no dia 19 do mez passado a estimada senhorita Maria Angelica de Mesquita, filha extremosa do snr. Jeronymo S. Mesquita, e irmã dos nossos amigos, Antonio G. de Mesquita, e Pedro S. de O. Mesquita. (O OPERARIO. Sorocaba, ano II, n. 89, 02 jul. 1911, p. 2, in CARVALHO (Org.), 2007, p. 318).

Ainda, em relação à sua família, Pedro Mesquita parabenizou sua mãe pela passagem de seu aniversário, em texto estampado na edição número 117 do dia 14 de janeiro de 1912, referindo-se que a mãe fizera aniversário no dia 06 de janeiro. Nesse texto ele deixou transparecer a admiração por sua mãe:

6 de Janeiro

Completa hoje mais um ano na sua santa existência a minha mãe Florisbella Salles de Oliveira Mesquita. Mãi!... No dia dos teus anos, que queres que eu te diga. O teu filho no dia de hoje immerge-se n'uma funda tristeza justamente quando devia tornar-se alegre.

Sim triste, por não possuir thesouros para deposita-los aos teus pés. Mas n'essa impossibilidade cruel, ele deposita na tua testa de mãi santa, o osculo filial.

Recebe pois, Mãi carinhosa no dia de hoje, a expressão mais sincera do coração do teu pobre filho. Só tu querida “Madre mia” és santa, és meiga, és bôa, meu único amor!...

Quisera colocar-te n'um sacrario e idolatrar-te como si fosses verdadeiramente divina. Ave Mãi querida. A tua cabeça alva como a neve, signal de tantos sofrimentos, representa o symbolo do Bem.

No dia de hoje peço a Deus que prolongue a tua existência sempre cheia de saúde e felicidade para que eu possa sempre receber de ti o consolo, o lenitivo para minha alma sofredora.

Mãe!... Bendicta sejas tu.

Terra das Lágrimas. (O OPERÁRIO. Sorocaba, ano III, n. 117, 14 jan. 1912, p. 2, in CARVALHO (Org.), 2007, p. 402).

Quanto ao seu pai, o Major Jeronymo dos Santos Mesquita, mesmo não o citando em seus artigos Pedro Mesquita, foi grandemente influenciado por sua atuação como republicano e abolicionista. Vários dos textos de Pedro Mesquita abordavam a condição análoga a escravos vivenciada pelos operários. No primeiro texto em que ele assumiu a autoria, Pedro parabenizou o jornal *O Operário* pelo primeiro ano de operação, e comparou os operários a escravos, desejando ardentemente a liberdade acreditando que se eles se unissem, conseguiriam combater os burgueses, que os associava a morcegos. Em artigo intitulado “Salve 18 de Julho de 1910” edição 43 publicado em uma segunda feira dia 18 de julho de 1910, Pedro Mesquita começou a árdua batalha de defensor dos fracos e dos operários.

Salve 18 de Julho de 1910!

Desfolha hoje mais uma pagina, no livro de sua preciosa existencia, o nosso defensor dos fracos, “O Operário”. Surgiu para defender a classe operaria de Sorocaba, a qual estava sendo explorada pelos burgueses, os morcegos que comiam esta terra.

Nós os operarios desejávamos ter um órgão para nosso defensor e esse nosso desejo realizou-se: o órgão appareceu cheio de coragem na arena e a imprensa devido a iniciativa de um grupo formado dos nossos mais valentes companheiros. (O OPERÁRIO. Sorocaba, ano II, n. 43, 18 jul. 1910, p. 2, in CARVALHO (Org.), 2007, p. 147).

O jornal *O Operário* era bem polêmico, visto que defendia ora ideias anarquistas, ora socialistas e comunistas. Trazia trechos em que fazia referência a Deus. Era um jornal impresso em uma gráfica espírita, onde se editava e imprimia o jornal *O Clarim da Luz*, numa complexidade de ideologias e pensamentos. Pedro Mesquita ia de texto em texto moldando sua personalidade e sendo “contaminado” por essas diversas tendências, sendo a Escola Moderna¹⁸ a que mais impactou em sua defesa dos operários.

A escola moderna proposta por Ferrer¹⁹ era o exato contraponto da escola em que havia estudado e que abominava: uma escola centrada nos dogmas religiosos,

¹⁸ A Escola Moderna seguia os princípios de seu fundador o professor espanhol Francisco Ferrer (1859 – 1909).

¹⁹ Professor espanhol Francisco Ferrer (1859 – 1909)

com os alunos fechados entre quatro paredes, em condições insalubres e sem higiene, organizada segundo um sistema meritocrático que premiava os acertos e castigava os erros e as falhas. A Escola Moderna era um local amplo e arejado, com salas bonitas e bem decoradas, espaços múltiplos e pátios externos, para atividades ao ar livre. Além disso, eram frequentes as atividades fora da escola: visitas a fábricas, passeios pela praia para estudar a geografia local e assim por diante. (GALLO, 2013).

Francisco Ferrer considerava a necessidade de se educar as mulheres da mesma forma que se educavam os homens; pregava a coeducação dos sexos e tinha como proposta pedagógica utilizar jogos para tornar o ensino mais atrativo; também orientava que as escolas abrissem aos domingos.

O projeto fundamental da vida de Francisco Ferrer Guardia com a Escola Moderna, aberta em Barcelona, na rua Bailén, número 56, em 1901. “ Um ensino inspirado pelo pensamento livre será realizado, através da prática da coeducação dos sexos e classes sociais, a insistência na necessidade de higiene pessoal e social, a rejeição de exames e qualquer sistema de recompensas e punições. e a abertura da escola à dinâmica da vida social e do trabalho, e com a organização das atividades de descoberta do ambiente natural, as crianças terão uma liberdade incomum, jogarão jogos e exercícios ao ar livre, e um dos eixos de aprendizagem serão seus próprios ensaios e comentários sobre essas experiências, uma ruptura verdadeiramente revolucionária com os métodos tradicionais. Na Escola Moderna serão organizadas as conferências dominicais, entendidas como uma extensão educacional para as famílias, com o apoio e a intervenção de personagens como Odón de Buen ou Santiago Ramón y Cajal, de um prestígio científico universal. A sensibilidade pedagógica estará ligada ao ideal de emancipação da raça humana, típico das correntes libertárias para as quais derivará o compromisso político de Francisco Ferrer Guardia. Será um exemplo retumbante da estreita relação que o pensamento anarquista manterá com o horizonte de um ensino renovado, considerado como um meio fundamental para acessar a libertação do indivíduo de qualquer submissão..²⁰

Além da influência dos ideais anarquistas e as propostas libertadoras da Escola Moderna, Pedro Mesquita influenciado pela atuação de seu pai frente ao abolicionismo, tanto é que no dia 13 de maio de 1911, na edição número 83 do jornal *O Operário*, expressou sua preocupação com a instrução da classe operária em um texto onde mais uma vez, relacionava os operários aos escravos. Ele concluiu que somente o acesso à instrução poderia “iluminar” a mente dos operários e fazê-los compreender de que poderiam se libertar dessa “escravidão” defendendo seus

²⁰ Disponível em:< <http://www.ferrerguardia.org/es/la-escuela-moderna>>. Acesso em: 02 set. 2018.

direitos. Por ter estudado em bons colégios onde recebeu excelente instrução, e influenciado pelos ideais da Escola Moderna, ele incentivava aos pais que colocassem seus filhos na escola. Sob o título de Liberdade e Instrução, Pedro Mesquita deixou seu recado:

Liberdade e Instrução

Sorocaba, terra tão bella, berço de grandes batalhadores como Raphael Tobias, Rodrigues dos Santos, e tantos outros que deram seus nomes a historia patria, tambem devia orgulhar-se em ser o fóco da liberdade...

Mais infelizmente da-se o contrario: O povo pobre vive agrilhado por pesadas algemas como escravos do passado.

Os operarios, o elemento progressista desta terra vivem amordaçados, exaustos de baixo do fogo infame da oppressão sem ideia sem liberdade, não passando de simples instrumentos dos burguezes.

Existem em Sorocaba diversas fabricas que trabalham 15 horas por dia, como se os operarios fossem de ferro, fossem machinas, os seus proprietarios não se lembram que o operário é um cidadão livre e que tem o direito sagrado de exigir aquillo que for de lei.

O operário precisa de descanso para se instruir para que saiba defender os seus direitos precisa cuidar da educação dos seus filhos porque assim como os ricos mandam os seus a escola tambem elle os deve mandar.

Quantas notabilidades não tem dado a classe pobre?...

Dizia o grande Lamartine: "Os maiores sabios sahem do nada".

Por isso meus companheiros, deveis mandar os vossos filhos a escola para que elles vejam a luz da verdade e da razão.

É triste, doloroso, ver-se multidão de creaturinhas desde as 5 horas da manhã até as 7 horas da noite n'uma escura fabrica de tecidos expostos ao frio com risco da própria vida, quando nessa idade tão bella podiam gozar a felicidade d'uma escola.

Paes que tendes filhos: Olhae por elles mais tarde elles vos bendizerão.

Nada devemos esperar da sociedade ella é falsa e ingrata, ella nos despresa porque somos pobres ella somente abre os seus braços aos filhos dos abastados a essa orla de bonecos enfeitados, essa cohorte de bôbos que vivem a escarras nas faces da humanidade. Sorocaba.

P. S. O. Mesquita (O OPERARIO. Sorocaba, ano II, n. 83, 13 mai. 1911, p. 1-2, *in* CARVALHO (Org.), 2007, p. 299-300).

Tomando partido na defesa dos operários, consequentemente passou a atacar os proprietários das fábricas, dizendo que se pareciam com morcegos, comparando-os com os proprietários de escravos do passado com toda a sorte de ofensas. Muitos deles sentindo-se ofendidos, reclamavam com os delegados de polícia ou até mesmo prestavam queixa. Assim no dia 29 de maio de 1911 Pedro Mesquita e mais alguns companheiros foram presos, exatamente no dia de seu aniversário, no dia em que completou 18 anos.

Essa prisão muito o revoltou, tanto que no dia 4 de junho de 1911, ele publicou no jornal *O Operario* um artigo intitulado “Aos meus conterraneos”, no qual ele começou se defendendo das acusações de grevista e anarquista que o levaram à prisão. Nesse texto Pedro Mesquita reclamou que enquanto os jovens da idade dele estavam em saraus e orgias, ele estava lendo livros e estudando para defesa dos operários e que isso ao seu ver, deveria ser motivo de orgulho e não de desprezo,

Aos meus conterraneos

Não ha causa mais árdua, não ha campanha mais ingrata que a defesa da classe operaria.

De um lado a sociedade nos escarnecendo zombando dos nossos sacrificios, de outro a burguezia, os patrões sem almas e hainda depois desses, o vendaval sanhudo da politica... infame.

Não trepidam em taxar-nos de grevistas anarquistas e etc., quando nada disso somos.

Não ha nada mais bello e mais necessario do que o trabalho, é elle que nos ensina e nos illumina o caminho da honra.

Sim, devemos ser trabalhadores devemos ser operarios, mais o que nos envergonha é sermos escravos.

Sim, escravos, porque o operário hoje não passa de um mizero escravo.

E é essa a causa que defendemos, desejamos ser livres, porque somos homens, somos mais dignos de que nenhum outro de sermos bem tratados.

É preciso que attendam os nossos rogos, é preciso que nos livrem dessa miséria, é preciso que nos ouçam quando tivermos razão ou uma reclamação.

Heide lutar pela minha classe ate vel-a na altura em ella merece estar.

Não é por sermos pobres que havemos de viver como os cães implorando óssos.

Que importa que eu seja despresado pela sociedade!...

Amo Sorocaba, este meu berço idolatrado, como o primeiro beijo que recebi de minha bôa, santa, e carinhosa mãe, e por isso não quero vel-a com o sello maldicto da opressão...

Acima de todos os despresos e ingratidões, está o cumprimento do dever.

Não é por que ter a felicidade de possuir um bom patrão, o exemplo entre todos os que existem em Sorocaba, que eu heide abandonar aquelles que infelizmente possuem maus, patrões sem almas.

Enquanto os moços desta terra, meus conterraneos, passam as noites em saráus e orgias na sociedade, eu as passo debruçado sobre os livros estudando para defesa da minha classe.

Eu odeio a sociedade, porque vejo nella o tumulto da honra e da virtude.

Eu odeio a sociedade porque nella reina o orgulho maldicto, e a vaidade estúpida.

Pobre nasci, pobre heide viver, nada almejo a não ser a felicidade para minha classe. Sorocaba. P. S. O. Mesquita. (O OPERARIO. Sorocaba, ano II, n. 86, 04 jun. 1911, p. 2, in CARVALHO (Org.), 2007, p. 309).

Mesmo após a prisão, Pedro Mesquita continuou escrevendo suas críticas no jornal *O Operário*, incentivando a reivindicação dos pedreiros de Sorocaba, que iniciaram a luta pela redução da jornada de trabalho, para oito horas diárias. Em um artigo publicado na primeira página. Intitulado “Aurora da liberdade”, neste artigo ele incentiva a luta dos pedreiros, “Os valentes pedreiros querem todos unidos lutar pelas 8 horas de trabalho” (O OPERARIO. Sorocaba, ano II, n. 91, 18 jul. 1911, p. 1, *in* CARVALHO (Org.), 2007, p. 323), artigo que ele assinou como “P. Trus”. Na grande maioria dos textos seguintes ele evitava colocar seu nome completo, assim as vezes encontra-se “Petrus”, “P.S.O.M”. Em textos mais leves, encontra-se ainda “Oliveira Mesquita”; era essa uma forma de tentar evitar possíveis represálias.

Descrevendo os sentimentos do período da prisão, um dos aprisionados, escreveu um texto que foi publicado no jornal *O Operario* na edição de número 87 no domingo dia 11 de junho de 1911, assinando como “S. Sobrinho”. O autor desse texto com o título de “Fragmento” dedicado ao “Ao jovem Pedro S. O. Mesquita”, descreveu as angústias e os medos que sentiram no cárcere. O autor do texto além das lembranças de sua mãe querida, que pela descrição do texto, faleceu ainda jovem “de cabellos soltos, pretos, luzentes”. Provavelmente influenciado pela preocupação que Pedro Mesquita teve com sua mãe, que tanto amava, o autor do texto assim se exprimiu:

FRAGMENTO

Ao jovem Pedro S. O. Mesquita.

Negras nuvens no céu se aglomeravam.

Uma como que funérea a tarde ia aos poucos se formando, acompanhada de uma rajada inpetuosa e fria, que agitava com excesso o laranjar florido, anunciando proxima tempestade...

As aves immudeceram: a metamorphose da tarde era qual noite sem estrellas...

No firmamento, os zigs-zags dos relampagos pareciam na illusão d’optica , - incendia-lo...

Lúgubre tarde, tarde pejada de tristíssimas reminiscencias!

Lembrava em minha saudosa mãe, das suas historias, dos seus contos que tudo eram ensinamentos, que tudo inspiravam, em epitome, amôr de mãe para com seu filho!...

Seus carinhos, jamais posso esquece-los: frequentemente surge-me á idéia o seu ultimo dia sobre a terra:

Vejo-a prostrada num caixão estreito, pallida, inerte, vestida de azul qual manto de Maria; de cabellos soltos, pretos luzentes; a face alva tal qual as grandes vellas que a sua cabeceira ardiam lentamente...

Todas essas recordações passavam-me pela memória, deixando-me inteiramente convencido que ella, ,minha saudosa e inesquecivel mãe, junto a mim se achava.

Lá fora a chuva com mais intensidade cahia e os relâmpagos ainda continuavam incendiar o firmamento... 2 – 6 – 1911 S. SOBRINHO (O OPERARIO. Sorocaba, ano II, n. 87, 11 jun. 1911, p. 2, in CARVALHO (Org.), 2007, p. 309).

Esses acontecimentos fortaleceram em Pedro Mesquita a ideia de defensor dos pobres e oprimidos operários. Em textos seguintes em um tom mais duro, ele voltou a atacar os industriais da época. Na edição do *O Operario* de dia 06 de agosto de 1911 em sua primeira página, Pedro Mesquita publicou um texto denominado “Pelas fabricas” onde conclamou os operários para que se revoltassem contra as atrocidades impostas a eles, como por exemplo, trabalharem 15 horas por dia.

Mostrando-se determinado a defender a classe operária, ele enfrentou os industriais da época dizendo que não tinha medo de suas ameaças, dizendo:

Pelas fabricas

D'entre todos os operarios que necessitam de melhorias de condições, os de Fabricas, estão em primeiro lugar. São elles que labutam desde as 5 horas da madrugada até as 8 horas da noite, nessas escuras Fabricas ou melhor que se diga, nesses focos de tuberculose.

Appellamos para que os homens de caracter para aquelles que não vivem explorando os operarios nos respondam, se temos razão ou não, em combater os actos daqueles que vivem sugando, do operário, a ultima gotta de sangue, daqueles que ficam milionários a custa dos suores dos nossos corpos.

O nosso dever havemos de o cumprir, não hade ser os arreganhos dos que possuem ouro que nos fará retroceder da linha que traçamos. O operariado, é victima dos mais torpes abusos, e das mais dolorosas ingratidões.

Por exemplo: o horario demasiado, 15 horas por dia, um absurdo tão grande como o mundo inteiro.

Nós, os defensores dos operarios não arredamos um só passo da linha de combate...

Somos escravos da ideia, por ella havemos de lutar.

Na grande fabrica do Votorantim, os operarios trabalham 10 horas por dia, e no meio dia hainda teem um descanso para tomarem café, elles são bem pagos vivem quasi felizes...

E porque motivo os daqui, os das Fabricas Sta. Maria, Sta. Rosalia, Fonseca, são obrigados a trabalharem 15 horas por dia, maltratados impiedosamente, pelos mestres e gerentes e vivem n'uma miseria eterna?!...

A diferença é a seguinte:

É que para lá não voam esses morcegos que sugam os operarios daqui.

É que para lá não vai a sombra negra de um Cugnasca, ou de um Fletcher...

É porque lá existe um pouquinho daquillo que se chama solidariedade, cousa que entre os daqui não ha...

Temos razão ou não?...

Nos que luctamos em pról dos fracos, queremos que a bandeira da “Liberdade, Trabalho e Instrução” tremule nos portões de cada Fabrica desta cidade.

Por essa bandeira, por esse lêma sublime iremos até ao sacrifício... O operariado, é um leão que dorme... mas que um dia hade acordar lançando abaixo a bastilha dos exploradores.

Nós precisamos trabalhar, pois no trabalho nascemos, e delle é que vivemos, mais o que não podemos tolerar, é, os proprietarios de fabricas obrigarem os seus miseros empregados a trabalharem 15 horas por dia, ganhando os mesmos uma miseria.

A nossa questã, é nas Fabricas de tecidos, porque é nellas que labutam pela vida milhares de jovens expostas a tuberculose e as engrenagens das machinas.

Porque é nellas que vivem essa immensidade de meninos pobres que necessitam da luz bendicta da instrução, o guia abençoado na estrada da vida.

Snrs burguezes... Que V. S. encham as sua algibeiras é de lei: mas que maltratam os seus empregados, é malvadez.

Por acaso, Snrs. capitalistas não são V. S., filhos?... e não são tambem pais?...

Pensem bem as suas conciencias (si as tendes) e nos respondam se temos razão ou não!...

-P. S. O. M. – Sorocaba – 7-1911 (O OPERARIO. Sorocaba, ano III, n. 94, 06 ago. 1911, p. 1, *in* CARVALHO (Org.), 2007, p. 332).

Nesse artigo Pedro Mesquita ainda comparou a situação dos operários com aqueles da Fábrica Votorantim²¹, onde o horário de trabalho não excedia 10 horas, e ainda contemplava no meio do dia um horário para tomar um café. Citando nominalmente as fábricas Santa Maria, Santa Rosália e a Fonseca²², ele diz que na fábrica do Votorantim as condições são melhores.

Pedro Mesquita voltou a defender que por meio da instrução e do acesso aos estudos, o operariado despertaria para uma consciência libertária e que, ao ter acesso à instrução, os operários adeririam à luta contra os que os exploravam, “Nos que luctamos em pról dos fracos, queremos que a bandeira da “Liberdade, Trabalho, e Instrução,” tremule nos portões de cada Fabrica desta cidade”. Prometia estar disposto a tudo para alcançar esse objetivo.

Sua preocupação com a falta de instrução ficou evidente nesse artigo, onde mais uma vez ele citava a necessidade de que os operários e principalmente as crianças tivessem acesso às escolas.

²¹ A Fábrica Votorantim localizada em Votorantim que na época ainda era um bairro da cidade de Sorocaba. Votorantim conseguiu sua emancipação política em 27 de março de 1965.

²² A Fábrica Santa Maria era localizada na região do Além Ponte, a Santa Rosália no Além Linha e a Fonseca na região central da cidade sendo referência na economia têxtil da cidade e do estado paulista.

No dia 13 de agosto de 1911 o jornal *O Operario* publicou um artigo de Pedro Mesquita intitulado “Victoria Sacrosanta”, onde ele relata o fim de uma greve dos tecelões, com a vitória destes, “Terminou a grêve dos tecelões, com a victoria esmagadora para os mesmos” (O OPERARIO. Sorocaba, ano III, n. 95, 13 ago. 1911, p. 1, in CARVALHO (Org.), 2007, p. 335). Mais uma vez fez a referência à escravidão, tema que lhe era recorrente, devido a participação do pai nas lutas pelo fim da escravidão. “Enfim todos os operarios de Sorocaba honraram a Classe, libertando os seus colegas das garras aduncas da nefanda escravidão moderna” (O OPERARIO. Sorocaba, ano III, n. 95, 13 ago. 1911, p. 1, in CARVALHO (Org.), 2007, p. 335)

Ainda exultando pela vitória da última greve onde os operários conquistaram o direito as 10 horas de trabalho, Pedro Mesquita publicou no jornal *O Operario* no dia 20 de agosto de 1911, sob o título “Por entre os échos da victoria”, outra reivindicação, a de que as crianças proletárias tivessem acesso à escola, pois somente a instrução livraria a massa operária dos grilhões da escravidão. Transcrevendo um trecho desse artigo tem-se a exata dimensão de sua preocupação com o analfabetismo que se abatia sobre a classe trabalhadora.

[...] Outr’ora era-mos uma triste e infeliz massa de escravos que gemiam sob o peso dos gruilhões, hoje somos cidadãos livres, e por isso precisamos fazer valer os nossos direitos.

Escola para operarios, è a cousa mais necessaria e mais santa que se possa imaginar, porque “cada escola que se abre, è um carcere que se fecha” é n’ella que se aprende a ver a luz, é n’ella que se reconhece o valor da liberdade.

Mais de uma vez temos dicto; o homem analphabeto é um ente infeliz, nunca poderá passar de um escravo, porque elle não sabe usar de seus direitos.

Existem nessas Fabricas de tecidos uma enorme quantidade de creanças que estão na idade de frequentarem escolas.

Coitados... criam se nas Fabricas tornam se homens nas mesmas passam a quadra mais feliz da existencia – a mocidade, n’esses antros de entorpecimento, sem nunca lembrarem-se que com a instrução e a força de vontade poderiam melhorar as suas sortes. (O OPERARIO. Sorocaba, ano III, n. 96, 20 ago. 1911, p. 2, in CARVALHO (Org.), 2007, p. 339).

A partir da edição 97 do dia 27 de agosto de 1911, Pedro Mesquita começou a publicar no jornal *O Operario* uma coluna com o nome de “Notas... a vapor” que ocorreram de forma quase que ininterrupta até o dia 12 de maio de 1912. Foram exatamente 20 publicações das 36 edições que circularam neste período.

A participação de Pedro Mesquita nas folhas do jornal *O Operário* se tornou frequente e constantemente sua presença em eventos era noticiada nas páginas do jornal. Sempre de forma elogiosa o editor do jornal se referia a Pedro Mesquita, como um jovem brilhante e eloquente, representante do jornal em diversos acontecimentos.

Na edição 130 do dia 1º de maio de 1912 Pedro Mesquita publicou um texto referente à data comemorativa ao dia do trabalhador intitulada “1º de Maio – Companheiros?”. Nesta mesma edição noticiava duas participações dele em eventos: a festa promovida pela Liga Operaria de Sorocaba, em que faz referência a Escola Moderna mantida pela Liga e que tinha a sua frente o Professor Joseph Revier.

Diz o texto:

Com desusado brilho e bella concurrencia realisou-se sabbado 20, umas das festas mensaes com que aquella *Liga* obsequia seus associados.

Grande numero de Senhoritas e de distinctos collegas divertiram-se alegremente até alta madrugada do dia seguinte.

Continua em plena atividade a escola mantida pela Liga e a cargo do emérito professor Snr, Joseph Revier, que já conta um grande numero de alumnos, sendo digno de nota o empenho daquelle distincto mestre em inculir o Ideal da verdade, da Luz no cerebro dos pequenitos Operarios.

Ao contrario do que ocorre por hai, o bom professor so pensa em ensinar o Bem aos seus amados alumnos com um carinho paternal digno de exemplo.

N'uma visita que o nosso companheiro P. S. de Oliveira Mesquita, fez aquella casa de Luz, poude trazer o mesmo a mais funda impressão toda cheia de applausos a boa administração da mesma.

Á directoria da “Liga Operaria” ao abalisado professor Joseph Revier nosso querido collaborador, os nossos votos [...] de felicidades. (O OPERARIO. Sorocaba, ano III, n. 130, 01 mai. 1912, p. 1, in CARVALHO (Org.), 2007, p. 440).

Outra participação do Pedro Mesquita, foi em uma festa promovida pelo “Club Recreativo Operario Votorantim”. Mais uma vez o jornal fez referência a ele e sua participação deixando a todos entusiasmados com os seus discursos.

[...] Falou fasendo entrega das citadas ofertas, em nome dos sócios, o nosso bom *camarada* Oliveira Mesquita ao que o digno presenteado em palavras repassadas de entusiasmo e ao mesmo tempo de comoção respondeu agradecendo prometendo envidar todos os seus bons esforços em pról daquelle *Club*. As suas ultimas palavras foram abafadas por uma tempestade de applausos. (O OPERARIO. Sorocaba, ano III, n. 130, 01 mai. 1912, p. 1, in CARVALHO (Org.), 2007, p. 441).

Aproveitando a data de 13 de maio, Pedro Mesquita tecia suas críticas ao sistema industrial que segundo ele escravizava os operários. Nota-se uma influência abolicionista do pai Jeronymo dos Santos. Desta feita ele chamou os industriais de escravocratas modernos que mesmo não tendo mais o “morão” para os açoites, continuavam a oprimir o povo, agora com a opressão de ideias. Sob o título de “13 de Maio” segue o texto que é rico em críticas e dá a dimensão da revolta que Pedro Mesquita nutria contra os industriais de sua época. Colocando-se como “apóstolo da liberdade”, ele começou o texto dizendo que essa data não é comemorada e, sim, esquecida:

13 de Maio

Comemora-se, ou melhor digo olvida-se amanhã a sacrossanta data Treze de Maio aniversario da emancipação da raça preta no Brazil.

13 de Maio! Aurora benedicta portadora da Liberdade d'um Povo que gemia sob o peso da mais infame, da mais negra de todas as escravidões.

Já se lá vão vinte e quatro annos e ainda echôa no coração brasileiro o som festivo e jubiloso desse grande dia o maior de todos da America do Sul.

Escravidão! Nome maldicto e negregando, em si, reúne todas as desgraças todo o horror da humanidade!

A data de amanhã èra de dever sagrado de todos brasileiros, n'um só amplexo n'um sô sentimento veneral-a.

Mas qual!... a ingratidão humana campeã aos quatro angulos da terra!...

Não há luta mais tictanica, mais ardua, que a luta pela liberdade d'um povo.

Soffrimentos, agruras, desgostos, despresos cadeias, lagrimas e patíbulos; são as imagens negras que perseguem tenazmente os apostolos da liberdade!

Salve 13 de Maio!

Sol sciubilante cujos raios ardentes illuminaram o céu de minha Patria...

Aurora benedicta, lançaí sobre o povo que soffre ainda hoje, sob o peso da segunda escravidão, a escravidão moderna, os reflexos de tua luz para que o illumine afim de poder lutar pela liberdade.

Hontem, eram os pretos que viviam sob o sibilar dos açoites e o espadanar do sengue; e hoje são os brancos e é emfim todo aquelle que necessita de lutar pela conquista do pão.

Não há mais o maldicto *azourrague*, não há mais o denegrido *morão* mas, hà a opressão de Ideia, há o carrancismo burguez, os escravocratas modernos, que procuram lançar o povo pobre ao maior e mais negro de todos os degredos – a fome!

Sobre a campa dos abolicionistas que se foram, um rosario de lagrimas, e um punhado de flores e aos que ainda vivem trilhando a estrada da vida, assistindo lacrimosos a ingratidão e o esquecimento d'um povo, um *bravo!*... P. S. Oliveira Mesquita. Sorocaba, 13-5-1912.

(O OPERARIO. Sorocaba, ano III, n. 132, 12 mai. 1912, p. 1, *in* CARVALHO (Org.), 2007, p. 446).

Na edição 133 do *O Operario* do dia 19 de maio de 1912, na secção denominada “Secção Livre”, Pedro Mesquita publicou uma nota dizendo que estava recebendo ameaças anônimas, transcrevendo uma delas, para mostrar a verdade e que não temia tais ameaças, tornando público seu endereço,

Conspiração?!...

Desde a muito que tenho recebido varias cartas anonymas, umas ameaçando-me com pancadaria e outras até (caspite) com a morte... mas nunca liguei a menor importancia as mesmas porque sempre tenho em mira o fiel cumprimento do Dever.

Transcrevo uma dellas, recebida hontem annunciando-me o seguinte “ Mesquita!

Abra os olhos teus, tramam uma conspiração medonha contra ti.

Um amigo teu, do coração.”

Declaro somente que não serão arreganhos que farão-me retroceder da linha traçada.

Ao amigo, ou não, que na missiva ultima me avisou, direi que desde já vou fazer meu *testamento* e que não será esquecido por mim, aos *conspiradores* deixarei o meu grande despreso.

Estou as ordens...

Pedro Salles de Oliveira Mesquita.

Rua Sta Clara 47 Sorocaba. (O OPERARIO. Sorocaba, ano III, n. 133, 19 mai. 1912, p. 3, *in* CARVALHO (Org.), 2007, p. 451).

Continuando sua luta “sacrossanta” pela classe operária de Sorocaba, Pedro Mesquita foi colecionando elogios e também inimigos. O certo é que seus discursos sempre recheados de duras críticas aos empresários, o tornaram admirado pelos seus companheiros de luta. Os discursos proferidos por ele, sempre eram descritos nas páginas do *O Operario* como eloquentes e seguidos de aplausos entusiasmados por parte dos ouvintes. Na edição número 134 do dia 26 de maio de 1912, o jornal citava uma reunião que ocorria mensalmente nas dependências da União Operaria, na reunião de 18 de maio o texto recorre mais uma vez à “Escravidão moderna”:

União Operaria

Com assistencia de um elevado numero de socios e socias e gentillissimos convidados, realizou-se sabbado 18 do corrente a costumada *Velada mensal da União Operaria* d'esta cidade.

As 9 horas da noite deu-se o inicio a uma brilhante sessão litteraria onde fallaram os seguintes oradores: Pedro de Oliveira Mesquita que n'uma pequena conferencia discorreu sobre a *Escravidão moderna e a antiga*, sendo vivamente applaudido. [...] (O OPERARIO. Sorocaba, ano III, n. 134, 26 mai. 1912, p. 2, *in* CARVALHO (Org.), 2007, p. 453).

Nessa mesma edição de 26 de maio de 1912 Pedro Mesquita prestou uma homenagem ao Dr. Ferreira Braga, assassinado na área central de Sorocaba. O episódio abalou a sociedade sorocabana: o Dr. Joaquim Marques Ferreira Braga foi surpreendido por seu desafeto João Lacerda, que segundo a historiografia local, conflitavam em razão de questões referentes a concessão da iluminação pública a João Lacerda e que por uma manobra do advogado foi prejudicado. Há também a versão de que João Lacerda foi instigado e incentivado pelos inimigos do Dr. Ferreira Braga a levar a cabo tal intento. O certo é que no dia 29 de setembro de 1911, alvejado por diversos tiros, disparados da arma de João Lacerda, o Dr. Ferreira Braga veio a óbito, deixando uma lacuna no meio político de Sorocaba (CARVALHO, 2010).

Relembrando esse episódio, Pedro Mesquita escreveu um texto homenageando o advogado, que segundo ele, era um homem do povo e defensor dos oprimidos,

Saudade eterna

Recordando...

Tudo neste mundo é passageiro! A Infancia quadra da inocência, a Mocidade quadra do amor e das ilusões, nobreza, pobreza prantos e risos; tudo o colo do esquecimento carrega. Somente a Saudade é imorredoura, somente ella é imperecível.

Nem *Atila* com o seu soberano poder destruidor supplanta a sua soberania. Os annos não correm: voam! A nossa existencia é tão passageira como o vento impetuoso, e nesse continuo correr volvemos o olhar para o passado e lembramo-nos daquelles que se foram, daquelles que partiram para o reino do Nada nas asas lúgubres da Morte.

Lembro-me agora, como sempre e eternamente da memoria augusta do excelso amigo Dr. Ferreira Braga o homem que pagou com a vida o acrisolado amor pela terra que lhe servira de berço, lembro-me daquelle que tombou por terra no dia 29 de Setembro de 1911, covardemente assassinado.

E que dura, que acerba, que funda saudade não me punge o coração.

Descansa Ferreira Braga!...

Eu não lastimo sua sorte, não, porque encontrou elle o almejado porto – o descanso eterno, mas lastimo a sua falta, sinto sua ausencia.

E quem não sentirá a falta d'um luctador intemerato, verdadeiro apostolo do Bem, como fora em vida Dr. Ferreira Braga?...

Os que não sentem na sua morte, a perda d'um homem do Povo d'um defensor acérrimo dos oprimidos, d'um coração adamantino; hão de ser somente os que aprenderam no cathecismo do crime no evangelho da calúnia.

Deixemo-los; a maldição da posteridade responderá por elles.

Sorocaba 17 de Maio de 1912. Pedro S. Oliveira Mesquita. (O OPERARIO. Sorocaba, ano III, n. 134, 26 mai. 1912, p. 2, in CARVALHO (Org.), 2007, p. 453).

Pedro Mesquita despertava em seus companheiros admiração e elogios que eram constantemente a ele direcionados. A prova de que ele despertava admiração em seus companheiros está na mesma edição número 134 do dia 26 de maio de 1912 do jornal *O Operario*; em uma nota denominada “ANNIVERSARIO”, o jornal estampa a seguinte homenagem pela passagem do aniversário de Pedro Mesquita,

ANNIVERSARIO

Marca no dia 29 do presente mez, mais um ponto na tabela de sua preciosa existencia, o nosso valente e estimado companheiro de luta Pedro Salles de Oliveira Mesquita, que ha muito vem trabalhando em defesa da classe a qual pertence, a fim de vel-a na altura em que merece estar.

O Operario comprimenta-o desejando innumeras felicidades. (O OPERARIO. Sorocaba, ano III, n. 134, 26 mai. 1912, p. 3, in CARVALHO (Org.), 2007, p. 454).

Emblemática é a carta cujo título é “29 de Maio” publicada no jornal *O Operario* por Elvira²³, uma das principais articulistas do jornal que escrevia para as colunas do *O Operario*. Na edição número 135 do dia 02 de junho de 1912, essa carta denotava a admiração que os companheiros de luta nutriam por Pedro Mesquita. Elvira destacava em sua carta que Pedro Mesquita ao comemorar seus 19 anos, comparando-o aos “apóstolos”, exercia sua vocação: defender os desprotegidos da sorte e da fortuna. Fazendo uma alusão de que ele seria de uma família de posses e mesmo assim abriu mão de uma vida confortável para lutar em prol dos oprimidos.

Elvira ressaltava que Pedro Mesquita desde a adolescência já se dedicava às causas nobres incomodando os poderosos. O certo é que Elvira deixou uma preciosa carta em que se pode verificar que Pedro Mesquita já na adolescência foi “contaminado” pela necessidade de defender e lutar pela causa dos mais necessitados, pois ela cita que Pedro ao se embrenhar nessa luta, teria como irmãos os pobres, os ignorantes, os escravos.

29 de Maio

²³ Em seus artigos para o jornal *O Operario* assinava pelo nome de Elvira; seu nome completo era Elvira Boni de Lacerda (1899-1990). Ativista, política e líder grevista. Filha de imigrantes italianos nasceu em São Paulo na cidade de Espírito Santo do Pinhal, mas ainda menina mudou-se para cidade do Rio de Janeiro. Entrou em contato com as ideias socialistas no seio de sua família, pois seu pai e irmãos eram trabalhadores, participantes do movimento operário. Em todos os documentos em que há referências sobre Elvira, seu nome está sempre relacionado ao anarcossindicalismo, forma anarquista em que os sindicatos podem ser utilizados como instrumento para mudança social. Apesar de costureira de formação, o trabalho sindical foi uma das suas principais ocupações, que por meio de sua atuação nos sindicatos, fundou a União das Costureiras, Chapeleiras e Classes Anexas, em 1919, no Rio de Janeiro. (VALENTE, 2014, p. 91-92)

Completo no dia 29 de Maio, mais uma anno de existencia o nosso amigo Pedro S. de Oliveira Mesquita. Completo 19 primaveras de vida, nem todas porém de risos e de alegrias e de prazer, mas algumas bem amargas que sempre se oferecem aos apóstolos incendiados pelo amor humano e que não medem sacrificios para defender os direitos dos desprotegidos da sorte e da fortuna. Ao abrir-lhe as portas da adolescencia, ouviu uma voz que lhe dizia: Viverás extraviado e maltratado pelo desejo, pela necessidade e pela febre dos bens alheios, trabalharás com todo o sacrificio para conseguil-o; os pobres, os ignorantes, os escravos, serão teus irmãos. Os teus pés se ensanguentaram entre as pedras aguçadas, os tocos e os espinhos; a tua alma será dilacerada e ensanguentada pelos golpes incessantes da ingratidão, do ódio e do veneno dos poderosos, dos quaes turbarás o sonno.

Mas logo no seu caminho se apresentará a flôr da verdade, da bondade e da beleza e felicidade, para ti e todos os mortaes. Essa vóz é que inspira mantem e introduz, e inflamma a luta sacro-santa que esposastes em prol dos que soffre. Oxala seja breve esse dia. Elvira. (CARVALHO, 2007, p. 456) (O OPERARIO. Sorocaba, ano III, n. 135, 02 jun. 1912, p. 2, in CARVALHO (Org.), 2007, p. 456).

Pedro Mesquita além de sua luta em prol do operariado, era também amante das artes e lhe fascinava ver crianças destacando-se. Almejava que os filhos dos operários também tivessem essa sorte e até mesmo interesse pelas artes, pela instrução, pois ao seu ver isso os libertaria e os tornaria menos submissos aos desmandos dos grandes industriais, que compunham o patronato.

Na edição número 136 do *O Operario* do dia 09 de junho de 1912, Pedro Mesquita deu uma pista de como eram alguns de seus finais de semana, muitas vezes antecedidos de lutas, discussões, textos que tentavam convencer o operariado sobre seu valor, tentavam demover o operariado de seu comodismo, e colocá-lo em marcha contra a exploração patronal. Pedro relatava sobre a apresentação da menina Dolores Galvão de apenas 11 anos, que cantou em público no High Life Theatro. Afirmava: “domingo passado a bella menina Dolores Galvão que pela primeira vez cantou em publico extreando-se com um sucesso estrondoso” (O OPERARIO. Sorocaba, ano III, n. 136, 09 jun. 1912, p. 2, in CARVALHO (Org.), 2007, p. 459).

Disputas internas na redação do jornal *O Operario* com o passar do tempo, fez com que Mesquita passasse a ter dificuldades em suas atividades no jornal. Como afirma Bourdieu (1984 *apud*, SILVA, 2010, p. 34-35),

a estrutura do campo é dada pelas relações de força entre os agentes (indivíduos e grupos) e as instituições que lutam pela hegemonia no interior do campo, isto é, o monopólio da autoridade que outorga o poder de ditar as regras, de repartir o capital específico de cada campo.

Essas disputas acontecem porque conforme Bourdieu (2014 *apud*, SILVA 1996, p. 50),

O espaço social é formado por campos, microcosmos ou espaço de relações objetivas, que possui lógica própria e irreduzível. O campo é tanto um “campo de forças”, uma estrutura que constrange os agentes nele envolvidos, quanto um “campo de lutas”, em que os agentes atuam conforme suas posições relativas no campo de forças, conservando ou transformando a sua estrutura.

Assim depois de tantos elogios ao “companheiro” ao jovem brilhante e amigo, na edição número 138 do dia 23 de junho de 1912 o jornal estampava uma curta e direta nota, onde dizia que Pedro Mesquita não mais representava o jornal nesta cidade e em qualquer ponto do Brasil.

“O Operario”

Atenção.

Prevenimos os nossos leitores e o publico geralmente, e as casas de diversões, que em data de 18 do corrente, deixou de ser nosso representante nesta cidade e em qualquer parte do Brasil, o Snr. Pedro S. de Oliveira Mesquita, ficando, o cartão da redacção que o mesmo Snr. tem em seu poder sem efeito. A Redacção. (O OPERARIO. Sorocaba, ano III, n. 138, 23 jun. 1912, p. 2, *in* CARVALHO (Org.), 2007, p. 465).

Nessa mesma edição do dia 23 de junho de 1912 e na mesma página onde o jornal publicou o desligamento de Pedro Mesquita, encontra-se um texto do José Revier, que era um dos redatores do jornal, relatando sobre a festa de aniversário de Avelino de Oliveira. Revier diz: “eu e o meu amigo Pedro Mesquita” se dirigiram para o local da festa. Observando-se a estampa do jornal e sabendo das dificuldades em se montar a placa de chumbo que imprimia as folhas, provavelmente essa placa já estava montada com a notícia da festa. Assim, quem estava responsável pela impressão do jornal achou conveniente acrescentar a nota do desligamento de Pedro Mesquita justamente ao lado da notícia da festa. Denotando-se que foi uma decisão de última hora.

Antes desse desligamento noticiado na edição de 23 de junho, encontra-se na edição número 137 do *O Operario* do dia 16 de junho de 1912, um emblemático poema escrito por Avelino Argento e dedicado ao amigo P. S. Mesquita. Com o título de “Desolação” esse poema precede a briga de Pedro Mesquita com os companheiros do jornal, Avelino deixa pistas de que algo estava acontecendo na vida do amigo e que muito o entristeceu. Possivelmente discussões na redação do jornal estavam

estremecendo a amizade e conseqüentemente a participação de Pedro na luta “sacro-santa” que o periódico encabeçava e em que ele tanto se empenhava,

Desolação

Para o amigo: P. S. Mesquita.

Quando, tristonho, deito-me no leito,
Immerso n'um profundo abatimento,
Augmenta cruelmente esse tormento
Que deixa envolto em dor meu pobre peito.

E penso nesse amôr que, satisfeito,
Outrora eu já senti por um momento;
N'esta voraz paixão que em sofrimento
Deixoa-me, e num passado já desfeito.

Envão procuro a páz e o lenitivo
Para sanar meu pobre coração
Que já não tem mais nem um incentivo

E diz-me, sempre envolto em aflição,
-Castigue aquella que te fez captivo
E, assim encontrarás consolação.

Avelino Argentio. Sorocaba, de 1912.

(O OPERARIO. Sorocaba, ano III, n. 137, 16 jun. 1912, p. 1, in CARVALHO (Org.), 2007, p. 461).

No dia 16 de junho de 1912 do jornal *O Operario*, Pedro Mesquita publicou um artigo intitulado “Que horror! Isto sò se ve em Sorocaba!...”. Neste artigo ele criticou a prática que existia na cidade em levar seus defuntos nas chamadas “Rede fúnebre”. Nesse artigo além de expressar sua indignação com essa prática, Pedro deixava com riqueza de detalhes um hábito muito comum, com que poucas pessoas se incomodavam na época. Ele tecia duras críticas novamente aos poderosos, que poderiam, ao seu ver, contribuir para que as famílias pobres tivessem condições de realizar o enterro de seus entes queridos de uma forma mais digna. Baseado em uma observação que uma “esbelta senhorita” havia feito sobre a prática da “Rede fúnebre”, Pedro Mesquita deixava também nas entrelinhas que não era só isso que o incomodava, provavelmente estava querendo encontrar outros caminhos, para colocar os operários contra os patrões.

Ao denunciar que os burgueses poderiam contribuir para tornar mais digno o último adeus a um ente querido e que ao contrário disso, permitiam que familiares dos menos afortunados fossem transportados até a última morada de forma não civilizada, Pedro tentava colocar novos elementos que pudessem levar o operariado a perceber

o quanto eram explorados e desrespeitados. Ele inclusive provocou os vereadores da cidade, dizendo que a “câmara municipal a eterna surrupiadora dos nossos suores”. Provavelmente a redação do jornal deve ter fervilhado de reclamações, por parte dos edis e dos burgueses que segundo as palavras de Pedro Mesquita “pagam com ouro a propaganda da sua falsa caridade”.

Coincidentemente depois desse “desabafo”, é que na edição seguinte, número 138 do dia 23 de junho de 1912, o jornal *O Operario* publicou a nota em que comunicava o desligamento de Pedro Mesquita. Segue o texto que desencadeou a briga com os redatores do *O Operario*,

Que horror! Isto sò se ve em Sorocaba!...

As phrases que servem de epigraphe a estas linhas ouvi-as pronunciar uma esbelta senhorita que em companhia de sua família visitou, talvez pela vez primeira, Sorocaba. Ao ouvir semelhante cousa o meu coração filho de Sorocaba sentiu-se avassalado por uma onda tormentosa, de desespero, de dor, e até de vergonha; sim vergonha, porque a senhorita que assim se espandia, infelizmente tinha razão. Passeando a mesma pelas ruas de Sorocaba, notou entre outras cousas, com seu olhar persepicaz como em geral seu sexo possui: uma *Rede fúnebre* que a caminho para o cemitério Municipal subia a rua do Rosario, todos sabem: uma rede ordinaria ficando duas pontas para ser a mesma carregada por duas pessoas, assim é que forma a celebre Rede fúnebre.

Dirá o leitor, “iso nada tem de estupefação visto ser uma cousa muito natural em Sorocaba”. Mas, com toda essa *naturalidade* não deixa de ser ridículo, não deixa de causar um verdadeiro horror aos olhos dos que nos visitam, dos que aportam a esta terra que se diz *cidade civilisada*: as autoridades competentes consentirem e apoiarem o livre e vergonhoso transito de *Redes fúnebres* pelas nossas vias, torna-se até deshumanidade!...

O’ra, muitas vezes acontece ser o pobre defunto uma pessoa fisicamente alta tão comprida como um dia sem comida, e nem por isso deixa de ser obrigado a atravessar a cidade n’uma Rede que mal lhe acóde a metade do corpo deixando d’esse modo visível dos joelhos para baixo mostrando aos olhos do publico os seus pés cadavericos. E foi d’essa maneira com que a senhorita encontrou-se com a rede citada.

Em Sorocaba, pátria dos burguezes que pagam com ouro a propaganda da sua falsa caridade, existem tantas pessoas que bem podiam lavar essa mancha, acabando d’uma vez com o raio das *Redes fúnebres* fundando, como em outros lugares mais civilisados uma sociedade afim de auxiliar nas despesas de caixões dos defuntos pobres.

Ou então, mesmo a camara municipal a eterna surrupiadora dos nossos suores torna-se obrigada a acabar com esse rediculo espactaculo que quotidianamente as famílias Sorocabanas e visitantes presenciam. Oliveira Mesquita Junho 1912. (O OPERARIO. Sorocaba, ano III, n. 137, 16 jun. 1912, p. 2, in CARVALHO (Org.), 2007, p. 462).

Inconformado com sua saída, pouco amistosa do jornal *O Operario* ao qual dedicou muitas horas escrevendo e defendendo a classe operaria enfrentando até mesmo a prisão, sentindo-se assim injustiçado e inconformado com a situação, Pedro recorreu a outro jornal para dar vazão aos seus sentimentos. Foi assim que no dia 27 de junho de 1912 publicou um artigo no jornal *Cidade de Sorocaba*. Os redatores do *O Operario* comentaram que esse texto de Pedro Mesquita não passou de um “artiguete, na seção paga”.

Esse artigo irritou profundamente os redatores do *O Operario* que o chamaram de imaturo e acusaram-no de ser “um verdadeiro chefe de político e não um defensor da classe operaria”. Inclusive o jornal o ameaçava ao afirmar ter em seu poder artigos escritos por Pedro Mesquita que poderiam provar que a intenção do mesmo em defender a classe operaria, não seria outro, senão levá-lo à carreira política, deixando claro que a intenção dele seria contrária à que apregoava: não era defender os pobres e oprimidos e sim usá-los para suas ambições políticas. Porém esses artigos nunca foram publicados pelo *O Operario*, que publicou o seguinte texto em resposta a Pedro Mesquita,

Em represália

Lendo a *Cidade de Sorocaba* de 27 do corrente, deparamos com um artiguete, na secção paga do mesmo, da lavra do Snr. Pedro Mesquita, ao qual não podemos deixar de dar a necessária resposta.

A declaração do Sr. Mesquita não tem valor algum, porquanto ella representa não uma despedida da nossa redacção, mas sim um insulto próprio de quem não reflecte aquillo que fez.

A sua pouca idade provavelmente é o movel de tudo isso.

O nobre operariado de Sorocaba que não se illuda com as promessas do Sr. Mesquita, pois, si se illudirem, não se queixam depois do que lhe possa resultar.

Trabalhamos em uma folha de combate em pról dos opprimidos e nesse posto temo-nos mantido e havemos de vencer, custe o que custar.

Quanto ao apparecimento de mais um novo collega, seja bem vindo! Mas os valentes companheiros não poderão sustental-o, porque com certeza o seu redactor é antes um verdadeiro chefe politico e não um defensor da classe operaria, como se intitula, o que podemos provar com artigos da sua lavra que temos em nosso poder e motivaram a sua retirada do “Operario”.

Ahi fica pois, a nossa primeira e unica Resposta. A Redacção. (O OPERARIO. Sorocaba, ano III, n. 139, 30 jun. 1912, p. 2, in CARVALHO (Org.), 2007, p. 468).

Após esse episódio não se encontra no *O Operario* nenhuma referência a essas desavenças, as coisas se apaziguaram com uma trégua temporária. Na edição número 145 do dia 25 de agosto de 1912, sob o título de “Liga Muraria e Anexo Sorocabana” o jornal dedicou um artigo relatando a festa de 1º aniversário da “liga” e discorreu sobre como foram as festividades que marcaram esse dia, fazendo uma referência a Pedro Mesquita, o redator do texto voltou a chamá-lo de “companheiro”, “[...] O snr. Presidente convidou para presidir a referida reunião o companheiro Oliveira Mesquita que aceitou de bom grado”²⁴ o texto novamente referiu-se a Pedro Mesquita como “companheiro”, “[...] Não havendo mais nada a tratar encerrou-se a sessão usando a palavra o companheiro Mesquita que em frases entusiasticas agradeceu as amabilidades recebidas”²⁵.

Depreende-se desse texto e do convite recebido para que Pedro Mesquita presidisse uma reunião da Liga Muraria, ser ele realmente carismático e que mesmo com toda a desavença com a equipe do *O Operario*, os mesmos não hesitaram em chamá-lo de companheiro.

Pedro Mesquita não desistia de sua luta em defesa da classe operária de Sorocaba e continuou a criar espaços para a divulgação de suas ideias. Na edição número 148 de 15 de setembro de 1912, o *O Operario* trouxe a notícia da criação de um círculo libertário denominado *Braço e Cerebro*. Ao mesmo tempo que noticiava a criação desse círculo, o jornal o criticava também, dizendo que foi criado “sem Estatutos, sem Séde e sem actos”, deixando assim uma crítica a esta empreitada, do já não mais “companheiro” Pedro Mesquita.

O círculo libertário *Braço e Cerebro* teve uma duração efêmera, visto que em 20 de outubro de 1912 na edição número 153, no jornal *O Operario* sob o título de “Aviso importante”, o grupo *Braço e Cerebro* declarou que Pedro Mesquita não fazia mais parte do mesmo, e ainda o acusou de ter “abraçado as ideias anarchistas com tanto intusiasmo que tornou-se fanatico e um tanto perigoso”²⁶.

Em contrapartida os redatores do jornal *O Operario*, logo abaixo da nota sobre o grupo *Braço e Cerebro*, emitiram uma nota dizendo que não conheciam nenhum dos seus associados, permitindo a inserção da nota, pois para eles Pedro Mesquita tornou-se uma pessoa malvista pelos redatores.

²⁴ O OPERARIO. Sorocaba, ano IV, n. 145, 25 ago. 1912, p. 2, in CARVALHO (Org.), 2007, p. 486.

²⁵ O OPERARIO. Sorocaba, ano IV, n. 145, 25 ago. 1912, p. 2, in CARVALHO (Org.), 2007, p. 486

²⁶ O OPERARIO. Sorocaba, ano IV, n. 153, 20 out. 1912, p. 2, in CARVALHO (Org.), 2007, p. 510.

Aviso importante

O grupo “Braço e Cerebro” declara ao publico que não se responsabilisa por nenhum acto que venha praticar o seu companheiro Pedro de Oliveira Mesquita, visto ter elle abraçado as ideias anarchistas com tanto intusiasmo que tornou-se fanatico e um tanto perigoso. Braço e Cerebro

N.R.

Declaramos ao grupo “Braço e Cerebro” visto não conhecer-mos nenhum dos seus associados, que bem contra a nossa vontade, damos a publicidade do supra aviso, visto tratar-se de uma pessoa que se tornou um tanto desafeiçoada para com nossa classe e o nosso jornal. (O OPERARIO. Sorocaba, ano IV, n. 153, 20 out. 1912, p. 2, in CARVALHO (Org.), 2007, p. 510).

O grupo *Braço e Cerebro* após a rápida e turbulenta passagem de Pedro Mesquita, voltou ao ostracismo; não era mais mencionado e assim considerava-se que a intenção de seus membros era utilizar da eloquência e o acesso que Pedro tinha na imprensa, para dar voz aos seus clamores. Com a saída de Mesquita, o grupo perdeu sua principal força e não se encontraram mais citações que se referissem ao *Braço e Cerebro*.

A briga de Pedro Mesquita com o *O Operario* teve novos capítulos; ora ele escrevia no jornal *Cidade de Sorocaba* outras vezes no *Aurora*, jornal católico, o que deixava os redatores do *O Operario* cada vez mais furiosos, conforme texto publicado, ironizando essa sua aproximação com a igreja católica,

O Pedro Mesquita, na sua conversão ao jesuitismo publicado na *Aurora*, órgão catholico do Vigario desta cidade e santo como o padre Faustino, martyr Consoni; confessou que a sua inspiração é almejar um futuro, que traduzida em lingua popular é desejar ser deputado. Nós não mentimos quando dissemos que se fingia amigo dos operarios, só com o fim de ser chefe politico. Mas ha de ser a moda *manque*. (O OPERARIO. Sorocaba, ano IV, n. 154, 27 out. 1912, p. 2, in CARVALHO (Org.), 2007, p. 513).

Seus escritos no *Aurora* lhe renderam muitas retaliações por parte dos redatores do *O Operario* bem como por outros que se sentiam ofendidos. Na edição de 3 de novembro de 1912 número 155, na coluna denominada “Noticiario” tem-se o relato de um fato, no qual Pedro Mesquita foi impedido de entrar no Cinema do bairro Votorantim²⁷. Chamado pelos redatores de “São Pedro de Mesquita”, numa expressão de deboche à aproximação com os padres que lhe deram apoio, o texto tinha a

²⁷ Como já dito, nessa época Votorantim ainda era um bairro de Sorocaba, conseguindo sua emancipação política em 27 de março de 1965.

finalidade de desmoralizá-lo e afastá-lo da classe operária, tentando desta forma minar qualquer possibilidade para que Mesquita realmente se tornasse um político,

Em Votorantim, o prepotente Trepof e gerente da fabrica, arvorado em *manda chuva*, analogo aos antigos capitães do matto, proibiu o ingresso ao carola convertido à pouco, por uma declaração na “Aurora” (orgam Jesuita) no Cinema de lá, ao São Pedro de Mesquita, que regressando a seu domicilio, escreveu uma carta aquelle mandão de aldeia, chorando lagrimas de sangue e prometendo internar-se no orfanato Cristovão Colombo, para que o padre Faustino Consoni, se digne de purifical-o das malditas ideias anarchicas, e o façam santo e virgem como elles. Bravo Mesquita! Você deve apresentar-se a candidato ao S. Ignacio de Loyola tambem. (O OPERARIO. Sorocaba, ano IV, n. 155, 03 nov. 1912, p. 1, in CARVALHO (Org.), 2007, p. 516).

O que outrora eram discursos que enchiam os “companheiros” de orgulho, agora esses discursos proferidos por Pedro Mesquita, passaram a incomodar sobremaneira aos redatores do *O Operario*, bastante perturbados com o rompimento dessa amizade. Na edição de número 156 de 10 de novembro de 1912, na coluna “Noticiario”, os redatores ironizavam que Mesquita iria induzir Deus a aposentar São Pedro e passar a chave do céu a ele. Fomentavam uma campanha difamatória, dizendo que ele tinha abandonado a causa operária frequentando comemorações burguesas,

Noticiario

S. Pedro Mesquita, em suas celebridades oratorias de comemorações burguezas, *pic-nic*, bailes etc, induziu o velho padre eterno aposentar o velho S. Pedro, por não ter a eloquencia do Mesquita. E a vaga de chaveiro do céu, vai ser offerecida ao nosso tribuno, e lá do alto havemos de ouvir os seus discursos da patria celestial, do tamanho do que proferiu na sociedade portugueza. O nosso voto para que seja breve isso. (O OPERARIO. Sorocaba, ano IV, n. 156, 10 nov. 1912, p. 2, in CARVALHO (Org.), 2007, p. 519).

As provocações tomaram contornos mais agressivos. Pedro Mesquita escreveu um texto e o publicou nas páginas do jornal *Cidade de Sorocaba*, chamando os redatores do *O Operario* de bandidos, caluniadores e covardes. Essas pesadas críticas não passaram incólumes e receberam uma resposta à altura conforme texto que segue:

Ao...desmascarador (?)
Pedro de Oliveira Mesquita

Foi com grande satisfação que lemos na seção livre d' "A Cidade" o vosso artigo.

Sabíamos que íamos ser chamados de bandidos, caluniadores e covardes. Nos sabíamos a muito tempo que somos bandidos e sangue-sugas.

Ora! pois de certo; somos nos que exploramos milhares de operarios tratando-os como escravos; somos nos que ganhamos 200% em cada Kilo de carne; somos nos os trutistas que fizemos augmentar no preço todos os generos de primeira necessidade; fomos nos os causadores das carnificinas no Pará e na Bahia; fomos tambem nos os causadores da morte de trez operarios, quando estes passavam por nossa porta em uma manifestação; fomos nos ou somos nos os seus correligionarios e defensores...

Isso é o que se refere a nos, emquanto ao individuo sem-brio e covarde que escreve anonymatos, ja vaes ter com elle.

.....
Agora não é com *nós* que se trata, agora é com migo.

Pois olha São Pedrinho *meu nego*, não falarei muito, só quero saber quem é o individuo sem brio e dignidade e para isso pergunto quem é que trata os burguezes, delegados e juizes de bandidos e ladrões quando está entre os operarios, e depois vae puxar o sacco dos mesmos ahi pelos cinemas?

Quem é anarchista(?) e jesuita ao mesmo tempo?

Quem foi que collaborou n'um jornal que é contra a burguezia e agora está n'outro que é contra os operarios?

Não precisa responder, já sei que sou eu.

E mais... Quem foi o cobarde, que na presença do delegado, - durante a greve – perdeu o respeito as ceroulas, de medo, dizendo quem são e quem não são so mais evidentes no movimento?

Quem foi meu Pedrinho?... Tambem fui eu.

.....
Mais olha Pedrinho, não paga a pena discutir ao serio, voce para ter mais brio e coragem ainda, vá pedir o dr. Sampaio Vidal um emprego de policia secreta.

Isso é o que te diz e te aconselha – porque voce só serve para isso e para espancar os meninos da oficina – o teu amigo Zenon Budaszeuski. (O OPERARIO. Sorocaba, ano IV, n. 157, 17 nov. 1912, p. 1 e 2, in CARVALHO (Org.), 2007, p. 521-522).

Na mesma edição da coluna acima, os redatores complementavam as ofensas dirigidas a Pedro Mesquita. Na coluna "Noticiario" eles comentavam em tom jocoso que "O S. Pedro Mesquita, escreveu a sua biografia na secção livre "d'A Cidade", dedicando-a aos diretores do nosso jornal. [...] Agradecendo a dedicação, offerecemo-lhe uma mamadeira para emancipar-se logo a fim de entrar no periodo do discernimento." (O OPERARIO. Sorocaba, ano IV, n. 157, 17 nov. 1912, p. 2, in CARVALHO (Org.), 2007, p. 522).

Em mais uma provocação a Pedro Mesquita, os redatores do jornal *O Operario* passaram a publicar no coluna "Noticiario" notas que em tom provocativo e debochado, tinham o intuito de afastar Pedro Mesquita da classe operária, mostrando-

o como imaturo e dono de uma personalidade medíocre. “S. Pedro Mesquita, tenciona entrar num convento ou assentar praça”²⁸ dizia a nota, relatando que ele fora visto em um cemitério abraçado a uma cruz, chorando e arrependido de suas ações.

Seu desafeto Zenon²⁹ publicara na edição número 159 de 1 de dezembro de 1912 uma nota intitulada “Ao som da flauta...” em que comemorava o sofrimento de Pedro Mesquita, bem como destaca que o “operariado que perde em ti um falso amigo”.

Na mesma edição os redatores do *O Operario* também zombava da condição em que Pedro Mesquita se encontrava, com a maioria de seus antigos amigos dando-lhe as costas. Dizia o texto:

Noticiario

O nosso bemaventurado S. Pedro Mesquita, atacado de manhosamania em querer-se tornar popular, e que um pouco ja o tem conseguido graça ao nosso esforço em appresental-o em todos os numeros, como o publico poderá scientificar-se pelo cartão que recebemos dum amigo de S. Paulo o qual pedimos venia para publical-o: eil-o. “Amigos d’Operario”. Saudações. O Mesquita pelo que consta e tenho lido no “Operario” e pela “Cidade”, está na classificação dos *sem character e sem dignidade*.

A sua defeza é a mais alta prova da sua miseria moral. Aconselho porem aos amigos, lancarem um punhado de terra sobre o seu cadaver moral, que outra cousa já não é. Lembranças ect. ect.”. Viram os leitores como está tornando-se popular o nosso *futuro deputado?* (O OPERARIO. Sorocaba, ano IV, n. 159, 01 dez. 1912, p. 2, in CARVALHO (Org.), 2007, p. 528).

Os ataques que vinha sofrendo por parte de seus antigos companheiros, surtiram efeito e Pedro Mesquita sentiu o desprezo da classe operária e dos moradores da cidade de forma geral, o que o levou a publicar no jornal *A Cidade de Sorocaba* um artigo dedicado ao Dr. Alvaro³⁰ fazendo elogios ao intendente municipal, elogios que foram considerados como hipócritas pelos redatores do *O Operario*. Que segundo eles, esses elogios ao Dr. Álvaro Soares tinham o único intuito de que Pedro Mesquita se redimisse perante a população,

Noticiario

O nosso S. Pedro Mesquita, jogou a ultima cartada com a hypocrisia só mesmo de jesuita; vendo-se perdido e repudiado pelos homens sinceros, resolveu procurar a salvação em bajulações pelas columnas

²⁸ O OPERARIO. Sorocaba, ano IV, n. 158, 24 nov. 1912, p. 2, in CARVALHO (Org.), 2007, p. 525.

²⁹ Zenon era um dos colaboradores do jornal O Operario. Ele se identificava somente como Zenon.

³⁰ Dr. Alvaro Soares, intendente municipal de janeiro de 1911 a março de 1913.

da “Cidade”, cantando o que o povo conhece mais do que o próprio Mesquita.

O Dr. Alvaro não necessita de elogios hypocritas como esse que o Mesquita faz-lhe. A nobreza do seu caracter repelle tudo, quanto não é sincero e a grandeza de sua alma não permite a idolatria como se exprime S. Pedro, mas acatamento e respeito ao merito de suas acções. *A imagem doce e querida como o altar do coração* inclusive a *desmedida caridade do qual tornou-se um verdadeiro apostolo* que S. Pedro cita nas suas baboseiras hypocritas: são mais próprias para serem dedicadas as moças que o Mesquita namora e não a um homem de reputação popular como o Dr. Alvaro. Para que o povo veja que só agora é que o Mesquita vê a cidade transformando-se...! (O OPERARIO. Sorocaba, ano IV, n. 160, 07 dez. 1912, p. 2, in CARVALHO (Org.), 2007, p. 531).

Na edição número 161 de 15 de dezembro de 1912 mais um capítulo dessa desavença vinha estampado nas páginas do *O Operario*, o que seria uma das últimas investidas dos redatores contra Pedro de Mesquita. Ainda estavam furiosos com o ex “companheiro” que tanto orgulho lhes dera. Ao se associar e buscar orientação com, segundo opinião dos redatores do *O Operário*, “a seita negra”, ou seja, a Igreja Católica,

Noticiario

S. Pedro Mesquita, membro da seita negra sob a proteção do S. inquisidor Ignacio de Loyola, não sabe mais a que Santo se pegar para reabilitar-se perante a opinião publica. Os proprios burguezes dizem que, vale mais um inimigo sincero do que um amigo falço que se acomoda a todas as ideias. Contou-nos um amigo que quando soube que trataram-nos processar por um bacharel, o Mesquita passou tres dias e tres noites só resando e fazendo promessas para que o intrepido Operario cahisse mortalmente; mas os santos da sua devoção não puderam comosco, e o grito do povo oprimido continua se fazer ouvir não contando com Mesquitas e muito menos com ameaças de processos. (O OPERARIO. Sorocaba, ano IV, n. 161, 15 dez. 1912, p. 2, in CARVALHO (Org.), 2007, p. 534).

Pedro contrariou os conceitos apregoados pelo jornal. A briga ainda ficou mais acirrada quando o *Aurora* publicou uma nota orientando os católicos a não comprarem jornais e revistas que hostilizavam a Igreja Católica, entre eles *O Operario* “que tantos males procura fazer aos operarios incutindo-lhe a péssima semente do anarchismo”³¹. O penúltimo ataque dos redatores do *O Operario* a Mesquita, aconteceu na edição 162 do dia 22 de dezembro de 1912, na coluna “Noticiario”, que procurava denegrir a imagem do ex-companheiro. O texto de ataque à moral comparava-o às prostitutas.

³¹ O OPERARIO. Sorocaba, ano IV, n. 161, 15 dez. 1912, p. 2, in CARVALHO (Org.), 2007, p. 534

Consegue-se dimensionar o quanto Mesquita tinha o poder de fazer amigos e encantar as pessoas, e ao mesmo tempo que tinha esse carisma, também colecionava inimigos, talvez pelas colocações contundentes,

Noticiario

S. Pedro Mesquita tem sido o divertimento das crianças durante a semana; contam que decorou uns fadosinhos a portugueza e bem picantes desejando tirar o ganho de certas mulheres. Nós porém não estranhemos pois que, essa escola é a que predomina em todos os seminários e a mythologia nos declara que Ganimedes foi mulher de Jupiter, Troilus de Apollo, logo o Mesquita pode também ser dos padres pois que isso é a moral religiosa. (O OPERARIO. Sorocaba, ano IV, n. 162, 22 dez. 1912, p. 2, in CARVALHO (Org.), 2007, p. 537).

Na edição número 164 do dia 05 de janeiro de 1913, novamente na coluna “Noticiario” o último ataque do jornal ao Mesquita, esse derradeiro texto relata um fato pretensamente acontecido na noite de natal,

Noticiario

O nosso valentão que de chicote quer-nos cortar a cara de um por um por ter as costas quente do tal organ da justiça, foi surprehendido as 11 horas da noite de Natal num presepio de frente curvada por entre as columnas duma imagem de Maria *virgem* depois do parto, murmurando a seguinte ladainha:

“O promontor me disse,
Que para tentar querella;
Devo tirar a carta,
De pedante e tangarella.
Das tres pessoas da *Trindade*,
Eu provo ser uma dellas,
Encarnado n’uma só vida,
Com promontor e Cretella.

Ao pressentir um menino que estava copiando a ruminante ladainha, o S. Pedro Mesquita ficou furibundo tentando rasgar-lhe os versos, mais apenas ficou-lhe na mão o que nhã luzia... (O OPERARIO. Sorocaba, ano IV, n. 164, 05 jan. 1913, p. 2, in CARVALHO (Org.), 2007, p. 543).

Cansado desse embate e vendo que essa desavença com os redatores do *O Operario* estava tomando um rumo de ofensas pessoais, ou aconselhado por alguém mais experiente, o certo é que Pedro Mesquita estendeu a “bandeira branca” e pediu uma trégua enviando à redação do jornal uma carta solicitando que os ataques parassem. Na edição 165 do dia 12 de janeiro de 1913, mais uma vez na coluna “Noticiario”, o jornal estampou um pedido de paz; sim Pedro pedia uma trégua. Sentindo-se ainda ofendidos e traídos pelo ex-companheiro de luta, a mágoa ainda

era grande. Em resposta os redatores, ainda aproveitaram o espaço e debocharam da pretensão de Mesquita em seguir a carreira política. Mais uma vez os redatores o aconselham a desistir de ser um deputado, visto que, segundo eles, não tinha um corpo talhado para tal,

Noticiário

[...] A pedido de S. Pedro Mesquita, fazemos ponto final da sua critica e esperamos que volte ao posto de combate donde por um momento de irreflectito calculo nos abandonou na cruenta luta. Aconselhamo-o que embora seja muito alto de estatura o seu corpo não foi talhado para ser deputado. Aqui pois o esperamos sem o mínimo rancor ou odio, que pelas ideias que professamos não nos é permittido resisitir o mal com violencia, mas com o bem e a verdade. (O OPERARIO. Sorocaba, ano IV, n. 165, 12 jan. 1913, p. 2, in CARVALHO (Org.), 2007, p. 547).

Mesmo com o pedido de que poderiam esquecer tudo o que houve e que ambos falaram um do outro, Pedro Mesquita afastou-se do jornal *O Operario*.

Pedro Mesquita reapareceu na imprensa sorocabana, escrevendo para um jornal denominado *O Jornal* também publicou um jornal de nome *O Janota*.

2.2 Nos jornais *O Jornal* e *Diario de Sorocaba* (1913 - 1914)

Fora do *O Operario* Pedro Mesquita lançou o periódico *O Janota* cuja primeira edição saiu em 01 de junho de 1913. Denominava-se “Orgão Litterario, Noticioso e Humoristico”. De tamanho reduzido, talvez pelo custo do papel, tinha quatro páginas de assuntos diversos.

O jornal *Correio Paulistano* editado na cidade de São Paulo publicou uma nota na seção “Pela imprensa” onde destacava que seria distribuído o periódico *O Janota*. Diz a nota: “Pela imprensa. Sorocaba, 17 – Domingo próximo será distribuído mais um numero do interessante periódico local “O Janota”, dirigido pelo sr. Pedro de Oliveira Mesquita.” (CORREIO PAULISTANO, nº 17.956, 18 de julho de 1913, p. 4).

O termo “Janota”, segundo Ferreira (2016), “carrega o significado de pessoa que se veste com excessivo apuro; peralta”.

Em seu primeiro número o jornal estampava e apresentava seu programa e qual seria sua atuação na cidade de Sorocaba, com proposta bastante crítica e ácida. Pedro começa alfinetando os jornais concorrentes e debochando da notícia estampada no *O Janota* sobre a compra de um automóvel, dizendo em tom irônico

que o aparecimento de seu jornal e a compra de um novo automóvel representavam o progresso de Sorocaba,

CHRONICA?...

Vamos começar a luta, (si a um critico que não “cruza” a sua pena com aquellas empunhadas pelos ultra-pyramidaes literatos indígenas, é permitido lutar) consignando aos amaveis leitores duas palavras que definam o nosso intuito.

Sorocaba, ou antes, Tobiapolis, dizem que tem fóros de cidade civilisada; não contestamos tal conceito, acceitamos de boamente.

E ao considerar que a civilisação de um povo é attestada pelo que elle lê, alimentamos uma esperança em pról da imprensa local, tão rachitica qual rival do rícino precioso. É porisso que ess esperança nos aconselha a lançar no rodomoinho da publicidade um jornal que, apesar de pequeno, traz comsigo mais seiva que muitos diarios prodigamente impressos em papel “Germania”.

Sabemos perfeita e convictamente que os rabiscadores “manques”, fulos de inveja e instigados pelo ciúme, receberão com um arzinho de desprezo forçado o nosso modesto periodico, taxando-o de “pasquim”, “jornaleco” ou coisa que o valha. Não nos importa isso. O nosso desejo sincero é que a critica leve, fundamentada e sensata provoque na moçada limpa da terra do brigadeiro, alguma coisa mais que o riso expontaneo: o interesse pela facilidade em conseguirmos mais um anno de vida...

Assim, O JANOTA, antes de tudo, é amigo de todos. Si algum “cutuba” sentir-se melindrado com as suas “piadas” (perdoem o termo!), póde exigir uma satisfação em regra, pagando duas <Confirmar a palavra> no Castellões!

Agora, o cerne disto.

Temos notado que Sorocaba, nestes ultimos tempos vae caminhando pari-passu com o progresso vertiginoso. Uma das provas mais flagrantes do seu desenvolvimento é a encommenda feita pelo sympathico Leão de mais um automóvel.

O leitor que não confunda. Essa prova, que vem corroborar a nossa observação, foi exposta altivamente pelo jornal mais importante do Estado de São Paulo e que se publica numa cidade distante 3 horas da capital, famosa pela sua industria e que nos tempos que já se foram representou o centro do comercio de burros!...

Justifica-se, portanto, o apparecimento de mais um jornal, pois este facto, como o do apparecimento de mais um automovel, representa a vertigem do progresso...

O JANOTA é critico. Antes porém, disso, é uma parcella, ou melhor, uma parte saliente da nossa prosperidade... (O JANOTA, ano I, de 01 de junho de 1913, n. 1, p. 1).

Pedro Mesquita sempre estivera envolvido com o jornalismo. Encontram-se textos de sua autoria na maioria dos jornais da época. Após o desentendimento com os “camaradas” do *O Operario*, Pedro Mesquita passou a escrever no *O Jornal* que circulou em Sorocaba de 13 de julho de 1913 a 21 de dezembro de 1913; era seu editor Porphyrio Loureiro. A oficina e redação ficava na rua São Bento, 25 no centro

de Sorocaba. *O Jornal* denominava-se “Orgam do Partido Republicano Conservador”, tinha quatro páginas e circulava duas vezes por semana nas quintas e domingos.

A edição número 3 do *O Jornal* trazia em sua primeira página um poema de Pedro Mesquita intitulado “Supplicas ao Nazareno”, dedicado ao Professor e Advogado Oscar Mota, que era um dos redatores do jornal. (O JORNAL, ano I, nº 3, 20 de julho de 1913, p. 1).

Pedro Mesquita nutria grande simpatia pelo General Pinheiro Machado, talvez pelo fato do mesmo ser gaúcho, como a família materna de Pedro, e também porque seu amigo Porphyrio Loureiro era um defensor e divulgador dos feitos de Pinheiro Machado. Tanto que os editores do jornal *O Janota*, quando se referiam a Porphyrio Loureiro colocavam entre parênteses o nome de Pinheiro Machado ou juntavam os nomes dos dois.

Pedro Mesquita também escreveu um texto exaltando o General Pinheiro Machado comparando-o a Napoleão,

Napoleão Brasileiro.

Não ha em todo o Brasil, do Amazonas ao Prata, do Rio grande ao Pará, quem desconheça quem ainda não tenha ouvido os sons argentinos das fanfarras que celebram festivamente a gloria de intemerato chefe, do destemido gaúcho – General Dr. José Gomes Pinheiro Machado!

A fama de seu nome vòa de cidade em cidade, de serrania em serrania, de quebrada em quebrada como notas festivas de um triumpho!

Qual rutilante sol elle esparge os raios de sua força, o poder de sua vontade, amenizando e encorajando a alma brasileira!

Coração de heroe, quando a Patria sente se offendida na grandeza de sua soberania, é elle o seu braço forte, o seu ... Oliveira Mesquita. (O JORNAL, ano I, nº 12, 24 de agosto de 1913, p. 2)

A veia poética de Oliveira Mesquita volta e meia se fazia presente e assim ele publicou o poema “No calvario da vida” onde deixava transparecer o momento de angústia que o jovem e inquieto poeta provavelmente estava passando. Em muitos outros textos e poemas encontrados nos diversos jornais pesquisados, ele expressava sua angústia e saudades de sua querida Amélia, uma ex-namorada.

No calvario da vida

Quantas vezes um pallido sorriso,

Paira nos meus lábios, e no entretanto,

Sorrio p’ra occultar o amargo pranto,

Filho deste martyrio em que agoniso.

Ah! quem me vê sorrir, diz que diviso
 Um futuro p'ra mim cheio de encanto:
 É que não podem suspeitar o quanto
 Escabrosa é a estrada que desliso.

Como é difícil trazer presa ao rosto
 A mascara do prazer, quando o desgosto
 Faz minh'alma vergar enlanguicida!

Ah! quem como eu padece tanto assim...
 Póde acaso no mundo achar alfim
 O puro aneio de um amor na vida?
 Sorocaba, Agosto 1913.
 Oliveira Mesquita.
 (O JORNAL, ano I, nº 13, 28 de agosto de 1913, p. 1).

Mas o poeta cedeu lugar ao polêmico Pedro Mesquita, visto que as eleições municipais de 1913 estavam se aproximando. O jogo político em Sorocaba começa a ficar mais competitivo como é comum em época de eleição. No dia 24 de setembro de 1913 *O Jornal* publicou em sua primeira página um manifesto dos industriais com o título de “Eleições Municipais – Ao Povo Sorocabano”. Nele um grupo de industriais da cidade conclama o povo a discutir e a pensar nos modos não convencionais que os “situacionistas” iriam utilizar para serem vencedores no pleito que se aproximava. Assinavam esse manifesto industriais como Manoel José da Fonseca, Nicolau Scarpa, Alberto Kenworthy, Firmo Soares entre outros, compondo o total de 49 nomes e finalizando com a seguinte redação:

“Si formos bem sucedidos, melhor para os moradores do municipio; si, ao contrário, formos derrotados, restar-nos-ha o conforto de havermos bem cumprido o nosso dever. Sorocaba, Setembro de 1913.” (O JORNAL, ano I, nº 17, 24 de setembro de 1913, p.1 e 2).

Esse grupo de industriais organizou um partido político denominado “Partido Municipal”. Chama a atenção que Pedro Mesquita, outrora defensor dos oprimidos contra as nefastas agruras que os patrões proporcionavam aos operários, agora ele mudara completamente de lado, ou estava confirmando as acusações que os companheiros do *O Operario* tinham dito a seu respeito, de que ele estava interessado em um cargo político. Porém agora ele precisava fazer com que os operários apoiassem os industriais. Inclusive os redatores do jornal *O Operario*, que por não estar sendo editado, publicaram uma nota no *O Jornal*, sob o título de “Operarios de Sorocaba”, pela qual conclamavam os operários a votarem no Partido Municipal composto pelos industriais e terminava com o emblemático e controverso texto,

considerando-se todo o embate que o *O Operario* travara ao longo de sua existência, combatendo veementemente os industriais, que agora recebiam seu apoio:

[...] Entre o patrão que nos fornece, embora com escassez, os meios de subsistencia e os politicos que em arruaças furtam os maridos ás suas mulheres, os paes aos seus filhos, os irmãos ás suas irmãs, tirando-lhes a vida e esbordoando-lhes impiedosamente, nós não devemos hesitar na escolha, prefiramos os nossos patrões e estejamos com SOROCABA NO DIA DE SUA LIBERDADE.

As urnas! Viva o 30 de Outubro!

Viva o operariado independente!

Redacção d' O Operario.

(O JORNAL, ano I, nº 19, 03 de outubro de 1913, p. 2).

Pedro Mesquita após sua saída do *O Operario*, acabou contagiado pelo clima político que esquentava na cidade no ano de 1913. Talvez pelo fato do seu irmão Antonio Gambetta de Mesquita ser candidato a vereador pelo Partido Municipal, Pedro Mesquita também entrou nessa disputa apoiando o partido, que ele chamava de “Partido Industrial”, provavelmente porque ele achasse que esse último fosse mais impactante,

Pelo Povo!

Foi recebido por entre demonstrações de jubilo, da melhor forma possivel o manifesto lançado ao povo sorocabano pelos industriaes.

E porque não havia de ser recebido carinhosamente pelo povo, se o manifesto lançado representa a boa vontade e patriotismo dos industriaes e pessoas bem intencionadas que não vacilaram em ir de encontro ao pestilento charco da politicagem que tanto tem marcado o nome, o brio, e a dignidade do povo sorocabano!

É uma nova e sorridente aurora promissora das mais fagueiras esperanças que surge para Sorocaba, terra que outróra deu lições de civismo ao Brasil inteiro, assombrando um throno com o seu grito de revolta!

A nobillissima obra óra encetada, representa para Sorocaba a unica taboa de salvação.

O povo tem restricta obrigação de zelar pelos interesses, pelo seu bem estar, e pelo progresso de sua terra amada.

Um povo que não lucta, já o disse um grande orador, é um povo morto, indgno portanto de figurar no quadro da civilização!

O povo sorocabano deve despertar do grande lethargo em que desde ha muito de acha, lethargo esse imposto pela camarilha desfructadora que banquetea-se alegre e jubilosamente a custa de seu suor e de seus sacrificios.

O povo precisa fallar!

Chegou o momento propicio para bradar o seu grito de alarme contra os eternos exploradores.

O Partido Industrial, óra organizado será o seu interprete fiel.

O povo que si previna que se não deixe levar pelas cantilenas muito bem engendradas dos politiqueiros mestres.

Estamos certos, que todos os homens de consciencia estão comnosco.

Sorocaba, 30-9-1913. OLIVEIRA MESQUITA. (O JORNAL, ano I, nº 19, 03 de outubro de 1913, p. 1).

Para se ter uma ideia como estava o ambiente político na Sorocaba dos anos 1913, notícias começaram a ser divulgadas, com a finalidade de confundir os eleitores (o que hoje é conhecido como “*fake news*”). Pedro Mesquita teve seu nome envolvido em uma notícia de que ele havia se vinculado ao um tal “Partido Operario”, que afirmava não conhecer esse partido e que a informação não procedia.

Porém, esse texto poderia ser também uma estratégia que Pedro estava utilizando para que os representantes do Partido Municipal o convidar para compor a chapa.

AO POVO!

Chegando ao meu conhecimento que alguém lembrou o meu nome para fazer parte no Partido Operario (?) óra em via de organização faço publico a minha recusa.

Sou operário, disso muito me orgulho, tenho luctado com toda a lealdade pelo bem estar da minha classe mas consagro muita idolatria ao character para apoiar um Partido, que outra coisa não e´, sinão uma baixa e vergonhosa exploração, movida por interesses mesquinhos, onde o misero operário, e eterno sofredor é a victima!

Palavras nada valem ante a soberania dos factos.

Em outro terreno os meus presadissimos collegas poderão contar com a minha pessoa, mesmo para os maiores sacrificios, mas para ser instrumento de baixa e cavilosa politicagem, nunca.

Da memoria dos operarios não deve, jamais apagar-se a scena de sangue da noite de 20 de junho de 1910 e o espaldeiramento dos operarios pela policia salafraria mandada vir durante a ultima greve, pelo chefe politico que hoje finge-se amigo dos operarios.

Prefiro as algemas do cativoiro, a vender a minha dignidade.

Sorocaba, 1 de outubro de 1913. Pedro Salles de Oliveira Mesquita. (O JORNAL, ano I, nº 19, 03 de outubro de 1913, p. 3).

O dia “20 de junho de 1913” era a todo momento lembrado pelos opositores dos situacionistas. A data ficou marcada pelos tiros disparados da sacada do jornal *Cruzeiro do Sul*, quando um grupo de operários fazia uma marcha em desagravo à agressão sofrida por Antonio de Oliveira, escritor e poeta sorocabano. O fato foi desencadeado quando em um de seus textos atacou o advogado Antonio Augusto de Covelo que se sentiu profundamente ofendido. Ao se encontrarem em uma rua da cidade o advogado Antonio Augusto agrediu fisicamente Antonio de Oliveira, fato esse

que deu origem a manifestação por parte dos operários que defendiam Antonio de Oliveira.

Foi no dia 20 de junho de 1913 que a tragédia marcou a história de Sorocaba, os manifestantes defensores de Antonio de Oliveira foram recebidos a tiros pelo grupo opositor, que se encontrava na sacada da residência dos Pires e onde funcionavam as oficinas do *Cruzeiro do Sul*. Ferindo mortalmente os operários, Lino Gonsalves, Belmiro de Oliveira e Gastão de Camargo.

Pedro Mesquita voltou a mencionar o trágico episódio que envolveu os operários, em um texto intitulado “O povo vae fallar!” onde o mesmo conclamou a que a população não esquecesse dessa mancha na história sorocabana e que estivesse presente na memória dos eleitores no momento do voto. O texto de Mesquita foi um tanto controverso se comparado com seus escritos no *O Operario*, quando chamava os patrões de exploradores. Agora defendendo o partido dos industriais, passou a usar o adjetivo exploradores para os políticos situacionistas, conclamando aos sorocabanos a votarem nos patrões para que o povo ficasse liberto dos gananciosos exploradores:

O povo vae fallar!

O pleito eleitoral a realizar-se à 30 do corrente está despertando o maior interesse o mais justo entusiasmo.

O povo de Sorocaba essencialmente laborioso e ordeiro parece que desta vez está disposto a fazer valer os seus direitos desthronando do poder os “ferrabrazes” da politicagem.

Nunca a alma sorocabana sentira-se tão agitada como no momento actual nas vespas de ser travada a batalha santa da verdade contra a mentira, da luz contra as trevas, da justiça contra o arbitrio, do povo emfim contra os seus gananciosos exploradores!

A lucta vae se travar: de um lado, vemos um grupo de homens limpos evangelizados na honra, na sagrada escola do character, homens bem intencionados dispostos a enfrentar os maiores sacrificios para salvar Sorocaba do abysmo a cuja beira se acha.

De outro lado, vemos a ganancia, o odio rancoroso dos politiqueiros que apenas tem em mira o interesse proprio verdadeiros escravocratas da actualidade.

A lucta vae se travar, os horizontes turvam-se os boatos fervilham, as ameaças aterradoras crusam.

Mas o povo que não é tolo, o povo que desperta, ri, com riso de soberano desdem a todas essas covardias.

Resoluto, impávido, elle aguarda o momento propicio para mostrar o seu valor derrubando por terra, para sempre a negra bastilha de sua deshonra.

De nada valerem de nada hade valer, os estratagemas engendrados pelos causadores de seu infortunio.

A affronta que recebera na noite de 20 de junho de 1913 de tetraca memoria, foi grande demais para ser punida simplesmente com o esquecimento.

A chaga tremenda aberta no coração do povo ainda se conserva viva. O vulcão não foi completamente extinto, as lavas semi-resfriadas contem-se em seus conductos subterraneos reforçando-se e aquecendo-se de momento em momento esperando o ensejo para irromperem pela escancarada bocca da cratera, firmes, irresistíveis avassaladoras.

Ah! o baque será tremendo, a victoria esmagadora dos industriais marcará para Sorocaba uma nova era de felicidade e paz! Oliveira Mesquita. (O JORNAL, ano I, nº 21, 13 de outubro de 1913, p. 1).

O “Partido Municipal” era composto por industriais, comerciantes, intelectuais e por um advogado. Na edição do dia 29 de outubro de 1913, um dia antes das eleições, foi publicado no *O Jornal* quem eram os candidatos desse partido.

Partido Municipal

É a seguinte a chapa organizada pelo Partido Municipal

Para Vereadores

Doutor Octavio Moreira Guimarães

Alvaro Martins da Costa Passos

Firmino Soares

José Augusto Teixeira

João Machado de Araujo

Antonio Gambetta de Mesquita

João Evangelista Fogaça

José Carlos de Campos

Destes, uns serão vereadores e outros suplentes

Juízes de Paz – Districto do Rosario

Hermelino Wey

José Maria Loureiro

José de Castro Lima

Districto da Ponte

Justiniano Marçal de Souza

Ricardo de Oliveira

Antonio da Rosa Santos

Districto do Votorantim

Tarcisio Augusto de Nascimento

Bento de Campos

Vicente de Oliveira

Districto do Salto

Antonio Manoel de Oliveira

Bernardino Nogueira Padilha

Roberto Dias Baptista

(O JORNAL, ano I, nº 24, 29 de outubro de 1913, p. 1).

Desses candidatos pode-se destacar o irmão de Pedro Mesquita, o comerciante Antonio Gambetta de Mesquita, José de Castro Lima um dos ex-editores do jornal *O Operario*. O mais emblemático nessa chapa é o nome do advogado Octavio Moreira Guimarães, pois foi ele que moveu um processo contra o jornalista Joseph Jubert por injúrias em um artigo publicado no *O Operario* com o título “Um advogado trampolineiro e mystificador de protestos dos operarios da Fabrica de Soares & Irmãos” (O OPERARIO, ano IV, nº 158, 24 de novembro de 1912, p. 1, in CARVALHO (Org.), 2007, p. 524), que culminou com a prisão de Jeseeph Joubert³² e consequentemente o fim do jornal *O Operario*.

Como estratégia de campanha, Pedro Mesquita recorre às mulheres para que estas convencessem seus maridos a votarem no “Partido Municipal”, pois em 1913, as mulheres ainda não tinham conquistado o direito ao voto, direito esse que só chegou aqui no Brasil em 1932. Pedro Mesquita utilizou o apelo ao público feminino, que ele conquistou com suas poesias e constantes elogios, para que por meio das mulheres se pudesse convencer os homens a votarem no “Partido Municipal”,

O PLEITTO DE AMANHÃ!

“Se eu fosse homem votaria com o partido municipal que representa n’esta hora amarga que Sorocaba atravessa a ultima esperança de salvação”.

Estas phrases cheias de amor e patriotismo foram proferidas por uma senhorita filha amorosa desta legendaria terra, berço glorioso de Raphael Tobias, Rodrigues dos Santos, Ferreira Braga e tantos ardorosos paladinos da liberdade!

Filhas da espontaneidade, brotadas entre as rosas de uns labios de mulher são o attestado mais claro, mais alto, mais nobre, mais eloquente das sympathias que grangêa no seio da familia sorocabana o Partido Municipal em boa hora organizado.

Phrases simples mas significativas!

É a mulher, esse anjo suavizador, flor de suavissimo perfume, rainha dos lares, mensageira dos affectos é ella que abandonando por momentos o seu lugar vem em nosso auxilio em auxilio daquelles que ora se empenham pela salvação de Sorocaba emprestar seu alento, acalantar o nosso coração as nossas energias nessa cruzada grandiosa!

É o povo cansado de soffrer, é a familia sorocabana sobresaltada e martyrisada pelos tyranos que administram Sorocaba que desde ha muito a vem trazendo num circulo de lagrimas e desesperações incessantes, que nos alentam dando-nos a doce suavidade de seu encorajamento.

É movidos, dominados pelo amor acrisolado que votamos a esta terra que havemos de sustentar até o ultimo reducto a lucta em prol da

³² Reunir em um mesmo partido pessoas que estiveram em lados opostos, e ainda ganhar o apoio de ferrenhos críticos, como era o caso de Pedro Mesquita e Castro Lima, com inúmeros textos criticando os industriais, é algo que só a política é capaz de fazer!

victoria do Partido Municipal o único que corresponde a esperança do povo sorocabano.

Homens de brio! Operarios! Vós que sois a victima do partidarismo cruento, vós que viveis a vida toda entre o sussurro incessante das machinas e o tinir dos malhos na bigorna, ouvi o nosso brado de alerta! Aproxima-se a hora da batalha santa os nossos adversarios procuram aterrorisar-nos com a força de seus meios condenados pelo bom senso, pela razão, mas nos escudamos pelo character, abençoados pela memoria daquelles que baquearam para sempre victimas da sanha cruel dos nossos adversarios, havemos de sahir victoriosos.

Nada de receios: a lucta pois em prol do bom nome, e da dignidade de Sorocaba.

Cumpri o vosso dever oh! povo legendario! Oliveira Mesquita (O JORNAL, ano I, nº 24, 29 de outubro de 1913, p. 1).

Os apelos de Pedro Mesquita e de seus pares do “Partido Municipal” de certa forma foram ouvidos pela população, visto que dos cinco vereadores eleitos em 1º turno, três eram do “Partido Municipal”. Quem redigiu a lista dos eleitos, publicada no *Cruzeiro do Sul* trocou as posições, pois aparece em segundo lugar o Dr. João de Almeida (governista) com 211 votos e, em seguida, o Dr. Octavio Guimarães (oposicionista) com 238 votos. O fato é que o Partido Municipal conseguiu eleger três vereadores em 1º turno e com uma votação expressiva para a época,

Eleições Municipaes

Com desusada animação realizaram-se ante-hontem as eleições municipais neste municipio.

[...] Pela apuração geral dos votos recebidos em todo o municipio, verificou-se o seguinte resultado:

PARA VEREADORES

Eleitos em 1.o turno:

Dr. Luiz P. de Campos Vergueiro – governista, com 311 votos.

Dr. João de Almeida Tavares, governista, com 221 votos.

Dr. Octavio Guimarães, opposicionista, com 238 votos.

Alvaro Martins da Costa Passos, opposicionista, com 217 votos.

Firmino Soares, opposicionista, com 220 votos.

Eleitos em segundo turno:

Cel. João Augusto da Silveira, governista com 699 votos.

Cap. Joaquim Eugenio Monteiro de Barros, governista, com 700 votos.

Cap. Augusto Cezar do Nascimento Filho, governista, com 692 votos.

O comparecimento total de eleitores foi de 1371, dos quaes 696 votaram com o partido governista e 675 com o herminista-industrial.

Dahi se verifica que a maioria obtida pelo Partido Republicano de Sorocaba sobre os seus ricos e poderosos adversarios foi de 21 votos. (CURZEIRO DO SUL, ano XI, nº 2.266, 31 de outubro de 1913, p. 1).

A diferença de 21 votos foi comemorada, ou pelo menos o Partido Republicano tentou encarar dessa maneira, como sendo uma vitória, mesmo com a aparente derrota no primeiro turno, onde o Partido Municipal elegeu três representantes.

As eleições em 1913 apresentavam uma metodologia em que o eleitor votava escrevendo os nomes dos candidatos, em dois espaços nas cédulas, sendo um para o primeiro turno, onde se escrevia o nome de um candidato e o espaço denominado segundo turno, onde poderiam ser escritos os nomes de vários candidatos, até o limite de oito, como era o caso de Sorocaba, inclusive o que foi escrito no espaço do primeiro turno. Este mecanismo está expresso no Decreto nº 2.432, de 18 de outubro de 1913,

DECRETO N. 2.432, DE 18 DE OUTUBRO DE 1913

[...] Artigo 31. - Cada eleitor chamado para votar, entrará no recinto em que funcionar a mesa e depositará suas cédulas na urna, que deverá conservar-se fechada a chave, durante a votação, e em cuja parte superior haverá uma simples abertura, pela qual uma só cédula se possa introduzir de cada vez.

Artigo 32. - As cédulas terão respectivamente os rotulos - Para vereadores - e - Para juizes de paz - estas com a declaração do districto.

Artigo 33. - A cédula para vereadores conterá duas partes distintas ou turnos: o primeiro turno será de voto uninominal, devendo o eleitor inscrever o nome do candidato sob a epigraphe «primeiro turno», e o segundo turno, de voto por escrutinio de lista, em que o eleitor inscreverá tantos nomes quantos quizer até preencher o numero de logares de vereadores e eleger pelo municipio, sob a epigraphe «segundo turno».

§ unico. - O nome votado no primeiro turno poderá ser repetido no segundo - uma só vez.

[...] Modelo de cédulas para a eleição de vereadores

PARA VEREADORES

1.º TURNO

Anacleto Pires, lavrador.

2.º TURNO

Benedicto Antunes, lavrador.

Carlos Bueno, advogado.

Dario Lopes, medico.

Eugenio Lima, negociante.

4,6,8,10 ou 12 nomes,
conforme o municipio de
cuja eleição se tratar.

Com a vitória do Partido Municipal embora seu irmão Antonio Gambetta não tivesse sido eleito, possivelmente foi suplente de vereador, Pedro Mesquita sentiu-se motivado com a parcial derrota dos adversários e, escreveu um artigo onde relembra a morte do Dr. Ferreira Braga, pois o motivo real que levou à sua morte nunca ficou totalmente esclarecido. O Dr. Ferreira Braga era advogado da Câmara Municipal de

Sorocaba, foi acusado por João Lacerda de ter alterado um contrato de fornecimento de energia elétrica na cidade. Lacerda sentia-se prejudicado por essa alteração e acabou não conseguindo cumprir o prazo estabelecido para finalizar o projeto. Isto o levou à falência juntamente com seu irmão e sócio Vicente Lacerda.

Inconformado com a perda de seus bens, Lacerda nutria um espírito de vingança que o motivou a assassinar o Dr. Braga. Existia ainda a versão de que adversários políticos do Dr. Ferreira Braga incentivaram Lacerda a assassinar o advogado. Sustentando essa versão, Pedro Mesquita escreveu o artigo intitulado “Ferreira Braga”, onde fez duras críticas aos incentivadores de Lacerda e ainda afirmava que a morte do Dr. Ferreira Braga não calou a voz da oposição, claramente referindo-se ao resultado da eleição de 30 de outubro de 1913,

FERREIRA BRAGA

É doloroso, mas necessário recordar certos factos que – como o assassinato do DR. FERREIRA BRAGA, encarnam verdadeiros actos de tyrania e perversão humana.

É doloroso, é triste, porque vem de novo ferir nossos corações sensíveis e generosos; mas necessário porque também lembrando os crimes que os poderosos tem praticado mais dilata o ódio e a revolta que germina na alma do povo escravizado e explorado impelindo-o a conquista da suprema liberdade!

Ha factos que tão intensamente se radicam na alma do povo que jámais se apagam da sua memoria sempre predisposta ao esquecimento de crimes commettidos por mãos impiedosas e negras de criminosos fanaticos so serviço do poder.

A ineptia que caracteriza os que incitaram o cruel assassinato de DR. BRAGA a pratica desse nefando crime levou-os a julgar que veriam extinguir-se a idéia de salvar e renovar Sorocaba só porque desaparecia da vida activa o seu maior vulto.

Enganaram-se, como não podia deixar de ser: Estinguiu-se a causa mas ficou o effeito.

Que importa morrer hoje ou amanhã?

Que importa morrer victima de uma trahição ou minado por pertinaz enfermidade, se tudo é morrer?

Ah!... mas se a morte de uns é o germen incentivo d'outros como queriam os tyranos desta terra, desta famosa Sorocaba, que a idéia redemptora morresse junto á FERREIRA BRAGA?

Não; a sua obra, larga e fecunda progride e progredir's sempre!

FERREIRA BRAGA, como em vida, é ainda agora depois de morto, o symbolo sagrado de nossas esperanças!

Sorocaba. Oliveira Mesquita. (O JORNAL, ano I, nº 31 de 04 de dezembro de 1913, p. 1).

O pleito do dia 30 de outubro continuou a render boas doses de brigas e ofensas. Os operários da Fábrica Votorantim entraram em greve do dia 02 de

dezembro de 1913. Logo começaram as acusações; os civilistas (governistas), ou seja, os membros do Partido Republicano apoiaram a greve. Isso levou imediatamente os hermistas, seguidores do Marechal Hermes da Fonseca³³, do Partido Municipal a ficarem do lado oposto. Realmente os papéis se inverteram, pois ambos tinham posições totalmente contrárias: os hermistas (oposicionistas), dentre eles Pedro Mesquita, apoiavam os movimentos grevistas, mas diante do apoio que a greve recebeu, Pedro se colocou contra essa greve, dizendo que os operários estavam sendo utilizados como massa de manobra dos interesses e vingança dos governistas, visto que os industriais haviam formado o Partido Municipal.

No artigo cujo título era “De Relance...”, Oliveira Mesquita destilava todo seu ódio contra os civilistas e conclamava os operários a voltarem ao trabalho e encerrarem a greve. Desta vez ele não foi ouvido, pois a greve continuou até o dia 20 de dezembro de 1913, quando não se teve mais notícias nos jornais de Sorocaba.

De Relance...

Todo aquelle que for observador consciencioso e que procurar estudar a causa da presente grêve dos operarios da fabrica do Votorantim, hade, indiscutivelmente, descobrindo a verdade dos factos chegar a triste conclusão de que esse movimento, em parte foi criminosamente instigado pela odiosa e descarada paixão partidária de almas vis e pequeninas.

O direito do operariado é sagrado, conspurcal-o, é crime affrontoso à soberania da liberdade e da justiça!

Quando a alma operaria desfralda o seu rubro pendão pedindo, ou mesmo exigindo dos patrões aquillo que tem direito, dentro da ordem logo encontra a seu favor a sympathia de outras classes sob applausos unanimes e demonstrações de inteira solidariedade.

Porque, muitas vezes acontece que o operário atribulado, atormentado pelas duras contingencias da vida moderna assistindo no lar o drama pungente da miseria, a fome á negra fome com o cortejo de horrores fazendo-lhe da magarda seu throno de gloria, os pequeninos filhos esfarrapados implorando-lhe meigamente pão, enfim ante o império absoluto da dor – é obrigado a lançar mão de todos os meios de todos os recursos sejam elles quaes forem em defesa da familia.

Mas quando se trata de um movimento instigado pelos que tem interesse na desventura do povo na desventura daquelles que morejam incessantemente nas officinas em busca do negro pão quotidiano, o nosso coração por mais sensivel que seja não pode deixar de protestar alto e solenemente, não contra os operarios, que são apenas victimas, mas contra os que para vingar ódios e paixões mesquinhas vão procurar no seio tranquillo de um povo trabalhador, nas almas simples e boas dos filhos do trabalho o instrumento para sua vingança enegrecendo existencias, revoltando cérebros, transformando corações!

³³ Presidente da República de 1910 a 1914.

Que lhes importa as consequencias, que lhes importa a lagrima dorida dos que tem fome, soffra quem soffrer, chore quem chorar, desde que lhes attinjam os fina almejos, esta tudo muito bem, tudo corre as mil maravilhas!...

Néros da actualidade! vão rir mais tarde ante as lavas incandescentes do desespero das victimas que fizeram!

Sorocaba. Oliveira Mesquita. (O JORNAL, ano I, nº 32, 07 de dezembro de 1913, p. 2).

Durante a greve dos operários da Fábrica Votorantim, Pedro Mesquita mesmo envolvido nas questões que agitaram a cidade, participou de uma cerimônia católica e tomado por sua veia poética, escreveu o artigo “Preces á Maria”:

Preces á Maria

Ha certas festas, que pelo seu encanto deixam gravadas em o nosso coração uma lembrança immorredoura.

Assim a recepção das novas filhas de Maria que se realizou em a noite de 8 do corrente gravou no livro de nossa memoria, em caracteres luminosos uma suave e doce recordação!

O nosso coração tão atribulado, tão vergastado pelas duras contingencias da vida, por crueis dissabores, assistindo a cada auróra que desponta o funeral de uma esperança, recebera naquela festa encantadora um confortavel limitivo.

Aquelles rostos risonhos de olhos scintillantes de praser e fé, aquella multidão de virgens inquietas como borboletas pareciam receber a bençam de uma mão divina n’um assomo de alegria devota.

A claridade doirada e tremula das velas, quaes se fossem olhos a se abrir e a fechar parecia querer nos mostrar a virgem rainha dos céos num gesto sublime, a abençoar os christão e a recolher suas preces repassadas de fervor.

Oh! Maria encantadora! derramae sobre nós a divina suavidade do teu conforto; livrai-nos oh! mãe dos desgraçados, dos cahos tormentosos, amparae com influxos de teu poder a nossa alma peccadora que se debate em meio do tumultuar das paixões, no vasto oceano da vida! Derramae no coração da mocidade o manancial bemdicto da fé!

Fasei oh! doce virgem Maria, de nosso pobre coração um imperio para que possas reinar eternamente!

Sei que pudeste transformar o coração que se debatia outr’ora no tormentoso da descrença, fasei dele agora um templo onde viva a fé e a esperança em paz!

Sorocaba. Oliveira Mesquita. (O JORNAL I, ano I, nº 33, 11 de dezembro de 1913, p.1).

Em sua última edição, a de número 34 publicada no dia 21 de dezembro de 1913, *O Jornal* publicou uma coluna intitulada “Aos leitores” em que o redator Porphyrio Loureiro comunicava que o jornal deixaria de circular por uns dias e que retornaria no próximo ano de 1914 em novo endereço, rua Dr. Braguinha, 15 e 15 A,

e que também voltaria com novas máquinas, porém sob novo nome, passando a chamar-se *Diário de Sorocaba*.

Também nesta última edição encontra-se um texto de Oliveira Mesquita sob o título de “Um Dever a Cumprir!” onde indagava o motivo por que não havia em Sorocaba nenhuma rua com o nome de Arthur Gomes. (O JORNAL, ano I, nº 34, 21 de dezembro de 1913, p. 2).

Ainda nesta última edição do *O Jornal*, Pedro Mesquita publicou o seguinte poema:

Cançado de Viver!
(Aos meus amigos)
Ditosos os que morrem; dos que o manto
Da morte já envolveu amortalhando;
Dos que não soffrem mais de quando em quando
E repousam na paz do campo-santo.

A vida é de illusões um triste encanto,
Flores e espinhos junto se encontrando.
Hoje, feliz, adormecer cantando
Despertar amanhã banhado em pranto!

Acalentar no seio uma esperança
Um sonho que desliza sobre as aguas
Do amor da vida cheio de bonança,

Depois... tudo perder! Ao desgraçado
Restando apenas as mais tristes magoas
E uma saudade immensa do passado!..

OLIVEIRA MESQUITA

(O JORNAL, ano I, nº 34, 21 de dezembro de 1913, p. 2).

No ano de 1914 o jornal voltou a circular com o nome de *Diário de Sorocaba*³⁴, com edições diárias e tendo Pedro Mesquita como diretor e redator. Conforme notícia veiculada também no jornal *A Cidade de Ytú* sobre o lançamento do jornal “Recebemos os seguintes jornaes: «Diário de Sorocaba», folha diaria que acaba de surgir na progressista cidade de onde tira o nome, sob a direcção do snr. Oliveira Mesquita”. (A CIDADE DE YTÚ. Ano XIX, nº 1.488, 14 de janeiro de 1914. p. 2).

Em Sorocaba o jornal *Cruzeiro do Sul* também estampava uma nota sobre o surgimento o *Diário de Sorocaba*, “Foi distribuído hontem o primeiro numero do novo

³⁴ O jornal Diário de Sorocaba fundado por Manuel Januário foi publicado pela primeira vez de 1880 a 1892, em 1900 ressurgiu por iniciativa de Antonio de Oliveira e foi publicado até 1910, em 1914 Pedro Mesquita publica novamente o Diário de Sorocaba que teve somente um ano de duração. Em 1958 o jornalista Vitor Cioffi de Luca lança a quarta versão do jornal que é publicada até os dias de hoje.

orgam da imprensa local “Diario de Sorocaba”. Agradecendo a visita que nos fez o collega, desejamos-lhe muitas prosperidades”. (CRUZEIRO DO SUL. Sorocaba, ano 11, n. 2.324, 11 jan. 1914, p. 2).

Com a mudança de redator e de nome, o *Diario de Sorocaba* passou a ser uma “Folha independente, defensora dos interesses do município e da zona Sul Paulista”. Deixou a antiga epígrafe que estampava *O Jornal* que se dizia “Orgam do Partido Republicano Conservador³⁵”. Esse fato talvez tenha levado a toda essa mudança de estratégia, com o rompimento com o Partido Republicano³⁶ que também já não despertava mais as paixões que despertou no passado. Assim o *Diario de Sorocaba* passou a defender os interesses do Partido Municipal.

Em todas as edições do *Diario de Sorocaba* na seção expediente encontra-se uma nota explicando e alertando que “O DIARIO nada tem que ver com o activo e passivo do extinto “O Jornal” desta cidade”. Provavelmente essa preocupação para desvincular do antigo *O Jornal* seria por dívidas acumuladas na gestão anterior, e também para romper definitivamente com o Partido Republicano. Isso explicava também a mudança de nome e do redator. (DIARIO DE SOROCABA, ano I, de 15 de janeiro de 1914, n. 2, p. 2).

Pedro Mesquita foi diretor do jornal *Diario de Sorocaba* até junho de 1914 quando Prophyrio Loureiro assumiu a direção do jornal. Porém Pedro continuou escrevendo para as colunas do jornal.

Acontece que algo o aborreceu e assim desgostoso com a cidade de Sorocaba, abalado com as críticas que recebeu e não tendo mais clima para permanecer, dirigiu-se para a cidade de Itú, morando em casa de parentes. Lá ele apresentava-se como

³⁵ Partido político fundado em novembro de 1910 pelos políticos que haviam apoiado, em março daquele ano, a eleição do marechal Hermes da Fonseca para a presidência da República, em oposição a Rui Barbosa. Liderados pelo militar e político gaúcho Pinheiro Machado, os organizadores do partido pretendiam manter o controle dos militares e das lideranças regionais sobre o governo. Com a morte de Pinheiro Machado em 1915, quando foi assassinado com uma punhalada pelas costas no hall do Hotel dos Estrangeiros, no Rio de Janeiro, o PRC foi dissolvido. ([https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeirarepublica/PARTIDO%20REPUBLICANO%20CONSERVADOR%20\(PRC\).pdf](https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeirarepublica/PARTIDO%20REPUBLICANO%20CONSERVADOR%20(PRC).pdf))

³⁶ Em dezembro de 1870, com o fim da Guerra do Paraguai, foi lançado no Rio de Janeiro, o Manifesto Republicano, impresso nas páginas de um novo jornal, intitulado A República. O manifesto desencadeou a organização de diversos clubes republicanos na capital da província de São Paulo e no interior cafeeiro, principalmente nos municípios de Sorocaba, Campinas, Jundiaí, Piracicaba e Itú. Em 1873, esses clubes reuniram-se na cidade de Itú, para uma convenção, que ficou conhecida como a Convenção de Itú. Nessa ocasião foi fundado o Partido Republicano Paulista (PRP). Entre as pessoas que participaram da Convenção, estavam artistas, militares, cafeicultores e intelectuais, como Américo de Campos, Rangel Pestana, Bernardino de Campos, Campos Sales e Prudente de Moraes. (<http://www.historiamais.com/partidorepublicano.htm>)

poeta e como tal foi recebido pela cidade, passando a colaborar com seus poemas no jornal *A Cidade de Ytú*.

2.3 Nos jornais *A Cidade de Ytú* e *A Federação* (1915 – 1918)

Pedro Mesquita foi assíduo colaborador dos jornais *A Cidade de Ytú* (1893-1917) e *A Federação* (1907-1961), jornais impressos na cidade de Itu. Com o título “De longe...” Pedro escreveu uma crônica que pelo teor apresentado ele deveria estar em viagem, provavelmente pelo sul do país, visto que lá residiam vários parentes maternos, e foi para o sul que Pedro se mudou ao se desentender com os militares do Tiro de Guerra,

DE LONGE... Não sei o que tanto, me prende á essa terra abençoada ! Do kaleidoscopo de minha mente não sáe a lembrança fagueira do delicioso tempo que ahi estive. Lembro-me com immensa saudade os dias poéticos que ahi gosando a doce e inefável hospitalidade dos ytuanos. Ah! Como a Felicidade é passageira e caprichosa ! . . . O tempo não corre voa... Ao volvermos os olhos ennevoados. descortinam os sempre visões, sonhos que ficaram distantes, marcando episódios, determinando circumstancias; lenços cheios de pranto, que acenam ... mãos derramando adeuses . . . lábios semeando beijos! A h! como o tempo é passageiro e com o a Felicidade è caprichosa ! E já tudo se foi... Amores, crenças, tudo. Quando póde encerrar-se, em pet’las d’amisade. Agora, o peito é frio, é solitário e mudo... Guardando do passado a pallida saudade!(A CIDADE DE YTÚ, 25 de Setembro de 1915 – Edição 1667, p. 1).

Durante o ano de 1915 Pedro Mesquita passou a ser colaborador do jornal *Correio Paulistano* editado e distribuído na capital paulista.

Pedro Mesquita em 1915 também escreveu para o jornal católico de Itu *A Federação* que se intitulava “Orgam das Associações Catholicas de Ytú” e “Com aprovação Eccleciastica”. Desta forma, Pedro se livrou, ou pelo menos deveria ser sua intenção ao se aproximar de um jornal católico, livrar-se de seu passado contestador, onde a igreja era um de seus alvos. Duras críticas ele fez à Igreja nos tempos de *O Operario*, provavelmente estimulado pelos ideais anarquistas que orientavam os editores do referido periódico sorocabano.

O jornal estampou em sua terceira página sob o título de “Hospede”,

Desde vários dias acha-se entre nós o distincto moço sr. Pedro Salles de Oliveira Mesquita, brilhante jornalista, que com muito critério e proficiência redigiu por muito tempo O Diário de Sorocaba. E’ da sua lavra a bella poesia, que abrilhanta a primeira pagina do nosso jornal.

Cumprimeatamol-o. Hospede. (A FEDERAÇÃO, ano X, nº 514, 06 de março de 1915, p. 3.).

A “bella poesia” que a nota refere-se foi o texto publicado na primeira página do jornal *A Federação* dedicado ao Dr. Manuel Maria Bueno, cujo título era Jesus!

JESUS!
Ao Dr. Manuel Maria Bueno
Do teu olhar divino a luz bemdicta,
Preludio eterno de inocência e amor,
Faz da fé resplender aureo fulgor,
Nos corações, onde a descrença habita.

Maria Magdalena, a condenada,
Curvou-se penitente ao teu olhar,
Que enche de doce e esplendido luar,
A noite da existencia amargurada.

Quando da cruz, fitaste a humanidade,
E n’um sorriso cheio de piedade,
Pagaste a injuria com o teu perdão.

N’esse momento de agonia immensa,
Em cada cerebro aninhou-se a crença,
A fé, dominadora da rasão!

Ytú – 1915

Oliveira Mesquita (A FEDERAÇÃO, ano X, nº 514, 06 de março de 1915, p. 1).

Em 1914 a Europa fervilhava com A Primeira Guerra Mundial que começou em 28 de julho de 1914 e durou até 11 de novembro de 1918, e que influenciou o poeta Pedro Mesquita. Com o poema “Os fugitivos belgas!” ele deixou uma bela poesia escrita durante um dos períodos mais sangrentos da história mundial,

Os fugitivos belgas!
A caravana mísera, causada,
O horror, a fome, as dores derramando
Sobre os seus tristes dias de minguada
Vida, vão pouco a pouco a dizimando,

A pedregosa estrada vae cortando
Douda, faminta, suja esfarrapada,
O berço, o lar atraz de si deixando
A incerta, longes terras destinada.

Requeima-a a sêde. Os olhos lacrimosos,
Da ponta dos rochedos alterosos,
Lança ao redor em busca de uma ponte

Mas... só profundos valles ressequidos.
 Enormes braços d'árvores cahidos
 Seus olhos vêm na curva do horizonte!
 Ytú – 1915

Oliveira Mesquita. (A CIDADE DE YTÚ. Ano XX, nº 1.606, 10 de março de 1915. p. 1).

Na mesma edição do poema “Os fugitivos belgas!”, Pedro escreveu um texto publicado na primeira página do jornal *A Cidade de Ytú*. Nesse texto ele elogiava o povo ituano, bem como vários aspectos da cidade, deixando transparecer que algo havia acontecido em Sorocaba que o estava aborrecendo.

O texto cujo título era “Salve Ytú!” além de primoroso, deixou um legado de detalhes sobre a vizinha cidade de Itu e qualquer sorocabano que o tenha lido, provavelmente deve ter se magoado,

SALVE YTÚ!

Quanto mais procuro estudar este povo, mais o amo, mais admiro a sua já tradicional hospitalidade!

Deus, na sua infinita bondade e imensa sabedoria premiou este formoso pedaço de terra paulista, com os louros da felicidade.

Ytú é uma terra encantadora e de tradições inapagáveis!

Consentiu o Excelso que daqui saísse para a glória da Pátria um gênio sublime como o de Almeida Junior, o grande pintor, cuja morte abriu nas artes brasileira um enorme vácuo e, no coração dos paulistas, uma chaga incicatrizável.

Entre os que partiram para o Além nas Azas lúgubres da morte, deixando so seus nomes gravados em caracteres luminosos no livro sagrado da Pátria, Ytú, recorda-se com saudade, com religioso carinho do seu abnegado filho o glorioso Padre Bento, homem quasi divino cuja vida foi uma verdadeira epopéia de virtudes!

Fallando de seu passado punjante não posso deixar de fallar do presente.

Ytú, caminha a passos largos na vanguarda, do progresso, nas artes e na industria.

Para a prova vemos tantas fabricas de tecidos, onde milhares de operarios labutam quotidianamente em busca do pão, sob o cantarolar alegre das machinas que entoam o hymno sagrado do trabalho; confortaveis casas de diversões, lindos edificios quer publicos quer particulares.

Um grupo escolar excellente, dirigido por abalisados mestres, diversas escolas isoladas onde a infancia em communhão ardente busca a luz do espirito!

A imprensa muito desenvolvida, collaborada por pennas scintillantes; a musica muito cultivada, duas boas corporações musicas, uma maviosissima orchestra regida pela batuta do joven, mas, ja notavel maestro – Tristão Junior – nome sobejamente conhecido e venerado em todo o Estado como o de um dos mais bellos talentos muzicaes.

Um brilhante Gremio Dramatico, composto de rapazes talentosos pertencentes a fina sociedade local.

Uma iluminação publica invejavel, muito bem organizada, tudo enfim, muito bello, muito grande.

Entre tantas cousas que engrandecem Ytú, vemos o velho, o legendario “Collegio de São Luiz, estabelecimento de ensino que é uma verdadeira gloria para o Estado, orgulho dos Paulistas!

A mocidade – possui Ytú, uma mocidade vibrante, cheia de vida, cheia de esperanças, boa, meiga, incomparavel, a sua bondade captiva seduz e arrebatada!

Outras bellas, outras reliquias, possui-as Ytú, mas, que a penna pauperrima e, acanhada do pobre rabiscador, não tem brilho para decantá-las!

Ytú – 915

Oliveira Mesquita (A CIDADE DE YTÚ. Ano XX, nº 1.606, 10 de março de 1915. p. 1).

Fora o passado conturbado no periódico *O Operario*. Pedro tinha motivos para estar magoado com a sua cidade natal. Um deles foi a desilusão com a jovem Amélia. Em um texto publicado na primeira página do jornal *Cruzeiro do Sul* de 28 de dezembro de 1916, Antonio Filete amigo de Pedro Mesquita descreve a angústia e o sofrimento do amigo poeta, relatando o fim do namoro do amigo, o texto intitulado “Amor de Poeta” e dedicado ao amigo e poeta Oliveira Mesquita dizia,

[...] Eramos todos descrentes de qualquer illusão; padecíamos as consequencias de um amor precoce e infeliz! O poeta, entretanto é quem mais soffria, coitado!

Moço ainda, viu-se em face de uma criatura que pela sua bellesa, pelo seu porte gracioso e distincto inspirou-lhe amor. Amou-a, céga e perdidamente, ignorante de que as mulheres (e são tantas!) depois de fazerem do homem que se lhes rende aos pés como escravo um martyr do seu amor, - ainda se satisfazem depois de despresa-lo cruelmente, ás maiores das torturas com seus olhares, então não acreditados felizmente, por terem perdido a luz da sua sinceridade!

Fazia desse amor, risonhos castellos, róseos, cuja felicidade por elle sonhada, era descripta quasi quotidianamente em seus poemas, numa linguagem sã e de puro sentimento.

[...] Um dia, essa leviana mulher abandonou-o!

Despresou-o, esquecendo-se de tudo, inclusive os mais sagrados juramentos feitos deante de Deus, de eterno e fiel amor, - sem sequer um vislumbre de compaixão pelo poeta que loucamente a amava! (CRUZEIRO DO SUL, ano XIV, nº 3.178, 28 de dezembro de 1916, p. 1).

Em um texto cujo título era “O casamento é uma ratoeira... Aos futuros maridos!” Pedro Mesquita fez uma dura crítica ao casamento, talvez pela sua experiência traumática com Amélia. O certo é que em tom de deboche e crítica, ele

comparou o casamento a uma ratoeira em que o “coitado” do homem cai e assim deve conformar-se com tal sorte.

O casamento é uma ratoeira... AOS FUTUROS MARIDOS!

Um rato muito vivo, muito esperto, muito brincalhão, passava noites e dias em alegres patuscadas sem importar-se com as alterações do cambio ou conflagração européa.

Não éra francez nem allemão, muito menos russo... éra simplesmente rato.

De uma ocasião em que passeava despreoccupado, a flunar como sempre andava, olhou para uma casinha de arame que encontrou á beira do caminho. Dentro, dependurado com aparato e geito, para dar na vista, estava um pedaço de toucinho.

Um senhor pedaço de toucinho, tão perfumoso, tão alvo e provocante, ao qual não poudo resistir!

Parou abrasado e fascinado.

Mirou, cheirou e poz se a andar ao redor, deslumbrado, enfeitizado com aquella lambisquice de encantar. Vacillava sem tomar resolução, mas com impetos e fortes desejos de entrar pela porta aberta. Entra, não entra... hesita receioso.

Uma vóz intima segreda-lhe baixo, muito baixinho, ao ouvido, que tivesse bom senso, que não fosse tolo, que seguisse avante na vida egoista de furar paredes, que éra melhor do que cahir no precipicio, ficando perdido para sempre. Quiz caminhar, mas não poudo. Aquillo éra um imam poderoso, uma atracção irresistivel. Era tal como se fosse o diabo a tental-o para que fosse saborear com appetite de entendedor de boas coisas.

Olhou novamente, examinando tudo, para a esquerda, para a direita, para cima, para baixo e como não via ninguem tomou resolução.

Entrou. Entrou sorrateiro, cheio de precauções, pé aqui, pé ali, com o narizinho a cheirar no ar e a deliciar o olfacto com aquelle perfume estonteador.

Queria atirar-se sôfrego á gorda petisqueira; mas não se atrevia. Bem sabia o que era aquillo. Ja tinha visto companheiros do peito e amigos da infancia que, para satisfazerem a gula, ficaram amarrados, agrilhoados para sempre.

Era melhor dar volta, enquanto era tempo e continuar de redea solta, na vida airada.

Recuou dois passinho.

Tornou a espreitar, com olhos cupidos e boquinha meia aberta. Quiz sahir mas não teve coragem. Aquillo devia ser divino, celestial, de um sabor como nunca experimentara, e além de que parecia estar pedindo, supplicando, que não demorasse a trincar com os dentinhos de conhecedor consummando de pratos finos.

E foi resolutamente, disposto a tudo, succedesse o que succedesse, abrir a bocca ao naco desejado.

O toucinho recuou, retrahiu-se, tremeu ao contacto e ouviu-se logo um barulho surdo.

Desgraçado! Era a porta que cahia.

Impossivel! A liberdade estava perdida e elle preso para toda a vida.

Isto é uma historia que succede todos os dias, todas as horas, todos os momentos por ahi a cada canto.

O rapaz solteiro é como rato que anda descuidado a girar por toda a parte, até encontrar os encantos da menina que está como isca, a desafiar o appetite, toca-se, e quando se quer dar as de Villa Diogo, desce a tampa da ratoeira que é o casamento, e elle coitado! lá fica seguro para sempre. Depois, se vem a melancolia, a tristeza, o arrependimento, tarde piou; é ter paciência e resignar-se, porque diz o velho aphorismo, que o que não tem remedio, remediado está!... OLIVEIRA MESQUITA (A CIDADE DE YTÚ. Ano XX, nº 1.607, 13 de março de 1915. p. 1).

Já no texto a seguir, Pedro declara sua incompreensão diante da morte de inocentes crianças, que em 1915 alimentavam as estatísticas, visto que o baixo desenvolvimento da medicina na época, juntamente com as moradias insalubres eram as condições ideais para que pequenos e frágeis seres sucumbissem ante os pais que assistiam impotentes a malvada morte lhes roubar suas crianças.

Santos Filho (1991 *apud* RIBEIRO, 2006, p. 30) diz que, “havia também as doenças que costumavam afligir e dizimar as crianças, como o sarampo, a varíola, verminoses, dermatoses, tinha e sarna, além da infecção chamada “mal-de-sete-dias”, resultante da inflamação do umbigo do recém-nascido”,

Quadros tristes!

- Ao distinto cavalheiro, snr. José Maria Alves, cuja bondade, sinceramente admiro –

Triste, requeimada em febre a criancinha geme
No bercinho que em breve ha de ficar vasio...
Como de um lyrio o alvor á soalheira do estio
Vai a vida fugindo áquelle corpo extreme!

Fóra, no horror da noite, o vento fugidio
Como um monstro vencido, estertorante; freme,
Emquanto a pobre Mãe cheia de assombro treme
Vendo o filho a morrer, presa de angustia e frio...

Beija-o, toma-lhe o pulso e os grandes olhos fita
Nos olhos do filhinho e, de repente grita!
Oh espasmo da dor, oh! desespero santo!

Morte! tyrano algoz das tímidas creanças,
Por que roubas ás mães as loiras esperanças
Nestas noites crueis em que viceja o pranto?!...
Ytú – 1915 Oliveira Mesquita (A CIDADE DE YTÚ. Ano XX, nº 1.608, 17 de março de 1915. p. 1).

A aproximação com a igreja e o medo da guerra mundial, despertaram em Pedro reflexões a respeito da guerra. Encantado com uma apresentação das crianças

ele divaga em um excelente texto onde convida aos leitores a intercederem pelo fim do conflito,

Impressões...

Ha certas lembranças que se erradicam profundamente em o nosso coração!

Com a alma amargurada, ferida nos ásperos arrecifes da vida, relembrando com saudade áquelle tempo bom que se foi e que não volta mais, como a folha que os raios cordejantes do sol a cre-tam e o vento impiedoso a carrega para a imensidade do nada; entrei domingo ultimo na igreja do Sagrado Coração de Jesus.

Alli, como sempre, na ternura de uma oração, a minha alma soffredora recebeu a doce suavidade de um conforto.

A igreja do coração de Jesus, de Ytú, é uma das mais bellas do Estado de São Paulo.

As funcções religiosas nesta igreja, são sempre grandemente concorridas.

E, como em todas as igrejas catholicas do Brasil, quiçá do mundo inteiro, innumeros fieis vão alli, quotidianamente, implorar á Deus a sua misericordiosa intervenção no sentido de aliviar a pobre e miseranda Europa do enormisissimo peso que a esmaga actualmente; vão implorar ao Excelso que lance um olhar de compaixão sobre aquelles desgraçados povos que se degradiam nos campos da batalha victimas do orgulho e da ambição desmedida dos seus governos nefastos!

Domingo ultimo, centenaes de crianças, lindas como as manhãs de Maio, receberam, alli, communhão pela volta da paz á velha Europa conflagrada.

Que espectáculo soberbo! Que quadro surprehendente foi o dessa communhão de crianças innocentes e puras, meigas e boas alminhas, cheias de uma candura incomparavel!

É impossivel mesmo, que, Deus, misericordioso e bom, deixe de ouvir as criancinhas ternas, que, tão cheias de amor, pedem a volta da paz ao mundo da discórdia, onde os homens, quaes feras terriveis, trucidam se mutuamente.

Sim, a impressão que me ficou dessa manifestação sublime de religião e amor pelos que soffrem, acompanhar-me-ha sempre, como suave consolo á minha pobre alma amargurada!

Ytú – 1915 OLIVEIRA MESQUITA (A CIDADE DE YTÚ. Ano XX, nº 1.610, 24 de março de 1915. p. 1).

Para celebrar a Semana Santa, Pedro Mesquita escreveu e publicou no jornal *A Cidade de Ytú* um texto descrevendo a figura de Jesus, convocando as pessoas para que relembrassem e celebrassem ao sacrifício que Cristo fez pela humanidade. Mais uma vez Pedro suplica a interferência de Deus em relação à guerra que se desenrolava na Europa. Percebe-se nas palavras do poeta que o medo dessa terrível guerra começava a assolar as pessoas, visto que se pensava na época que o conflito na Europa seria logo resolvido,

Jesus Christo!

O mundo christão comemora nesta semana, o martyrio, a morte e a ressurreição gloriosa do divino redemptor do mundo, o meigo e suave Jesus!

Uma atmosphaera intensa de piedade e respeito invade á alma d'aquelles que sabem admirar a obra, que, só mesmo um enviado celeste podia apresentar ao mundo!

Sejam quaes forem as nossas opiniões religiosas, temos obrigação, humanos que somos, de venerar áquelle que arrancara o mundo das garras aduncas do mal e do erro, derramando na negra chaga da nossa atribulada existencia, o balsamo da caridade e do amor.

Oh! Jesus! Tú que foste e que és, a bondade personificada, consente que baixem sobre nós, miseros humanos, as irradiações do teu divino amor!

Volve, meigo Jesus, o teu olhar carinhoso, para o triste quadro que apresenta a infeliz, a desgraçada Europa, envolta no horrído sudario da mais triste amargura, chorando sobre o esquife dos seus filhos, tragados pela voragem de uma guerra monstruosa!

Vede, Jesus! Legiões e legiões de moços, em plena madrugada da existencia, impiedosamente massacrados quando ainda ha pouco entraram risonhos para a vida!

Tem piedade daquellas, infelizes mães, feridas tão asperamente em seus corações!

Tambem para o nosso Brasil, volve os teus olhos, livra-o dos horrores da gueraa civil, faze com que a Paz volte de novo aos lares sertanejos, ora transformado em matadouros humanos!

Derrama, ó Jesus, por sobre o povo brasileiro, o manancial de tuas bençams!

Ytú – 1915

Oliveira Mesquita (A CIDADE DE YTÚ. Ano XX, nº 1.612, 31 de março de 1915. p. 1).

O poema “Olhos divinos!” Pedro dedicou a seu “distinto e particular amigo” Lauro Alves. O texto foi publicado na primeira página do jornal *A Cidade de Ytú*,

OLHOS DIVINOS!

Ao meu distinto e particular amigo, LAURO ALVES

Olhos grandes e bellos, scintilantes,
De divinal, esplendido valor...
Dois corações de pálidos amantes
Tristes, bordando madrigais de amor!

Olhos que geram perolas flaminantes...
Astros que aquecem do sorriso a flor...
Meigas phalenas mansas, saltitantes
De azas setineas e eternal fulgor...

Olhos discretos, sonhadores olhos...
Naus de velludo em mares revoltados,

Calmas, lutando com lethaes escolhos,

Nas leves tiras dessas naus serenas
 Irão meus versos a voar, coitados,
 Pedindo a esmola de um olhar apenas!

Ytú – 1915

Oliveira Mesquita (A CIDADE DE YTÚ. Ano XX, nº 1.613, 07 de abril de 1915. p. 1).

Um problema que afligia muitas famílias na época, era o alcoolismo, principalmente entre a classe operária. Oprimida por extensas jornadas de trabalho em ambientes insalubres, convívio familiar pouco amistoso e motivada pelo baixo valor de aquisição da cachaça, grande parte dos operários se lançavam no vício do alcoolismo, como atesta Moraes (1921 *apud* MELERO, 2012, p. 54),

Além de consumir 4/5 da produção alcoólica total, a classe operária não encontra, na própria educação, a resistência necessária para reagir contra os impulsos, os desfalecimentos da vontade e as solicitações dos instintos. Por isso, a criminalidade operária tem sua principal origem no alcoolismo, concorrendo com outras concausas, aqui mais ou menos indicadas, e com factores individuais, predisposições orgânicas, influências do clima, da raça, etc... Nas classes superiores, a acção do álcool se revela menos intensamente, em virtude da reacção que lhe é oposta pela cultura, pela educação, pelo meio colectivo, já sensível aos escândalos do alcoolismo. O álcool não é, entre as alludidas classes, a causa preponderante da sua criminalidade, embora concorra para ella, em grande parte.

A preocupação com o vício maldito já estava na pauta dos textos de Pedro Mesquita. Tendo convivido com a classe operária tinha inúmeros exemplos para se preocupar e motivar-se a escrever um artigo chamando os operários à reflexão dos resultados de se entregarem à bebida,

Triste exemplo!

Nada existe que mais degrade o homem, como o alcoolismo!

Ainda hontem, lendo um diário da capital, chamou-me attenção a noticia desoladora de mais um funesto exemplo do alcool.

Mais uma victima arrancada a paz do lar, ao santuario sagrado da familia e lançada pelo alcool ao abysmo tenebroso do crime!

Um pae, outr'ora accérrimo trabalhador, chefe de família exemplar e que ultimamente entregára-se ao negro vicio da embriaguez, no auge desta, espanca a infeliz companheira de seus dias e, á punhaladas violentas, mata o seu proprio filho!

Esta pavorosa tragedia que tanto impressionou a formosa capital platina onde se deu o facto, deve servir de exemplo aos que se

entregam a embriaguez, sepultando-se em vida no charco pestilento do vício!

Pedindo venia, ao velho orgam da imprensa paulistana, "Diario Popular", transcrevo aqui, a sua nota, publicada hontem sobre o facto, sob o titulo "Os resultados do álcool". [...]

Simplemente doloroso!

O furacão, da desgraça, soprado pelo álcool, fez desmoronar os castellos de venturas de um lar, pobre, mas, feliz, envolvendo uma familia inteira no negro sudario da dor, do luto, do opprobio e do mais triste desespero!

Triste exemplo!

Ytú – 1915

Oliveira Mesquita (A CIDADE DE YTÚ. Ano XX, nº 1.614, 10 de abril de 1915. p. 1).

A inquietude de Pedro Mesquita o levou a ser diretor de um jornal, do qual temos poucas referências, mas que foi editado e dirigido por ele, denominado *O Cinema*. Era um pequeno jornal que abordava temas artísticos e literários que contava com a colaboração dos alunos do Grupo Escolar "Cesário Motta" da cidade de Itu/SP. Dizia a mesma nota:

O "CINEMA" – Brevemente sahirá a luz da publicidade 'O cinema, jornal de pequeno formato, artistico e litterario.

Publicação indeterminada.

Será collaborado pelos alumnos do Grupo Escolar "Cesario Motta".

A parte artistica será confiada ao talentoso joven, Amleto Blachmani, filho do notavel artista, prof. Brachmani.

Assignatura mensal – 500 réis.

A direcção do Jornal será confiada a um grupo de pessoas competentes, entre estas, o conhecido poeta, Oliveira Mesquita.

"O cinema", não terá venda avulsa.

Cá esperamos, o novo colleguinha. (A CIDADE DE YTÚ. Ano XX, nº 1.614, 10 de abril de 1915. p. 2).

O Professor Antonio Morato Gentil de Andrade do Grupo Escolar de São Pedro, contava com 22 anos, além de professor também era colaborador do jornal *A Cidade de Ytú*, amigo de Pedro Mesquita que lhe rendeu uma bela homenagem com o texto a seguir, publicado na primeira página do jornal,

Prof. Antonio Morato

Foi celebrada hoje, com grande assistencia, a missa do setimo dia, que, pelo descanso aterno da alma do sempre chorado moço, prof. Antonio Morato Gentil de Andrade, a sua desolada familia, mandou resar, ás 7 horas, na igreja do Bom Jesus.

Pelo grande numero dos que assitiram á esta manifestação de piedade e amor pela memoria dos que partem, n'essa viagem eterna, para as mysteriosas regiões do *nada*, pode-se calcular a grande dor que punge a alma Ytuana com o inesperado desaparecimento deste

joven que tanto brilhou pela sua bondade inigualavel e pelos seus altos dotes de elevadas virtudes, no seio da sociedade local, onde viveu rodeado das melhores amizades.

Moço, na madrugada da vida, com as mais fagueiras illusões a borboletearem-lhe n'alma, Antonio Morato, soube elevar-se pela magnanimidade de seu adamantino coração, fazendo de sua pessoa, alvo da admiração de uma sociedade inteira.

Como filho, era um verdadeiro exemplo, ninguém o sobre pujava em carinhos para com seus paes; como irmão, era de ternura rara, docil, affectuoso; como amigo era a sinceridade personificada!

Feliz d'elle, que morreu, deixando apenas saudades, não deixando ódios nem rancores!

A sua vida, foi qual um *meteoro* que passa pelo céu em tal virtiginosa carreira que mal deixa ver o brilho scintillante de sua luz!

Sobre o tumulto do prof. Antonio Morato Gentil de Andrade, espalhemos as flores singelas de nossa amizade!

Flores, muitas flores: pois só ellas sabem interpretar a dor de saudade que nos tange a alma e nos aletharga o coração!

Ytú – 1915

Oliveira Mesquita (A CIDADE DE YTÚ. Ano XX, nº 1.615, 14 de abril de 1915. p. 1).

Amélia ainda revolvía os sentimentos de Pedro Mesquita; o poeta afluía com seus versos e desabafos. Era uma mistura de saudades, dor e ressentimento. Em uma sequência de poemas, Pedro abriu seu coração e derramou sua dor pela ausência da amada. Os textos foram publicados nos jornais *A Cidade de Ytú* e no *A Federação* ambos da cidade de Itu onde Pedro estava residindo a partir de 1915,

Juras de amor...

Ao meu amigo, prof. Hilario Vieira.

Eu jurei e tu juraste...

Não lebras-te minha flor?

- Juramos eterno amor!

- Eu não quebrei! Tu quebraste?

Pois bem, si tu não quebraste

O juramento, meu bem,

Não Jures a mais ninguém,

O mesmo que a mim juraste!...

Vê lá, si eu souber que o teu,

Por outro fôra quebrado,

Embora seja peccado,

Eu quebro tambem o meu!

Ytú – 1915

Oliveira Mesquita (A CIDADE DE YTÚ. Ano XX, nº 1.615, 14 de abril de 1915. p. 1).

Desengano e Dor!
 Infancia! é o tempo dos fagueiros sonhos
 Em que a nossa alma desconhece as dores,
 E os labios palpitantes são risonhos
 E o ardente coração não tem rancores!

Não ha pranto nem magua nessa idade
 É tudo um manto azul de phantasia,
 Pois n'alma temos fé, temos bondade
 E o coração palpita de alegria...

E como o sol tombando no occidente,
 Chegam os annos com fatal pallor
 Que desfazendo o sonho sorridente
 Deixam em nossa alma – o desengano e a dor!
 Ytú – 1915

Oliveira Mesquita (A FEDERAÇÃO, ano X, nº 520, 17 de abril de 1915, p. 1.)

Dor de saudade! (Á Amelia).
 Era uma encantadora manhã de Abril!
 Doces perfumes exhalavam as olentes flores, alegres canticos
 entoavam os meigos passaros pousados nos galhos das arvores que
 a brisa perfumada timidamente balançava.
 O céu estava ornado de um azul sereno e bello como os teus olhos,
 pedaço do ceu azul, que eu jamais me cançarei de contemplar!
 Por traz dos montes vinha radiante surgindo o sol com os resplendores
 de sua magestade, os seus raios de ouro iam refflectir no orvalho que
 humidecia o verde lençol de gramma que occultava a nudez da terra,
 e nas aguas crystalinas de um regato onde se banhava um casal de
 alvos cysnes.
 Todos que passavam por aquelle sitio maravilhoso, não poupavam
 elogios á natureza!
 Em todos os semblantes estava impressa com as mais vivas cores a
 alegria; só eu passava contemplando com indifferentismo, cheio da
 mais profunda melancolia!
 Queres saber porque, Amelia adorada?
 Era a ausencia tua, era a ausencia desses teus olhos radiosos, desse
 teu rosto angelico cujos traços tenho nitidamente gravados em minha
 imaginação!
 Ytú – 1915
 Oliveira Mesquita (A CIDADE DE YTÚ. Ano XX, nº 1.617, 21 de abril
 de 1915. p. 1).

Saudades de ti...
 (Modinha, para ser cantada pelo joven cantor ytuano, JARBAS
 FALCATO)
 Tua voz quem será que escutando
 Jamais possa esquecer o dulsor?
 Quem será que o teu rosto fitando
 Não suspire abrasado de amor?
 Tens nos olhos fulgores de estrellas,
 Doces chammass de luz peregrina

E na bocca gentil pequenina
O suave perfume da flor!

Teu cantar me seduz e me prende,
Teu olhar me fascina e me mata,
Se um sorrir a tua bocca desprende
A minh'alma de amor arrebatada;
Eu quisera sedento banhar-me
De teus olhos ardentes nos lunes
Venturoso beber os perfumes
Que em volupia teu collo desata!

Meu amor, meu viver, tudo é vosso
O destino, meu fado assim quer...
Pois ainda distante não posso
Esquecer-te um instante sequer!
Vem, não tardes vizão dos meus sonhos,
Vem, eu quero feliz descuidado
Olvidar o meu triste passado
Bem juntinho de ti oh! mulher!

Do lyrio a cor nevada
Alvinitente e pura
Que a noite enlutarada
Orvalho e da frescura;
Recorda o alvor immaculo
De tua fronte pura
Retrata de tua alma
A divinal candura!
Ytú – 1915

Oliveira Mesquita (A CIDADE DE YTÚ. Ano XX, nº 1.618, 24 de abril de 1915. p. 1).

Nem só de lembranças e saudades da doce Amélia vivia Pedro Mesquita. Ele proferiu uma palestra com fins beneficentes, visto que a mesma tinha como objetivo ajudar o Hospital dos Morféticos da cidade de Itu. No jornal *A Federação* encontramos uma nota anunciando tal palestra,

Palestra litteraria

O nosso apreciado collaborador snr. Pedro Salles de Oliveira Mesquita, está estudando uma importante peça litteraria que s.s. apresentará brevemente em uma importante conferencia a realizar-se numa das casas de diversões desta cidade, em beneficio do Hospital dos Morpheticos.

Será a mesma levada a effeito em principio de maio proximo.

Almejamos-lhe bello successo. (A FEDERAÇÃO, ano X, nº 520, 17 de abril de 1915, p. 3).

O jornal *A Cidade de Ytú* também deu destaque à palestra cujo tema era “A MULHER Julgada pelo poeta!”. Essa palestra com fins beneficentes aumentou a

admiração que a maioria dos ituanos nutria pelo poeta e professor Oliveira Mesquita. Em sua primeira página o jornal *A Cidade de Ytú* trouxe a notícia da conferência bem como também publicou um poema de Pedro Mesquita intitulado “Velho Misterioso”. Na sequência temos a nota sobre a palestra,

A MULHER Julgada pelo poeta!
Palestra litteraria, do poeta, OLIVEIRA MESQUITA, em beneficio do HOSPITAL DOS MORPHETICOS, desta cidade.
Realisa-se quinta-feira proxima, 6 de maio, no vasto salão do galhardo “Iris Rink”, uma palestra litteraria sob o mimoso thema: “A Mulher, Julgada pelo poeta”, que em beneficio do *Hospital dos Morpheticos*, desta cidade, fará o conhecido poeta, Oliveira Mesquita.
Para o fim que é, temos certesa, que o jovem conferencista, será ouvido pela maior parte do nosso publico.
Após esta palestra, os snrs. espectadores assistirão á exhibição de lindissimos “films”, escolhidos a capricho pelo distincto proprietario do “Iris”. (A CIDADE DE YTÚ. Ano XX, nº 1.620, 01 de maio de 1915. p. 1).

A palestra em prol do “Hospital dos Morpheticos” de Itu, foi um sucesso, segundo nota publicada no jornal *A Federação*, o salão do clube onde foi realizada estava repleto de famílias ituanas,

Conferencia
Realisou-se quinta-feira, pelas 9 horas da noite, no salão do Cinema Iris_Rink, a annunciada conferencia do intelligente moço e nosso apreciado collaborador, sr. Pedro de Oliveira Mesquita.
O salão do Iris achava-se repleto de muitas exmas. familias e cavalheiros illustres, quando o illustre conferencista assomou ao palco e deu inicio á sua conferencia cujo thema fora *A mulher julgada pelo poeta*, thema este que lhe valeu os mais ruidosos applausos.
Nossos parabens ao snr. Oliveira Mesquita, pelo bom êxito do seu trabalho. (A FEDERAÇÃO, ano XI, nº 523, 08 de maio de 1915, p. 2).

O poema “Velho misterioso” foi dedicado a seu amigo Oswaldo Aguirre, e faz refletir sobre a velhice, no caso, a de um velho solteiro, que viu a idade chegar e se encontrou na solidão:

VELHO MYSTERIOSO!
Ao inspirado poeta, OSWALDO AGUIRRE

Em cada traço do seu queimado rosto
E na perdida luz do seu olhar
Havia um triste e certo perpassar
Do veio soturno e mesto do desgosto!

E quanta vez a murmurar, sosinho,
A mesma historia do seu triste fado
Eu vi-o, só, lá no sopé, sentado
A fria borda do feral caminho!...

E fora rico... – me contou chorando!
E rico embora não cessara um dia
A solidão em que viveu penando!

Eil-o, sosinho, e dentre terra e céu...
Seu nome, sempre, estranhamente ouvia...
Mas no seu peito nunca o amor nasceu!

Ytú – 1915

Oliveira Mesquita (A CIDADE DE YTÚ. Ano XX, nº 1.620, 28 de abril de 1915. p. 1).

Ao mesmo tempo em que Pedro Mesquita ganhava a simpatia de muitos ituanos, isso não era bem visto por alguns que ficaram com inveja de suas ações, assim alguém enviou uma carta para uma família ituana com palavras “atrevidas”. Isso muito irritou Mesquita, que publicou um texto chamando a esse desafeto de miserável cão,

Miseravel cão!...

Um miserável, um cão, um desses typos immundos que só vivem para o detrimento do proximo, excremento da sociedade, vergonha de uma raça; impulsionado pelos baixos sentimentos que o carcterisa, procurou por um processo revoltante e iniquo, incompatibilisar-me perante uma distincta familia desta hospitaleira terra, enviando á mesma uma carta em termos atrevidos e assignando-a cynicamente com o meu nome!...

Saiba o autor de semelhante infâmia, que se um dia eu o descobrir, cortar-lhe-hei a cara a chicote para que aprenda respeitar a honra e o nome de um moço que sempre teve a sua vida pautada pelos mais altos sentimentos de virtude!

Ytú, 5 de Maio de 1915.

PEDRO SALLES DE OLIVEIRA MESQUITA (A CIDADE DE YTÚ. Ano XX, nº 1.621, 05 de maio de 1915. p. 2).

Residindo na cidade Itu, a saudade de sua cidade natal, principalmente de sua mãe corroíam o poeta; a distância o deixava aflito. Embora sejam cidades próximas, Sorocaba e Itu estão distantes em 39 quilômetros, porém à época representava difícil percurso a ser percorrido considerando a precariedade das estradas e a baixa velocidade dos automóveis em 1915. Com o alto custo do combustível fazer uma

viagem dessas demandas tempo e dinheiro. Assim restava ao filho ausente escrever uma poesia que traduzisse esse sentimento,

SAUDADES DO LAR!

Ao meu amigo, MARINHO JUNIOR
 Agonisa a tarde! Dahi a instante.
 Cobre-se a terra d'estrellado véo,
 Então minh'alma, em doce paz do céu,
 Saudosa busca o pátrio lar distante.

Doces carinhos para um filho ausente,
 Alli contempla no maternal seio.
 Encontra gosos, saudoso enleio,
 Naquelle peito de um amor ardente.

E triste volta á solidão dorida.
 Prantos vertendo por aquelles entes.
 Que ao longe ficam na mansão querida.

Dores tão fortes, qual agora sentes.
 Minh'alma, creio, só terão na vida.
 Os que vivem longe de seus ninhos quentes!
 Ytú – 1915 OLIVEIRA MESQUITA (A FEDERAÇÃO, ano XI, nº 523,
 08 de maio de 1915, p. 2).

Com extrema facilidade na articulação das palavras, Pedro Mesquita era aplaudido por todos que o ouviam. Em um festival dedicado às crianças que acompanhadas de suas mães e pais assistiram a um filme, o talentoso poeta após a exibição pode falar sobre a escravidão; ele aproveitou a plateia para falar sobre a importância daquele dia 13 de maio de 1915, porém antes mesmo de falar algo foi aplaudido e o término de sua fala recebeu com uma grandiosa salva de palmas,

IRIS-RINK – Com bôa concorrência de meninos, meninas e varias senhoras e cavalheiros da nossa sociedade, realizou-se quinta-feira ultima, o festival dedicado á infancia. Iniciou a sessão a exhibição de um bellissimo film natural colorido.
 Ao levantar o poeta Oliveira Mesquita, foi festejado com uma salva de palmas. Discorreu o talentoso poeta sobre a escravidão por espaço de 20 minutos, trazendo vivamente presa a atenção do auditório. As suas ultimas palavras foram abafadas por uma grandiosa salva de palmas.
 (A CIDADE DE YTÚ. Ano XX, nº 1.624, 15 de maio de 1915. p. 2).

Articulava-se entre seus amigos de Itu realizarem um festival em homenagem a Pedro Mesquita, esse festival seria realizado no dia do aniversário dele e o convite seria estendido à população de Itu. Enquanto a festa em sua homenagem estava

Sobre essa manifestação uma comissão encabeçada por Pedro Mesquita redigiu e distribuiu aos ituanos um convite para a manifestação de desagravo. O evento reuniu cerca de três mil pessoas que foram acompanhadas pelas bandas musicais “30 de Outubro e “União dos Artistas”; contou com a presença do coronel Affonso Borges e representando a imprensa ituana falou Oliveira Mesquita. A nota foi finalizada com a seguinte descrição: “No Largo da Matriz, foi dissolvido o préstito após ter fallado agradecendo ao povo o Poeta Oliveira Mesquita, como membro da Commissão promotora da manifestação.”³⁸

Por não ser o objeto de estudo, não se aprofunda na pesquisa a causa que levou o Dr. Florindo Longo a ser difamado por jornais da capital. O que se sabe é que mesmo sendo um excelente delegado, constantemente se afastava de suas funções devido a sua frágil saúde. Foi nomeado delegado em Apiaí/SP, conforme nota publicada no jornal *Correio Paulistano* de 02 de março de 1907³⁹, quando ainda era estudante de direito pela Faculdade de Direito de São Paulo. Foi aprovado no curso de Direito em 1908, “Plenamente, grau 8 nas 1ª, 2ª e 3ª e grau 7 na 4ª cadeira: Florindo Longo”⁴⁰. Em dezembro de 1907 o jornal publicou “Foram justificadas as faltas dadas pelos drs. João Feliciano da Costa Aguiar e Florindo Longo, delegados de Jundiáhy e Apiahy, durante o mez passado”⁴¹. Em fevereiro de 1908 o “Correio Paulistano” publicou “Justiça e Segurança Publica – Foram concedidas as seguintes licenças: de 90 dias, ao dr. Florindo Longo, delegado de Apiahy”⁴². Em setembro de 1909 solicitou três meses de licença para fins de tratamento da saúde, “Licenças concedidas: de 3 mezes, ao bacharel Florindo Longo, delegado de Apiahy, para tratar de sua saude. nos termos da lei em vigor”⁴³. Em novembro de 1913 havia sido transferido para Guaratinguetá no litoral norte paulista. Solicitou quatro mezes de licença para tratamento da saúde, “Concessão de licença – Guaratinguetá, 24 – Foram concedidos 4 mezes de licença, com vencimentos, para tratamento de sua saude, na forma da lei, ao dr, Florindo Longo, delegado de policia desta comarca”⁴⁴. Por ter solicitado mais três meses de licença, prorrogando o prazo inicial de quatro mezes, foi solicitado que fosse submetido a inspeção médica, “Os srs. drs. Enjolras Vampré e Eduardo

³⁸ Idem.

³⁹ CORREIO PAULISTANO, nº 15.639, 02 de março de 1907, p. 2.

⁴⁰ CORREIO PAULISTANO, nº 16.017, 15 de março de 1908, p. 4.

⁴¹ CORREIO PAULISTANO, nº 15.915, 03 de dezembro de 1907, p. 4.

⁴² CORREIO PAULISTANO, nº 15.986, 13 de fevereiro de 1908, p. 3.

⁴³ CORREIO PAULISTANO, nº 16.550, 03 de setembro de 1909, p. 2.

⁴⁴ CORREIO PAULISTANO, nº 18.086, 25 de novembro de 1913, p. 3.

Martinelli foram nomeados hontem para inspecionar o dr. Florindo Longo, delegado de policia de Guaratinguetá, no dia 28 do corrente, ás 13 horas, em uma das salas da Diretoria do Serviço Sanitario”⁴⁵. O resultado dessa inspeção foram mais trinta dias de licença com direito a prorrogação.

Em 08 de junho de 1914 o jornal *Correio Paulistano* publicou uma nota denominada “Nova Autoridade – Itú, 7 – Já chegou e assumiu o exercicio do cargo, o dr. Florindo Longo, novo delegado, removido de Guaratinguetá para esta cidade”⁴⁶. Dia 03 de junho de 1915 o *Correio Paulistano* publicou a seguinte nota, “Por decreto da mesma data, foi removido o dr. Florindo Longo, do cargo de delegado de policia de Itú, para igual cargo em Rio Preto”⁴⁷. Demonstrando a tristeza com que o povo ituano recebeu a notícia sobre a transferência o jornal *A Cidade de Ytú* publicou a seguinte nota em sua primeira página na edição do dia 05 de junho de 1915:

Dr. Florindo Longo

Acaba de ser removido para a cidade de Rio Preto, o exmo. snr. dr. Florindo Longo, que por muito tempo aqui exerceu o cargo de delegado de polícia, cargo este, que S.S. soube desempenhar-o com a maxima correção e galhardia.

A remoção do dr. Florindo Longo, é motivo de grande tristeza para a população ytuana, que via nelle uma autoridade correcta e cumpridora acérrima dos seus deveres.

Qua a felicidade o acompanhe por onde quer que vá, são os votos ardentes da “Cidade de Ytú” a qual bem interpreta o sentimento geral do povo ytuano!

(A CIDADE DE YTÚ, ano, XX, nº 1.630, 05 de junho de 1915, p. 1).

Pessoa cativante e colecionador de amigos, rapidamente ganhou a simpatia dos ituanos, em nota publicada no jornal *A Cidade de Ytú* sob o título de “Homenagem a um poeta” um grupo de ituanos divulgou a organização de um evento em homenagem ao poeta Oliveira Mesquita.

Homenagem a um poeta

Foi recebido com geral entusiasmo a idéia de um grupo de distintos cavalheiros de nossa melhor sociedade homenagearem no dia 29 do corrente mez, o poeta Oliveira Mesquita, nosso apreciado collaborador. Haverá um festival artístico no “Iris-Rink”.

Fará uma conferencia nesse dia, discorrendo sobre um escolhido thema, o fulgurante tribuno ytuano, Coronel Affonso Borges.

O homenageado aproveitará o ensejo para fazer o publico ytuano conhecedor de algumas das melhores paginas do seu livro ainda

⁴⁵ CORREIO PAULISTANO, nº 18.235, 26 de abril de 1914, p. 1.

⁴⁶ CORREIO PAULISTANO, nº 18.278, 08 de junho de 1914, p. 3.

⁴⁷ CORREIO PAULISTANO, nº 18.635, 03 de junho de 1915, p.4.

inédito a ser publicado em tempo oportuno sob o título: SONHOS e REALIDADES.

A Comissão encarregada de levar a efeito este festival é composta dos distintos senhores: - Professores, Alfredo Rossi, Hilario Vieira, Manoel Monteiro, proprietario do Iris Rink, e Adolpho Magalhães nosso estimado diretor; a qual já recebeu a adesão do “Gremio Dramatico Ytuano”. (A CIDADE DE YTÚ, ano XX, n. 1.624, 15 de maio de 1915, p. 1).

No dia 19 de maio de 1915 o jornal *A Cidade de Ytú* reforçou o convite para que os ituanos participassem do festival que seria realizado em homenagem a Pedro Mesquita, segundo a nota o jovem filho de Sorocaba gozava de um alto conceito na sociedade ituana. A nota além de fazer referência ao apreço que os ituanos nutriam por Mesquita, também destacou a participação do Coronel Affonso Borges e do Dr. José Leite Pinheiro, professor no Colégio de São Luiz em Itu.

FESTIVAL EM HOMENAGEM – Bello, magnifico, vae ser o festival em homenagem do jovem poeta, Oliveira Mesquita, no dia 29 do corrente mez, no “Iris Rink”.

Alem do consagrado tribuno, Coronel, Affonso Borges, fallará o festejado homem de lettras, Dr. José Leite Pinheiro, estimado lente no Collegio de São Luiz.

Na parte musical que está sendo caprichosamente organizada, figuram composições do celebre maestro, E. Ketterer, taes como “Chanson Créole” e outras, que serão executadas ao piano pelo talentoso maestro italiano, Ugo Lambardi, actualmente nesta cidade. O jovem filho de sorocaba, que tanto amor consagra a nossa terra e que naquelle dia completa mais um anno de existencia, irá receber as demonstrações do alto conceito em que é tido no seio da sociedade Ytuana. (A CIDADE DE YTÚ. Ano XX, nº 1.625, 19 de maio de 1915. p. 1).

O convite para a homenagem a Pedro Mesquita foi reforçado pelo jornal *A Cidade de Ytú* no dia 22 de maio de 1915, em nota publicada novamente em primeira página os organizadores destacaram que seria uma festa com grande brilhantismo.

NOTICIARIO

FESTIVAL EM HOMENAGEM – A dignissima commissão encarregada de levar á effeito no Iris-Rink, dia 29 do corrente mez, o grande festival em homenagem do jovem poeta, Oliveira Mesquita, que naquelle dia completa mais um anniversario natalicio, está invidando os maiores esforços para dar ao mesmo, o maior realce.

Pelos preparativos que se nota, podemos affirmar que esta festa realizar-se-á com grande brilhantismo. (A CIDADE DE YTÚ. Ano XX, nº 1.626, 22 de maio de 1915. p. 1).

Fazendo referência à homenagem ao poeta Pedro Mesquita, o jornal *A Cidade de Ytú* ainda na edição do dia 26 de maio de 1915 conclama a população a comparecer ao “GRANDIOSO FESTIVAL EM HOMENAGEM A OLIVEIRA MESQUITA – Vide o programma que sahe publicado hoje na quarta pagina desta folha”⁴⁸. O detalhamento do programa estampado pelo jornal ilustra a proporção do evento.

Parte da sociedade ituana estava em polvorosa com a festa organizada para homenagear Oliveira Mesquita, chegando ao ponto de ser publicado no jornal *A Cidade de Ytú* um convite com a programação passo-a-passo sobre o evento. Há que se julgar que era mais que uma homenagem, uma resposta aos comandantes do Tiro de Guerra de Sorocaba com os quais Pedro havia se desentendido, sendo esse o principal motivo do jovem poeta ter deixado seus pais em Sorocaba e procurado refúgio na vizinha cidade de Itu, fato este relatado pelo escritor Fernando O. M. O'Donnell ao escrever a cronologia no livro de Pedro Salles de Oliveira Mesquita oriundo de seu Diário de combatente como provisório, livro denominado *Por Sertões e Coxilhas*. O'Donnell diz, “Incompatibiliza-se com o Comandante do Tiro de Guerra de Sorocaba”⁴⁹

Uma nota foi publicada na quarta página do jornal convidando a população ituana a comparecer ao festival, denotasse que Pedro Mesquita realmente estava em seu momento de glória sendo festejado no meio da sociedade ituana e que a família Mesquita desfrutava no seio da sociedade ituana de certo prestígio, dessa forma a homenagem à Pedro Mesquita sinalizava esse prestígio e o acolhimento que o mesmo teve na vizinha cidade de Itu.

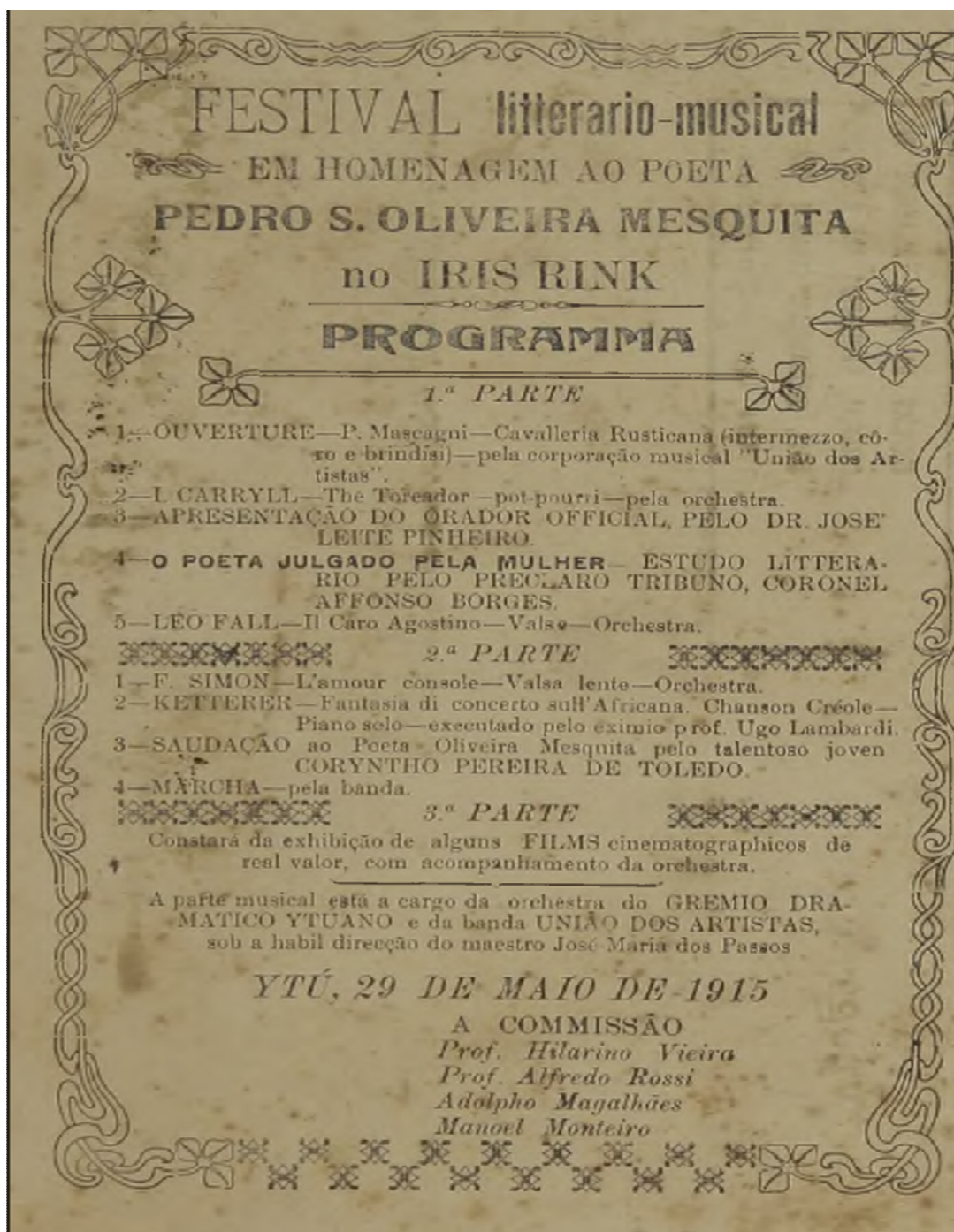
O programa do evento estava dividido em três partes, composto da leitura de poemas com a interpretação dos mesmos por autoridades e amigos do homenageado, apresentações musicais com as orquestras do Grêmio Dramático Ytuano e União dos Artistas, também aconteceu a exibição de filmes, seria uma festa com a participação de amigos e autoridades da cidade de Itu.

A imagem 1 retrata o convite do Festival Literário em homenagem ao poeta Pedro Mesquita estampado no jornal *A Cidade de Ytú*.

⁴⁸ A CIDADE DE YTÚ. Ano XX, nº 1.627, 26 de maio de 1915, p. 1.

⁴⁹ MESQUITA (1994, *apud* O'DONNELL, p. 13)

**Imagem 1 - Festival literário musical (Publicidade) em Homenagem ao Poeta
Pedro S. Oliveira Mesquita**



Fonte: A CIDADE DE YTÚ. Ano XX, nº 1.627, 26 de maio de 1915. p. 4.

A edição do dia 29 de maio de 1915 do jornal *A Cidade de Ytú* estampou um poema de Oswaldo Souza Aguirre, dedicado a Pedro Mesquita.

Ao meu particular amigo — o
illustre anniversariante, OLIVEIRA MESQUITA

Cantae lyra plangente sonorosos cantos,
Beldades feminis mostrae vossa beleza,
Astros, passaros, flores – toda a natureza,
Prestae leda a este dia os vossos mil encantos;

Cessem da Urucubaca esses tristonhos prantos,
Bata, a minh'alma, a porta á cara da tristeza,
Reine o riso e a alegria tenha a realeza,
N'este dia faustoso e de primores tantos;

Reúnam-se com gosto e muita f'licidade,
N'um lindo ramilhete, ás flores d'amizade,
Embóras e mil vótos de archi-feliz dita...

Tudo para saudar á quem, hoje, risonho,
N'esta illuzoria vida, sonha mais um sonho,
- O parnasiano amigo, Pedro de Mesquita.

Oswlado Souza Aguirre. (A CIDADE DE YTÚ, ano XX, nº 1.628, 29 de maio de 1915, p. 1).

O festival aconteceu no dia 29 de maio de 1915 e segundo as informações constantes nos jornais *A Cidade de Ytú* e *A Federação* foi uma festa realmente grandiosa. Ocupando quase que a totalidade da primeira página da edição do dia 02 de junho de 1915, o jornal *A Cidade de Ytú* deu destaque ao evento que foi realizado em homenagem a Pedro Mesquita, ao publicar o título em letras garrafais “Iris-Rink” onde descreveu em pormenores todo o esplendor da referida festa:

Descrever circunstanciadamente o que foi o festival realizado no ultimo sabbado, em homenagem ao conhecido poeta e nosso apreciado collaborador Pedro Salles de Oliveira Mesquita, é um desejo que soffre opposição das dimensões acanhadas do nosso jornal⁵⁰.

Fato este que foi corroborado pelo jornal *A Federação* ambos de Itu: “Esteve esplendido o festival literário dramático e musical realizado no dia 29 do mez findo, no salão do Iris Rink, em homenagem ao bondoso moço sr. Pedro S. de Oliveira Mesquita.”⁵¹

Além do festival realizado em sua homenagem, Pedro Mesquita ganhou ainda um jantar onde várias personalidades de Itu marcaram presença, entre elas o coronel Affonso Borges.

⁵⁰ A CIDADE DE YTÚ, ano XX, nº 1.629, 02 de junho de 1915, p. 1

⁵¹ A FEDERAÇÃO, ano XI, nº 527, 05 de junho de 1915, p. 3.

JANTAR

Commemorando a passagem do aniversário natalício do distinto poeta Oliveira Mesquita, diversos amigos seus ofereceram-lhe um opiparo jantar no qual tomaram parte os srs. Hilarino Vieira, Alfredo Rossi, José Maria Santos, José Esteves Carramenhas, dr. Arcílio Borges, Affonso Borges, Paulo Kastrupp e Sylvio Pacheco.

Ao “dessért” usaram da palavra, saudando o aniversariante, os srs. Affonso Borges e José Esteves Carramenhas, tendo agradecido a ambos o homenageado. Jantar. (A CIDADE DE YTÚ. Ano XX, nº 1.629, 02 de junho de 1915. p. 2).

Pedro Mesquita estava envolvido em diversos eventos na cidade de Itu. Entre eles e devido à sua facilidade em se comunicar, foi apresentado pelo jornal “A Federação” como orador oficial da banda “União dos Artistas”; mesmo não tendo ele familiaridade com a música, tornou-se o orador oficial, “[...] cuja saudação foi respondida pelo orador oficial da banda sr. Oliveira Mesquita.”⁵². Passou a ser requisitado em eventos e jantares que aconteceram na cidade de Itu. Entre esses eventos, destacamos o jantar oferecido pelo escrivão de polícia sr. Mizael de Campos que diante da transferência do delegado Dr. Florindo Longo, lhe ofereceu um jantar. Entre os convidados estavam Pedro de Mesquita que proferiu um discurso, sob o título de “Lanto Jantar [...] Entre os que no mesmo tomaram parte, esteve o nosso colaborador, Oliveira Mesquita que em palavras cheias de carinhos, saudou o Dr. Longo, interpretando sentimento que avassala a alma Ytuana, com a remoção de tão distinta quão sympathica auctoridade”⁵³

Dia 17 de junho de 1915 Itu recebeu cerca de vinte e dois estudantes da Escola Politécnica de São Paulo, acompanhados de seu professor o Dr. Roberto Mange⁵⁴. Estiveram na cidade de Itu em viagem de instrução. Dada a importância e a qualificação do ilustre visitante, Pedro Mesquita, que também era professor, foi destacado para recebe-los; fizeram um tour pela cidade e os estudantes ficaram hospedados em dois hotéis, o Central e o Perez. Dizia a nota:

⁵² A FEDERAÇÃO, ano XI, nº 528, 12 de junho de 1915, p. 2

⁵³ A CIDADE DE YTÚ, ano XX, nº 1.631, 09 de junho de 1915, p. 1

⁵⁴ Robert Auguste Edmond Mange nasceu em 1885, na cidade de La Tour de Peilz, na Suíça, e, em 1939, após 26 anos de presença no Brasil, foi naturalizado e passou a ser Roberto Mange. Mange foi agente instituinte e constituinte do novo ensino industrial brasileiro. Homem de ideias e de práticas, foi engenheiro-educador, intelectual e referência consistente na definição da pedagogia do novo ensino industrial brasileiro. A presença desse engenheiro de origem suíça está gravada no espaço público brasileiro. O registro público de sua presença no ensino industrial está no nome de escolas de ensino regular e profissional, de ruas, avenidas e praças, principalmente do estado de São Paulo, onde Mange viveu e atuou. (PEDROSA, 2014).

[...] Após o jantar, os mesmos, em companhia do nosso collaborador, Oliveira Mesquita visitaram a “Bibliotheca do Gremio Dramatico Ytuano” o “Theatro S. Domingos” algumas igrejas e percorreram as principaes ruas desta cidade.

A noite, foram assistir a funcção do “Cinema Parque”.

Após o cinema, dirigiram se á residencia da família do seu collega, o jovem e distincto Ytuano, Servulo Corrêa Pacheco e Silva onde lhes foi servido o chá.

Hontem pela manhã, partiram para o Salto afim de visitarem a Usina de Força e Luz e dali para S. Paulo. (A CIDADE DE YTÚ. Ano XX, nº 1.634, 19 de junho de 1915. p. 1).

A preocupação com os menos favorecidos, que permeou a vida de Pedro Mesquita, mais uma vez vem à tona. Embora provavelmente as lembranças de um passado em que defendia os operários em Sorocaba, no qual se deparou com forças contrárias e que o levaram a prisão. Lembranças estas que delinearam seus textos e assim incomodado com a situação dos flagelados pela seca no Nordeste, ele escreveu um apelo as mulheres ituanas. Pedro ao comentar sobre a seca no nordeste, estava falando de um dos capítulos mais horrendos sobre a seca de 1915: os mais favorecidos e que moravam em Fortaleza capital do Ceará, incomodados com o grande número de migrantes que fugindo da seca se estabeleciam na capital, propunham como solução aos governantes da época, criação de campos de concentração⁵⁵.

A escritora Rachel de Queiroz retratou essa seca em seu livro *O Quinze* no qual ela relata a dura jornada de uma família de retirantes e todos os percalços enfrentados. (QUEIROZ, 2012).

Embora Pedro não tenha deixado nenhum relato sobre os “campos de concentração”, ou porque não tinha conhecimento realmente, ou por não querer se envolver em um assunto tão delicado, demonstrou sensibilidade sobre o evento e, comovido com a situação dos nordestinos escreveu um apelo às senhoras ituanas que foi publicado na primeira página do jornal,

⁵⁵ O objetivo dos campos era evitar que os retirantes alcançassem a capital Fortaleza, trazendo “o caos, a miséria, a moléstia e a sujeira”, como informavam os boletins do poder público à época. A razão para o uso desta estratégia foi os temores de invasões e saques dos flagelados da seca em Fortaleza. Isso já acontecera na seca de 1877, quando sertanejos famintos invadiram a capital cearense, atemorizando a população urbana. (FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO. Disponível em: http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5970%3Aa-grande-seca-de-1915-mortos-de-fome-no-caminho-para-os-campos-de-concentracao-no-ceara-maio-2017&catid=162%3Adocumentarios-e-estudos-sobre-as-secas&Itemid=1331. Acesso em: 20 set. 2018.

Um apelo

às Exmas. Senhoras ytuanas!

Muito nobre é a idéa dos distinctos filhos desta notavel terra, projectando para breve festivaes em beneficio dos nossos desventurados irmãos nortistas que de lá daquelas longinquas e infelizes paragens nos estendem os seus magros braços pedindo o nosso auxilio de irmãos, torturados pela FOME, queimados pela SÊDE!

Não haverá por certo nesta terra hospitaleira onde a caridade faz um throno em cada lar, coração que negue o seu auxilio em socorro daquelles desventurados patrícios!

Será nada mais que um dever de irmão para irmão, de humano para humano, socorrer aquella pobre gente envolta no sudario da mais horrivel MISERIA!

São milhares de mães que supplicam a nossa compaixão para si e para os seus pobres filhinhos acossados pela fome devoradora; são centenaes de virgens, outr'ora risonhas e felizes e hoje miseras esfomeadas que imploram a caridade de nós os paulistas filhos deste Estado prospero e feliz!

Vamos, Senhoras ytuanas!...

Abri os vossos corações, conchas de ouro, deixae cahir delles a perola sublime da vossa tão formosa caridade!...

Ytú – 1915 Oliveira Mesquita (A CIDADE DE YTÚ. Ano XX, nº 1.635, 23 de junho de 1915. p. 1).

Ainda inspirado pelo flagelo do povo nordestino, Pedro escreveu um poema dedicado a esse tema, a fome, com o título de “Realidades...” e dedicado a um certo Antenor Assumpção.

Realidades...

Ao Antenor Assumpção.

Quanta miseria se passa,

Contra a lei da natureza!

Porque hade haver a pobreza,

A dor, a fome a desgraça?

Vêde a avezinha que traça

Largos vãos com prestesa;

Em toda a parte tem mesa,

E farta, e livre esvoaça.

Quando tal penso, imagino

Errado o plano divino,

Por nos ser dada a razão...

Antes ser ave campeira,

Que vae cantando ligeira

Sem ter que cuidar do pão!

Ytú – 1915 Oliveira Mesquita (A CIDADE DE YTÚ. Ano XX, nº 1.636, 26 de junho de 1915. p. 1).

Além de poeta e orador Pedro Mesquita dedicou parte de sua vida à docência, conforme comprovado no próximo capítulo. Ele tinha facilidade em se comunicar e cativava as pessoas com seu carisma e eloquência, foi professor inicialmente na cidade de Itu, depois retornando à Sorocaba assumiu a escola da Terra Vermelha, posteriormente mudou-se para o sul do país, onde foi professor e diretor de escolas. Professor leigo, visto que não frequentou a Escola Normal, mas que exercia à docência com maestria.

3 PEDRO MESQUITA O PROFESSOR LEIGO (1915 – 1926)

Este capítulo apresenta Pedro Mesquita como professor leigo, seu percurso assumindo escolas como substituto até chegar ao sul do país onde continua na carreira de professor e onde também foi diretor de escolas.

Inicialmente para se compreender a atuação do professor leigo se faz necessário retroceder na história e analisar o contexto da educação que com a Proclamação da República em 1889 instalou-se no Brasil. A necessidade de melhorar a educação se tornou o viés da República: a educação como base da sociedade. Porém, o problema da educação no país não se resolveria com facilidade, a falta de escolas normais que visavam a formação de professores e o desinteresse pela profissão eram latentes, conforme diz Azevedo (1996, p. 618):

Sem escolas prepostas à formação uniforme dos professores secundários, quase todos autodidatas ou recrutados, como no Império, nos quadros das profissões liberais, o ensino secundário não podia apresentar, como não apresentava [...]. Nenhuma das reformas até 1930 encarou nem procurou resolver esse grande problema; e exatamente na falta de um corpo de professores de carreira, formados sob a orientação uniforme, em escolas de alto nível.

Em todo o estado de São Paulo encontrasse no ano de 1917 dez unidades da Escola Normal, sendo duas delas instaladas na capital, no bairro do Brás, e nas cidades de Itapetininga, São Carlos, Guaratinguetá, Pirassununga e as demais denominadas de Escola Normal Primária nas seguintes cidades: Campinas, Piracicaba e Botucatu (ANNUARIO, 1917, p. 22-39).

Assim a utilização de “professores leigos” pelo governo deve ser compreendida, em uma época que a demanda por professores era maior que a oferta. O governo precisava suprir essa falta para concretizar o ideário republicano, de alfabetizar os brasileiros e assim erradicar o analfabetismo. As escolas eram na sua maioria em locais distantes do perímetro urbano, regiões consideradas remotas na época, e a maioria dos docentes eram mulheres. Talvez a dificuldade em as remanejar das regiões centrais das cidades para esses locais mais distantes do perímetro urbano, assim uma das opções que restava aos governantes era a contratação de professores leigos, para compensar a falta de oferta.

Conforme os Quadros 1 e 2 demonstram fica evidente que utilizando-se como exemplos os Grupos Escolares da Capital a predominância feminina tanto dos

docentes adjuntos quanto dos substitutos, comprovando-se que a profissão docente era majoritariamente feminina.

Quadro 1– Estatística do pessoal docente dos Grupos Escolares da Capital – Adjuntos.

Sexo masculino	79
Sexo feminino	554
Total	633

Fonte: Adaptado do Anuário do Ensino do Estado de São Paulo, 1917, p. 81.

Quadro 2 - Estatística do pessoal docente dos Grupos Escolares da Capital – Substitutos efetivos.

Sexo masculino	3
Sexo feminino	294
Total	297

Fonte: Adaptado do Anuário do Ensino do Estado de São Paulo, 1917, p. 82

A situação em Sorocaba conforme consta nos Quadros 3 e 4 não era diferente da verificada nos grupos escolares da capital. No relatório de 1917 referente ao ano de 1916 o número de mulheres no magistério era superior ao de homens. Os homens ocupavam as diretorias dos grupos escolares, reduzindo ainda mais sua participação em sala de aula, e como já relatamos nos parágrafos anteriores, as mulheres dificilmente se deslocariam até as localidades que ficavam fora do perímetro urbano para assumir aulas, desta feita restava aos governantes lançar mão de professores leigos para suprir a demanda.

Quadro 3 - Estatística do pessoal docente dos Grupos Escolares de Sorocaba – Adjuntos.

Grupo Escolar “Antonio Padilha”	
Sexo masculino	7
Sexo feminino	13
Total	20

continua

continuação

Grupo Escolar “Visconde de Porto Seguro”	
Sexo masculino	5
Sexo feminino	8
Total	13

Fonte: Adaptado do Anuário do Ensino do Estado de São Paulo, 1917, p. 393-394

Quadro 4- Estatística do pessoal docente dos Grupos Escolares de Sorocaba – Substitutos.

Grupo Escolar “Antonio Padilha”	
Sexo masculino	0
Sexo feminino	2
Total	2

Grupo Escolar “Visconde de Porto Seguro”	
Sexo masculino	0
Sexo feminino	6
Total	6

Fonte: Adaptado do Anuário do Ensino do Estado de São Paulo, 1917, p. 393-394.

Nos quadros 5 e 6 verifica-se a situação do número de professoras e de professores na cidade de Itu, não há diferença da verificada na capital e em Sorocaba, desta forma comprovasse que realmente as mulheres predominavam no magistério.

Quadro 5- Estatística do pessoal docente dos Grupos Escolares de Sorocaba – Substitutos.

Grupo Escolar “Dr. Cesário Motta”	
Sexo masculino	4
Sexo feminino	12
Total	16

continua

continuação	
Grupo Escolar “Convenção de Ytú”	
Sexo masculino	4
Sexo feminino	10
Total	14

Fonte: Adaptado do Anuário do Ensino do Estado de São Paulo, 1917, p. 419-421.

Quadro 6- Estatística do pessoal docente dos Grupos Escolares de Sorocaba – Substitutos.

Grupo Escolar “Dr. Cesário Motta”	
Sexo masculino	1
Sexo feminino	4
Total	5
Grupo Escolar “Convenção de Ytú”	
Sexo masculino	1
Sexo feminino	4
Total	5

Fonte: Adaptado do Anuário do Ensino do Estado de São Paulo, 1917, p. 419-421.

Conforme Almeida (1998, p. 23),

Durante muito tempo a profissão de professora foi praticamente a única em que as mulheres puderam ter o direito de exercer um trabalho digno e conseguir uma inserção no espaço público, dado que os demais campos profissionais lhes foram vedados.

Desta feita, observa-se que a profissão docente foi feminizada pois as mulheres encontraram nela uma forma de autonomia e de inserção no mercado de trabalho, além de ser uma oportunidade de contato com o mundo externo ao lar, embora a profissão de professora fosse considerada praticamente uma extensão deste. Almeida (1998, p. 23 e 24) ainda diz que,

O fato de não ingressarem nas demais profissões, acessíveis somente ao segmento masculino, e a aceitação do magistério, aureolado pelos atributos de missão, vocação e continuidade daquilo que era realizado no lar, fizeram que a profissão rapidamente se feminizasse.

3.1 Professor em Itu/SP (1915)

Pedro Mesquita começou sua jornada como professor quando foi designado em 1915 como docente da escola estadual do bairro Matadouro em Itu. A nomeação foi publicada pelo jornal *A Cidade de Ytú*. Dizia a nota, “Foi nomeado para reger a escola do bairro do Matadouro, o nosso festejado colaborador snr. Pedro S. de Oliveira Mesquita, em substituição ao prof. snr. João Souto Malta, que obteve dois meses de licença.” (A CIDADE DE YTÚ, ano XX, nº 1.610 de 24 de março de 1915, p. 1).

Ocupava assim uma função, a de professor leigo, presença muito comum nas escolas da época.

Como professor da Escola do Bairro Matadouro em Itu, Pedro Mesquita sentiu de perto o problema que talvez tenha levado o professor João Souto a se afastar da escola: os pais geralmente analfabetos davam pouca ou nenhuma importância à escola, levando ao excessivo número de faltas e consequentemente ao estresse do professor que se sentia desprestigiado diante da situação.

A ausência das crianças em sala de aula era uma preocupação não só de Pedro Mesquita, mas da maioria dos envolvidos com a educação. No Anuário da Instrução de 1917, João Chrysostomo Bueno dos Reis Junior então “Director Geral da Instrução Publica” do Estado de São Paulo também relatava o problema e evocava a Lei que tornava o ensino obrigatório. Segundo ele, “sem obrigatoriedade, não teremos ensino real e profícuo, principalmente entre as populações rurais”⁵⁶. Continua o texto dizendo que não somente na zona rural persistia o problema mas que “mesmo em muitos centros urbanos, nota-se a despreocupação de muitos paes pela instrução de seus filhos”⁵⁷. Assim, a inquietação de Pedro Mesquita com a ausência das crianças em sala de aula era real e preocupante. Disse ele:

Pequenos conselhos
Aos meninos das escolas
Todo o menino que quizer ser bom alumno e, portanto, estimado pelo seu professor, não ha de faltar a aula.
Um grande mal, o flagello do ensino é a pouca frequencia dos alumnos.
Se o menino podesse comprehender o grande mal que faz a si e ao seu professor, deixando de comparecer a aula por certo que o não faria.
Os paes não devem tolerar que os seus filhos falem as aulas, salvo motivos justificaveis.

⁵⁶ ANNUARIO do Ensino do Estado de São Paulo. São Paulo, 1917, p. 17.

⁵⁷ ANNUARIO do Ensino do Estado de São Paulo. São Paulo, 1917, p. 17.

Ora, um menino, jamais poderá progredir nos seus estudos deixando de ir a escola.

Um ponto, um simples ponto, parece nada e no entretanto é grande coisa, muita vez concorre para a reprovação do aluno em dia de exame.

Todo o pae fica pesaroso ao receber a noticia da reprovação do seu filho, e, verdadeiramente é uma coisa bem triste, mas, muita vez é elle o unico culpado.

Sirvam estas pequenas linhas de conselho á infancia desta boa terra, para que, cada vez mais se esforce nos seus estudos, não dando ponto nas aulas, empregando o maximo empenho para frequentar-as todos os dias.

Aos senhores paes compete a obrigação de quotidianamente repetir aos seus filhos, estas grandes verdades que redundam em seu completo beneficio.

Ytú – 1915

Oliveira Mesquita (A CIDADE DE YTÚ. Ano XX, nº 1.611, 27 de março de 1915. p. 1).

Após ter passado pela Escola do Bairro Matadouro, Pedro Mesquita, havia caído nas graças dos ituanos. Na edição do dia 02 de junho o jornal *A Cidade de Ytú* trouxe a nomeação de Pedro Mesquita como professor do Grupo Escolar Cesário Motta substituindo o professor Belmiro Martins. Dizia a nota, “NOMEAÇÃO – Foi nomeado para substituir o professor Belmiro Martins, adjunto no Grupo Escolar “Cesario Motta”, durante o seu impedimento por licença, o nosso festejado colladorador Oliveira Mesquita”.⁵⁸

Em 1917 Pedro Mesquita deixa Itu e retorna para Sorocaba.

3.2 Professor em Sorocaba/SP (1917)

Depois da experiência de ter assumido as escolas em Itu em 1915, Pedro Mesquita voltou a dedicar-se à poesia. Somente em 1917 é que se encontram novos relatos sobre suas atividades como docente, quando ele assumiu a escola municipal da Terra Vermelha em Sorocaba. O jornal *Cruzeiro do Sul* publicou uma nota sobre a oferta de um quadro que Pedro Mesquita, provavelmente para retribuir sua gratidão para com o prefeito Capitão Augusto César do Nascimento Filho que o indicou ou pelo menos aceitou sua indicação como professor. Ele homenageou o prefeito com um retrato de seus alunos conforme mostra a Imagem 2. O prefeito era filiado ao PRP - Partido Republicano Paulista e governou Sorocaba de 5 de janeiro de 1914 a 4 de janeiro de 1921. Dizia a nota do jornal sobre esse fato:

⁵⁸ A CIDADE DE YTÚ, ano XX, nº 1.629, 02 de junho de 1915, p. 2

Escolas municipais

O sr. Oliveira Mesquita ofereceu ao digno sr. capitão Prefeito Municipal desta cidade a fotografia dos alunos da escola municipal da Terra Vermelha, da qual é regente.

A escola da Terra Vermelha é uma das mais frequentadas das mantidas pelo município. (CRUZEIRO DO SUL, ano XV, nº 3.337 de 05 de julho de 1917, p. 1).

Descrevendo-se a Imagem 2 nota-se que o Prefeito Capitão Nascimento Filho, aparece à direita na foto. Porém, foi uma montagem realizada após a mesma ter sido revelada. Percebe-se pela postura dos alunos e pelo detalhe da montagem, que Pedro Mesquita era bastante metucioso, posto que a maioria dos alunos está olhando na mesma direção que o Capitão, e que a foto do mesmo era anterior a dos alunos. Assim, Pedro pensou nesse detalhe para inserir o prefeito na foto após sua revelação.

Imagem 2– Alunos da Escola Municipal Terra Vermelha, vendo-se ao centro o diretor, professor Sr. Oliveira Mesquita.



Fonte: O Tico Tico – Jornal das Creanças, ano XII, nº 628, 17 out. 1917, p.13.

Vários são os textos encontrados nos jornais pesquisados que mencionaram a atuação de Pedro Mesquita no magistério. Porém não se encontra documentação oficial sobre a atuação de Pedro Mesquita como professor. A falta de documentação nas escolas é um problema crônico conhecido pelos pesquisadores que se aventuram

nessa seara. Então resta recorrer-se aos jornais que deixaram um importante legado. Contudo, ao utilizar-se desse tipo de fonte, incorre-se na temerosa possibilidade de reproduzir algo que não representava fielmente um fato na época em que foi escrito.

Conforme diz Luca⁵⁹ (*in* PINSKY, 2015, p. 116), "sempre será difícil sabermos que influências ocultas exerciam-se num momento dado sobre um órgão de informação, qual o papel desempenhado, por exemplo, pela distribuição da publicidade, qual a pressão exercida pelo governo".

Continua Luca (*in* PINSKY, 2015, p. 140),

O pesquisador dos jornais e revistas trabalha com o que se tornou notícia, o que por si só já abarca um espectro de questões, pois será preciso **dar conta das motivações que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa**⁶⁰. Entretanto, ter sido publicado implica **atentar para o destaque conferido** ao acontecimento, assim como para o local em que se deu a publicação: é muito diverso o peso do que figura na capa de uma revista semanal ou na principal manchete de um grande matutino e o que fica relegado às páginas internas.

Mesmo sendo uma fonte nem sempre confiável, cabe ao pesquisador se aprofundar no contexto da época e tentar, quando possível, confirmar a veracidade da informação.

Dentro do contexto de defasagem de professores, Pedro Mesquita provavelmente por sua eloquência e facilidade de comunicação transitou pelo magistério, mesmo não tendo frequentando a Escola Normal. Nos relatos encontrados, além das suas funções de mestre, participava de atividades junto a comunidade como dizia a nota do jornal *Cruzeiro do Sul*,

Realizou-se domingo na igreja da matris desta cidade o baptizado do innocente Ary, filho do sr. cap. João Baptista Camargo, inspector policial do bairro Terra Vermelha. Foram padrinhos o sr. tenente Theophilo Ottoni Oliveira e d. Maria de Oliveira Baptista. O sr. professor Oliveira Mesquita, nosso collaborador, saudou os paes do pequeno Ary. Aos presentes foi offerecido um excellente jantar, regado de bom vinho. (CRUZEIRO DO SUL, ano XV, nº 3.366, de 08 de agosto de 1917, p.1).

Pedro Mesquita conduzia com maestria a escola da Terra Vermelha, pelo menos é o que consta na nota do jornal *Cruzeiro do Sul*. A matéria dizia que ao

⁵⁹ Tania Regina de Luca – Fontes impressas – História dos, nos e por meio dos periódicos. Pinsky (Org.) Fontes Históricas, 2015.

⁶⁰ Grifo do autor.

procederem os exames dos alunos dessa escola, os examinadores elogiaram a forma com que o professor Oliveira Mesquita regia a escola. Sob o título de “Exames”, a matéria dizia que os avaliadores ficaram satisfeitos com o aproveitamento dos alunos. Nota-se o mesmo na matéria que Pedro Mesquita lecionava para o 1º, 2º e 3º ano masculino. Segue a nota:

Exames

Realisaram-se ante-hontem os exames da escola municipal da Terra Vermelha, regida pelo sr. prof. Oliveira Mesquita.

Banca examinadora – srs. Abilio Godoy, presidente, Theophilo Ottoni e João Baptista Campos.

3º anno, secção C

José dos Reis e Cesarino Capalbo, distincção com louvor; Henrique Munhoz, José Gonçalves, Roque Fre, José Cação, Roque de Sousa e Cornelio Sesquini, distincção; Francisco Modesto, João Marcolino e Olympio Dias, plenamente.

2º anno, secção B

Juvenal de Sousa, distincção com louvor; Francisco Cagiano, Antonio Teixeira, Lupercio Sousa, distincção; Luiz Pedro Mascarenhas, João Tecilla e João Ribas, plenamente.

1º anno, secção A

João Silva Rodrigues e Benedicto Gastão de Moraes, distincção com louvor; Otacilio Silva Rodrigues, Antonio Andreolli, João Marciano de Camargo, Luiz Hanickel, Isidoro Gallo, José Mendes e João Lisboa, distincção.

Os alumnos revelaram grande aproveitamento, o que foi motivo de satisfação para a banca examinadora, que felicitou calorosamente o esforçado educador que dirige a escola.

O sr. Abilio Godoy, presidente, saudou o prof. Oliveira Mesquita, propondo que lhe consignasse um voto de louvor na acta dos trabalhos, e terminou levantando um entusiastico brinde ao operoso sr. Prefeito Municipal, pelo muito que vae fazendo para a diffusão do ensino em Sorocaba. (CRUZEIRO DO SUL, ano XV, nº 3.466 de 12 de dezembro de 1917, p. 1 e 2).

Pedro Mesquita utilizava métodos diferentes dos utilizados pelos professores tradicionais, que se preocupavam em fazer os alunos aprenderem toda a teoria que os livros ofereciam. Pedro se diferenciava dos demais, talvez pela influência que tivera no passado da escola moderna e os ensinamentos anarquistas, mas também havia influência do ideário republicano. Além de atender ao ideário republicano percebesse nos atos de Oliveira Mesquita que os fundamentos que utilizava estavam também ligados a Pedagogia Racional de Ferrer i Guàrdia, que recomendava,

1º A educação dada à infância deve apoiar-se em uma base científica e racional: por conseguinte, deve-se descartar dela toda noção mística ou sobrenatural.

2º A instrução é apenas uma parte desta educação. A educação deve compreender também, junto à formação da inteligência, o desenvolvimento do caráter, o cultivo da vontade, a preparação de um ser moral e físico bem equilibrado, cujas faculdades se associem harmoniosamente, e sejam levadas a sua máxima potência.

3º A educação moral, muito menos teórica que prática, deve resultar sobretudo do exemplo, e apoia-se na grande lei natural da solidariedade.

4º É necessário, sobretudo na educação da primeira infância, que os programas e os métodos estejam adaptados tão exatamente quanto seja possível à psicologia da criança, o que não ocorre quase em nenhuma parte, tanto na educação pública, como na educação privada. (FERRER I GUÀRDIA, 1912 *apud* GALLO, 1995, p. 193).

Desta feita o jornal *Cruzeiro do Sul* noticiou uma atividade que Pedro Mesquita desenvolveu com os seus alunos da escola da Terra Vermelha, procurando colocar em prática o que diz o artigo 3º da Pedagogia Racional de Ferrer, ou seja, que a “educação moral deve ser pelo exemplo”⁶¹. Além do que esta ação de Pedro Mesquita também atendia aos ideários republicanos, ou seja, forjar vultos em que as pessoas pudessem se espelhar e seguir seus exemplos. Diz o jornal:

PIEDOSA HOMENAGEM

Monsenhor João Soares do Amaral

Quinta-feira proxima, 21, transcorre o 18º anniversario da morte de monsenhor João Soares do Amaral, de inolvidavel memoria.

Monsenhor João Soares, como todos sabem, foi um martyr de sua dedicacão, sacrificando o conforto e a própria vida ao lado das pobres victimas da terrivel epidemia da febre amarella que em 1900 assolou Sorocaba, espalhando a morte, o luto, o desespero no seio da população.

Este anno não vae passar despercebida a data que recorda o lutuoso facto: o jovem educador sorocabano sr. Oliveira Mesquita, regente da escola do bairro da Terra Vermelha e nosso collaborador, em companhia dos seus alumnos, irá, naquella dia, em romaria, espargir flores e palavras de saudades sobre o tumulo do grande apostolo da caridade.

Francamente louvável é o gesto do disticto moço homenageando o vulto que tanto fez não só pela religião como pela nossa terra.

Essas flores irão tambem dizer a saudade que ainda ha no seio da nossa população por aquelle apostolo do bem. (CRUZEIRO DO SUL, ano XV, nº 3.520 de 17 de fevereiro de 1918, p. 1).

Entendendo como relevante a atitude de Pedro Mesquita e provavelmente pelo ineditismo da ação, incomum entre os professores da época, o jornal *Cruzeiro do Sul*

⁶¹ (FERRER I GUÀRDIA, 1912 *apud* GALLO, 1995, p. 193).

voltou a noticiar a iniciativa de Oliveira Mesquita, destacando que com esse gesto o jovem professor faria com que as crianças aprendessem a venerar a memória de vultos que se destacaram pela dedicação aos mais necessitados.

Com o título de “Romaria”, a notícia foi apresentada no jornal *Cruzeiro do Sul* com o seguinte teor:

ROMARIA

Monsenhor João Soares do Amaral

Como noticiámos, os alumnos da escola do bairro da Terra Vermelha, acompanhados do seu digno professor sr. Oliveira Mesquita, farão hoje, às 13 horas, uma piedosa romaria ao cemiterio local, onde deixarão flores sobre a campa do saudoso sacerdote sorocabano, monsenhor João Soares do Amaral, pelo motivo do 18º anniversario do seu trespasse.

Nessa ocasião o sr. Oliveira Mesquita fará uma allocução sobre o grande personagem, fazendo assim com que as creanças aprendam a admirar e venerar a memoria daqueles que passaram pela vida derramando beneficios aos necessitados.

Para maior realce dessa manifestação de gratidão, o sr. Oliveira Mesquita recebeu innumeradas ofertas de flores e coroas de distintas familias sorocabanas. (CRUZEIRO DO SUL, ano XV, nº 3.523 de 21 de fevereiro de 1918, p. 2).

Na edição do dia 22 de fevereiro o jornal *Cruzeiro do Sul* estampou a homenagem que Pedro Mesquita fez ao Monsenhor João Soares. A repercussão de a ação de Oliveira Mesquita recebeu toda essa atenção por parte do jornal, por alguns prováveis motivos, primeiro por ser uma atitude não comum entre os professores, outro provável motivo é a distância e as dificuldades de locomoção em 1918, visto que o Bairro da Terra Vermelha dista do centro da cidade de Sorocaba cerca de 9 km. O jornal denominou a ação de Pedro Mesquita de “foi uma tocante homenagem” e a “mais bella lição de civismo e veneração”. Vale destacar também que os alunos fizeram uma visita à redação do jornal *Cruzeiro do Sul* e que isto também provavelmente lhes era inédito, segue a nota:

MONSENHOR JOÃO SOARES

Decimo oitavo anniversario de sua morte

Uma tocante homenagem

Foi uma tocante homenagem a que o sr. prof. Oliveira Mesquita prestou à memoria do inolvidavel sorocabano Monsenhor João Soares do Amaral.

Hontem, como se sabe, passou o 18º anniversario da morte do Monsenhor Soares, o nobre apostolo do bem, que tantos beneficios derramou pelos necessitados desta terra, principalmente por ocasião da epidemia que em 1900 infelicitou Sorocaba.

Mais bella lição de civismo e veneração pelos grandes homens não podia dar aos seus alumnos o sr. Oliveira Mesquita do que, de um modo tão vivo, fazer ressaltar-lhes ao espirito o vulto sympathico e saudoso do sacerdote que viveu e vive ainda por seus excellentes predicados no coração dos seus conterraneos.

Os alumnos da escola masculina da Terra Vermelha, trazendo inúmeros e lindos ramilhetes de flores naturaes vieram hontem às 12 horas para a cidade, dirigindo-se, em companhia do seu professor á redacção da nossa folha, onde tiveram o bom acolhimento que mereciam.

Nesta redacção, os disciplinados meninos entoaram vibrantes canções patrióticas.

O nosso director offereceu doces aos meninos, tendo todos desta casa admirado e applaudido os jovens estudantes, que sob a carinhosa influencia do dedicado professor Mesquita, tão bem vão formando-se para as lutas arduas da vida.

Desta redacção os pequenos se dirigiram para a necropole, onde repousam os restos mortaes de Monsenhor João Soares. Alli o sr. professor Mesquita usou a palavra, e em phrases ungidas de emoção e verdade recordou a vida daquelle sacerdote, cujo tumulo as creanças haviam coberto de profusas flores.

O sr. Mesquita encerrou o seu discurso com as seguintes palavras: “Eis cumprida a nossa missão. Sempre entendi que todo professor tem a obrigação de ensinar aos seus alumnos a pratica do Dever e da Justiça.

Aquelle que não o faz não é digno da elevada missão que exerce.

E foi assim pensando, queridos alumnos meus, que eu vos reuni em torno deste tumulo onde repousam para sempre as abençoadas cinzas do inolvidavel monsenhor João Soares do Amaral.

É necessario que aprendaes desde cedo a respeitar e venerar a memoria dos que, como esse grande Apostolo da Caridade, passaram pela terra espalhando o Bem, amparando e fortalecendo a humanidade soffredora!

Que vos acompanhe sempre a lembrança da acção nobilissima que acabaes de praticar.

Meus queridos amiguinhos, recerodae-vos sempre destas minhas ultimas palavras:

Só é grande, só é nobre, aquelle que nunca se desviou do caminho do Dever!...”

Como dissemos muitas familias e cavalheiros sorocabanos, associando-se à tocante homenagem feita a Monsenhor João Soares, offereceram flores e corôas para serem collocadas sobre o jazigo do grande morto. (CRUZEIRO DO SUL, ano XV, nº 3.524 de 22 de fevereiro de 1918, p. 2).

O jornal *Correio Paulistano* também fez referência à homenagem de Pedro Mesquita ao monsenhor João Soares do Amaral, “Pelo distincto professor municipal sr. Oliveira Mesquita e seus alumnos, foi levada a effeito hontem uma pomposa romaria ao tumulo do hemerito sorocabano monsehor João Soares do Amaral”, diz ainda a nota, “o festejado poeta e professor Oliveira Mesquita, usando da palavra,

mostrou aos seus alunos quem foi monsenhor João Soares” (CORREIO PAULISTANO, nº 19.623, 23 fev. 1918, p. 6).

Confirmando as notas nos jornais sorocabanos que traziam Pedro Mesquita como professor, em uma pequena nota o jornal *Correio Paulistano* em sua edição do dia 02 de janeiro de 1918 quando da visita de Pedro a cidade de Tietê, dizia: “visitou-nos o sr. professor Oliveira Mesquita, jornalista, residente em Sorocaba” (CORREIO PAULISTANO, nº 19572, 02 jan. 1918, p. 5). Note-se que em 1918 a profissão de professor ainda era um tabu, visto que era uma profissão que havia se tornado essencialmente feminina, desta feita o jornal cita Pedro Mesquita como professor, mas faz questão de dizer que ele era também jornalista.

Após estes fatos em que Pedro Mesquita ganhou esse destaque no jornal *Cruzeiro do Sul*, é no mesmo jornal que se encontra a seguinte notícia com o título de “Escola municipal – Foi nomeado para reger a escola masculina municipal da Terra Vermelha o sr. Abilio de Godoy”. (CRUZEIRO DO SUL, ano XV, nº 3.541 de 14 de março de 1918, p. 2). Possivelmente para substituir Pedro Mesquita. As razões para esta substituição não se sabe: se foi motivada pelo próprio Pedro ou se o removeram à sua revelia. Porém, segundo O'Donnell (1994, p. 13), Pedro Mesquita “incompatibiliza-se com o Comandante do Tiro de Guerra de Sorocaba. Resolve ir para o Rio Grande do Sul, onde residiam parentes maternos”.

3.3 Professor no Rio Grande do Sul (1920 – 1926)

Pedro Mesquita chegou ao Rio Grande do Sul em 1919 em visita aos parentes maternos. Provavelmente sua intenção era lá fixar residência; contava na época com a idade de vinte e seis anos.

No jornal *A Federação* encontra-se a primeira referência de Pedro Mesquita no sul do país; estava a passeio na cidade de Júlio de Castilhos e participou de uma homenagem póstuma ao poeta Olavo Bilac. Diz a nota do jornal:

JULIO DE CASTILHOS

Com numerosa assistencia de familias e cavalheiros, realizou-se hontem uma sessão funebre, no “Felix da Cunha” em honra da memoria do grande poeta Olavo Bilac.

Falaram, o segundo orador do Club sr. Napoleão Barros, o poeta paulista Oliveira Mesquita que aqui se acha a passeio, o capitão Lourival Hansen e a menina Dorilda Rosa, que disse um soneto da lavra do homenageado, sendo todos muito applaudidos.

A oração de Oliveira Mesquita, foi apreciadíssima, sendo um verdadeiro hymno ao merito de Bilac, como poeta e como patriota. (A FEDERAÇÃO, ano XXXVI, nº 6, 07 jan. 1919, p. 4).

Eloquente e carismático, deixou ótimas impressões nos que o ouviram, tanto é que o jornal termina a nota com elogios a Pedro de Mesquita.

O certo é que Oliveira Mesquita deixou definitivamente Sorocaba e seguiu para o Rio Grande do Sul. Na edição do dia 17 de abril de 1919 o jornal *A Federação* publicou uma nota sobre uma “manifestação de apreço feita ao coronel Firmino Paula Filho, director politico local e intendente municipal”. Após a fala do “deputado dr. Eurybiades Dutra Filho” falou “o sr. Oliveira Mesquita, em seu nome e da colonia italiana de Rio Branco” (A FEDERAÇÃO, ano XXXVI, nº 91, 17 abr. 1919, p.6). Pode-se daí inferir que Pedro Mesquita já estava morando no Rio Grande do Sul.

Casou-se com Alice Correa Leal em 1920. Em nota publicada no jornal *O Malho* encontra-se a notícia do casamento. Dizia a nota: “Participaram-nos seu contracto de casamento o Sr. Pedro Salles de Oliveira Mesquita e D. Alice Corrêa Leal de Oliviera, residentes em New-Württemberg – Estado do Rio Grande do Sul. Protocolista”. (O MALHO, ano XIX, nº 927, 19 de junho de 1920, p. 9).

Em 1920 Pedro Mesquita já era professor em Neu Württemberg⁶². Conforme nota do jornal *A Federação*, por ocasião da passagem de seu aniversário, vários amigos se reuniram para comemorar. Dentre esses amigos havia pessoas influentes como o capitão Minoly Amorim subintendente da Colônia de Neu Württemberg. Também estava presente o tenente Torquato Silva. Diz a nota:

Commemorando o anniversario natalicio do distincto educador prof. Oliveira Mesquita, regente da Escola publica local e lente de portuguez no “Collegio Alemão”, um grupo de seus amigos e admiradores, offereceu-lhe, no salão do “Club Recreativo Familiar”, um opiparo banquete, tendo a mesa em forma de I.

Ao “dessert” usou da palavra como orador official, o capitão Minoly Amorim, subintendente da Colonia, que num feliz discurso o saudou exprimindo-lhe os parabens e os sentimentos de gratidão da familia de Neu Württemberg.

Fallou tambem o tenente Torquato Silva, saudando o jovem anniversariante.

⁶² De 1898 até 1938, permaneceu a denominação de Neu-Württemberg para a colônia como um todo. Com a demarcação da área urbana em 1901, recebeu a designação Elsenau, como uma homenagem à esposa de Meyer, chamada Else. Em 1938 a colônia foi elevada à categoria de Vila. A partir daí ainda houve mais três mudanças de nome: Pindorama (1938), Tabapirã (1944), e, finalmente, Panambi, a partir de 29 de dezembro de 1944. (Fonte: <http://www.panambi.rs.gov.br/site/ver.php?codigo=5585>)

Agradecendo as homenagens que vinha recebendo o sr. Oliveira Mesquita, com a sua palavra fácil e vibrante, pronunciou uma oração cheia de patriotismo e bondade.

Foram erguidos varios brindes: ao Brasil, Governo Estadual, ao dr. Borges de Medeiros e ao coronel Firmino de Paula Filho.

Abrilhou a festa comemorativa, a Corporação Musical “J. Silva” regida pelo seu esforçado maestro. Em seguida ao banquete teve inicio um animado baile achando-se o salão do “Recreativo” repleto de exmas. familias. (A FEDERAÇÃO, ano XXXVII, nº 131, 08 jun. 1920, p. 3).

Era comum no Rio Grande do Sul que a comunidade se reunisse e fundasse suas próprias escolas visto que o poder público não conseguia atender a toda a demanda, conforme Silva (2006 *apud*, ROQUE MARIA, 1989 p. 38),

como as perspectivas para as colônias tanto alemãs como italianas não eram satisfatórias, os colonos resolveram agir por conta própria. Organizaram em suas localidades escolas particulares onde era ministrado o ensino primário em língua materna. Isso quer dizer que, por falta de professores, as comunidades de imigrantes ministram aulas em seus idiomas de origem, ou seja, alemão e italiano, dentro do território brasileiro.

Organizando suas escolas as comunidades tinham total liberdade para escolher o local em que a escola seria instalada bem como contratar seus professores, inclusive com as aulas sendo ministradas em língua estrangeira, a respeito disso Silva (2006, p. 92) diz que,

Nos primeiros tempos, nessas localidades o professor é um membro idôneo da comunidade. Importante frisar que, como o governo não interferia na administração da colônia e a escola pertencia à comunidade, o governo não fiscalizava o ensino. Assim, as aulas eram ministradas em alemão ou italiano, conforme a colônia.

Devido as consequências da Primeira Guerra Mundial onde o Brasil participou aliando-se aos países da Tríplice Entente (Reino Unido, França e EUA), grupo de nações que lutaram contra o império alemão, desta feita o governo do Rio Grande do Sul expediu uma circular proibindo o funcionamento de escolas em que não houvesse o ensino da língua portuguesa, assim justificasse a contratação de Pedro Mesquita pelo colégio alemão afim de que o mesmo ministrasse aulas de português, dizia a Circular nº 249 de 28 de fevereiro de 1920 da Secretaria de Estado dos Negócios do Interior e Exterior em Porto Alegre,

Em novembro de 1917, como consequencia do decreto que declarou o estado de guerra entre o Brasil e o imperio allemão, esta Secretaria vos expediu a circular sob nº 2006, de 9 daquelle mez, prohibindo o funccionamento de escolas em que se não ensinasse a lingua protugueza.

Não subsistindo mais os motivos que determinaram a expedição daquelle circular, visto como o tratado de paz do Brasil com a referida nação ja entrou em pleno vigor, cessaram virtualmente os effeitos da citada medida de excepção, pelo que deveis providenciar no sentido de restaurar-se o funccionamento de quaesquer escolas particulares, ainda que o ensino seja ministrado em lingua estrangeira, inclusive a allemã. Saude e Fraternidade.

Servindo de Director Geral, Marcos Avelino de Andrade.
(RELATÓRIO, volume II, 30 ago. 1920).

Finda a guerra e mediante o tratado de paz a presença de um professor de português já não era mais necessária nas escolas particulares, desta forma Pedro Mesquita transfere-se para o município de Cruz Alta onde foi regente das escolas reunidas que sob a sua regência foi elevada em 1920 a grupo escolar (MESQUITA, 1994).

Com o sucesso de sua atuação como professor e diretor de escolas, Pedro Mesquita foi convidado por fazendeiros de Palmeira das Missões, criando naquela vila o Colégio Palmeirense, do qual assumiu sua direção em 1921.

Nas comemorações do Centenário da Independência do Brasil dentre as festividades que marcaram a data, em Palmeira das Missões, local onde Pedro Mesquita estava residindo e dirigindo a escola local, foi formada uma comissão para cuidar dos festejos. Sobre essa comemoração, o jornal *A Federação* publicou a seguinte nota:

EM PALMEIRA

Ainda perdura no espirito publico a impressão que causaram as festas commemorativas do Centenario da Patria, naquella prospera localidade.

Foram quatro dias festivos, nos quaes a população local, deu largas ao seu patriotismo.

A comissão promotora, composta dos srs. dr. Carlos Hofmeister, dr. Hidelbrando Westphalen, Augusto Marques Guimarães, professor Oliveira Mesquita, tenente Eugenio Krum e Asterio Canuto de Souza, foi muito felicitada pelo brilhantismo da comemoração.

O programma das festas, foi o seguinte:

Dia 7 – Às 4 horas – Alvorada, pela banda musical União Palmeirense e clarins da Brigada.

Às 8 horas – Formatura do Tiro 503, praças da Brigada e collegios, para continencia á bandeira em frente á Intendencia. Cantos dos hynnos nacional e independencia. Falou o professor Oliveira Mesquita. Em seguida, a força desfilou pelas principais ruas.

Às 10 horas – Solene missa campal á praça Julio de Castilhos. O rev. padre Manoel Roda fez uma oração allusiva ao acto. Após a missa, entrega de medalhas do concurso do Tiro. [...].

OFFERTA DE UMA BANDEIRA

O dr. Hildebrando Westphalen, medico local vae offerecer ao batalhão infantil do Collegio Palmeirense, dirigido pelo professor Oliveira Mesquita, rica bandeira nacional. (CORREIO PAULISTANO, ano XXXIX, nº 226, 29 de setembro de 1922, p. 4).

Em comemoração ao Centenário da Independência, Pedro Mesquita juntamente com Dr. Assis Brasil e Joaquim Mendes publicou uma revista com o nome de *O Centenario*, celebrando o primeiro centenário da Independência do Brasil. A revista tinha quatorze páginas e dentre vários textos apresentados, vê-se a participação de Alice Mesquita, esposa de Pedro Mesquita e também professora no Colégio Palmeirense. Ela escreveu um texto com o título de “A beleza moral – Às minhas alumnas”, cujo texto ela aproveitou para incutir a ideia de que as mulheres deveriam se instruir para assim se tornarem verdadeiramente belas. Diz o texto:

A beleza moral – Às minhas alumnas

A mulher mais bella é aquella que mais virtudes conta; as bellezas, as graças, os encantos, desaparecem pela enfermidade ou pela rapidez do tempo, mas nem o tempo nem a enfermidade, tem poder sobre as bellezas que abrigam n'alma da mulher virtuosa.

A mulher adornada com a incomparavel beleza das preciosas qualidades d'alma, não precisa de galas, nem estofos de alto preço, singelamente ataviada, ella è preciosa aos olhos verdadeiros apreciadores do positivo mérito.

Uma mulher cheia de beleza mas sem a necessaria instrucção, assemelha-se a uma flor sem aroma.

Sêde bellas, porém, sede instruidas.

Palmeira, Setembro 1922.

Alice Leal de Mesquita (O CENTENARIO, 07 de setembro de 1922, p.12).

Na revista *O Centenario* encontra-se o texto escrito pelo advogado Dr. L. de Assis Brasil, amigo de Pedro Mesquita e um dos redatores da revista. O Dr. Assis Brasil escreveu o texto, cujo título “Praeceptoris” ou preceptores, que eram pessoas que recebiam a incumbência de orientar e instruir uma criança ou adolescente. Esse texto é revelador, pois o advogado confirmou que Pedro Mesquita era um professor leigo, porém um educador exemplar, contradizendo o que algumas pessoas estavam questionando sobre os métodos de ensino e até mesmo a capacidade de Pedro Mesquita como professor. Assim, o Dr. Assis Brasil aproveitou a ocasião e utilizando seus dotes de advogado, se posicionou em defesa do amigo. Dizia o texto:

Praeceptoris

Em rapidos traços, tentarei aqui, o esboço psychologico de um personagem do nosso meio social, a quem a injustiça de juizos precipitados, com apoio em falsas premissas, elaboradas no cadinho fervente de interesses partidarios, não chega a conclusão acertada; falseando desse modo o seu verdadeiro merito.

Esse personagem é um educador que sabe incutir no espirito da infancia, em traços indeleveis, as mais claras noções de civismo, não sò em praticas militares e explicando-lhe os grandes exemplos de que è fértil a nossa Historia, mas tambem decifrando-lhe em palavras carinhosas a idéia da Pátria que para muitos adultos é um enigma.

Empenhado nessa lucta sem tréguas de illuminar tenros cerebros, derramando dentro deles às mãos cheias o germen das grandes idèias e dos grandes ideaes, segue o rumo traçado na metáfora brilhante, em que Aristoteles sabiamente synthetizou um programma inteiro de educação da infancia, - “ensinae às creanças, aquillo que ellas tiverem de fazer, quando venham a ser homens”.

Dentro das raias desse programma, combate o analphabetismo e coherente ainda como programma, ensina aos seus discipulos hoje, os deveres para com a sociedade no dia de amanhã, quando trilharem as multivias verêdas da vida publica, na politica, na industria ou nas sciencias e artes; e sem desfallecimentos estimula seus discipulos a enfrentarem confiantes em suas proprias energias, a lucta incessante da vida; praticando abnegadamente o civismo, mostra-lhes através de exemplos eloquentes e de suas proveitosas prelecções, a imagem sacrosanta da Pátria, que desde a infancia que entra para o scenario da vida, tudo espéra; e leccionando em seu honrado lar, no intimo convivio de sua familia, faz da escola a continuação do lar de cada um, desenvolvendo-lhes as virtudes que sò aprendem nessa célula mater da sociedade.

É finalmente um artista, - não pelo seu èstro de poeta ou pela sua eximia penna de jornalista – mas sim por se ter dedicado ao mais difficil, ao mais escabroso talvez, dos ramos da Arte: a moldagem de cèrebros vivos, em pleno desabrochar da vida!

Oliveira Mesquita é um esforçado e modelar preceptor.

Palmeira, 7/9/922

L. de Assis Brasil (O CENTENARIO, 07 de setembro de 1922, p. 8).

No rodapé da revista após o texto acima, encontram-se duas pequenas notas que possivelmente tinham o objetivo em atingir as pessoas que estavam criticando o trabalho de Pedro Mesquita enquanto professor; ambas as notas não trazem o autor. A primeira nota diz: “O espirito atrasado é igual ao morcêgo: ambos odeiam a luz”, e segunda nota, “Os homens de valor são as eternas victimas da calumnia e da maledicencia” (O CENTENARIO, 07 de setembro de 1922, p. 8).

Pedro Mesquita tinha seu método de ensino elogiado por uns e criticado por outros; queria que os alunos aprendessem por meio de exemplos de personalidades do passado, tendo como referência pessoas que lhes ensinassem o servir o próximo e à Pátria, por meio de seus exemplos. Tal como fizera em Sorocaba, onde levou os

alunos da Escola da Terra Vermelha a visitarem o túmulo do monsenhor João Soares do Amaral. Lembrando do aniversário da morte de Júlio de Castilhos⁶³ realizou no Colégio Palmeirense uma homenagem ao ilustre político gaúcho. Pedro, referindo-se a Júlio de Castilhos como o “grande apóstolo da democracia”, mais uma vez deixou os presentes encantados com sua eloquência e seu dote de professor. A nota publicada no jornal *A Federação* com o seguinte título “Homenagem” diz:

O Collegio Palmeirense dirigido pelo professor Oliveira Mesquita realizou-se hontem uma reunião em homenagem á memoria de Julio de Castilhos, estando presentes o intendente e muitas pessoas gradadas.

Aquelle illustre professor usou da palavra, dizendo entre outras cousas, o seguinte:

“Meus caros alumnos. – Hoje é dia feriado em todo o vasto territorio do Rio Grande do Sul. Faz neste dia 19 annos que morreu o grande brasileiro dr. Julio Prates de Castilhos, seu benemérito organizador politico. Honra pois á memoria desse grande apostolo da democracia, cuja vida foi um verdadeiro evangelho de civismo.

Meus alumnos, aprendei com Castilhos a amar á Patria e á Republica”. Os alumnos foram arguidos em geographia, em historia patria e riograndense, em lições de coisas demonstrando grande aproveitamento.

O referido professor foi muito felicitado. (A FEDERAÇÃO, ano XXXIX, ano 249, 27 outubro 1922, p.3).

No Rio Grande do Sul Pedro Mesquita dividia seu tempo como diretor e professor do colégio Palmeirense e também como membro do 1º Regimento de Cavalaria. Este regimento estava encarregado de sufocar a rebelião comandada por Luiz Carlos Prestes. A tropa que seguia Prestes ficou conhecida como Coluna Prestes e percorreu diversos estados no Brasil, entre eles o Rio Grande do Sul.

Pedro Mesquita ora estava lecionando, ora servindo o exército. Na Imagem 3 ele está junto ao um grupo de oficiais; era o único que estava à paisana. Dizia o texto imediatamente abaixo da fotografia estampada no jornal:

“Um grupo de officiaes do 1º Regimento de Cavallaria estacionado em Palmeira, em virtude dos ultimos acontecimentos politicos que ali se

⁶³ Júlio de Castilhos foi governador do Estado do Rio Grande do Sul no final do século 19 e líder do positivismo naquele Estado. Diplomou-se na Faculdade de Direito de São Paulo, em 1881, onde tomou contato com as ideias do filósofo francês Augusto Comte. De 1884 a 1889 dirigiu o jornal “A Federação”, propagando as ideias republicanas. Exerceu influência singular sobre a política gaúcha. O castilhismo consolidou-se como corrente política e teve voz ativa por cerca de 40 anos. No plano nacional, Getúlio Vargas procurou implementar o castilhismo no Estado Novo (1937-1945). Júlio de Castilhos morreu aos 43 anos, vítima de câncer na garganta. A casa em que residiu com sua família de 1898 a 1903 tornou-se o Museu Júlio de Castilhos, no centro de Porto Alegre. (Fonte: <https://educacao.uol.com.br/biografias/julio-prates-de-castilhos.htm>).

desenrolaram. No centro, á paisana, o conceitudo educador e jornalista prof. Oliveira Mesquita, director do “Collegio Palmeirense”. (O MALHO, ano XXII, nº 1064, 03 de fevereiro de 1923, p. 28).

Imagem 3- Oficiais do 1º Regimento de Cavalaria do Rio Grande do Sul - 1923



Fonte: O MALHO, ano XXII, nº 1064, 03 de fevereiro de 1923, p. 28.

Novamente encontram-se referências sobre a atuação de Pedro Mesquita como professor, diretor e membro do corpo oficial das forças governistas que defendiam a legalidade do governo estabelecido.

A Imagem 4 apresenta Pedro montado em um cavalo e com a farda do exército. Logo abaixo na fotografia, a nota dizia: “O professor Oliveira Mesquita, director do Collegio Palmeirense, ora servindo o governo do Estado como official das forças governistas em Palmeira”. (O MALHO, ano XXII, nº 1089, 28 de julho de 1923, p. 27).

Imagem 4- Pedro Mesquita como oficial do exército em 1923.



Fonte: O MALHO, ano XXII, nº 1089, 28 de julho de 1923, p. 27.

Pela sua efetiva participação nas atividades do exército Pedro Mesquita foi promovido a Tenente do 3º Corpo de Provisórios no combate a Coluna Prestes. Sua atuação no combate a Coluna Prestes proporcionou a ele conhecer diversas cidades por onde a tropa passou. Em nota do dia 21 de fevereiro de 1923, o jornal *A Federação* publicou o decreto em que o governo do Estado criou a primeira brigada provisória do Norte. Diz o decreto:

GOVERNO DO ESTADO
Decreto n. 3105 de 20 de fevereiro de 1921(*)
Crêa a 1ª brigada provisória do Norte.

O presidente do Estado do Rio Grande do Sul, no uso da atribuição que lhe confere a Constituição, art. 20 n. 10, resolve criar a 1ª brigada provisoria na região do Norte e nomear os seguintes officiaes:

[...] Alferes – Rodolpho Maciel Ramos e Pedro Salles de Oliveira Mesquita.

(A FEDERAÇÃO, ano XL, nº 44, 21 fevereiro 1923, p. 1).

Pedro Mesquita destacou-se como provisório frente as batalhas contra a Coluna Prestes e desta feita foi promovido a Capitão em 1924. O jornal *A Federação* em sua edição do dia 31 de janeiro de 1924 publicou uma nota fazendo referência às anotações que Pedro de Mesquita havia feito no *front* de batalha; essas anotações foram posteriormente compiladas e publicadas em forma de livro cujo o título é “Por sertões e coxilhas”. A publicação foi realizada pelo pesquisador e escritor Fernando O. M. O'Donnell em 1994. Acerca dessas anotações dizia a nota do jornal:

Memorias de um legalista

Attendendo a um pedido de amigos e camaradas d'armas, o nosso amigo tenente Oliveira Mesquita, que é um nome bastante conhecido como cultor das belas letras, e que prestou relevantes serviços no ultimo movimento revolucionario, servindo nas forças sob o commando do heroico general Firmino de Paula, vae publicar num folheto as suas memorias de campanha. (A FEDERAÇÃO, ano XLI, nº 27, 3 janeiro 1924, p. 4).

Em 02 de fevereiro de 1924 depois de alguns dias de enfermidade faleceu Alice Oliveira Mesquita esposa de Pedro Mesquita. Nesse dia, o jornal *A Federação* publicou a fatídica nota, uma perda para Pedro Mesquita, que além da esposa, perdeu também sua companheira de trabalho no Colégio Palmeirense, visto que ambos se dedicaram à instrução. Dizia a nota de falecimento no jornal:

D. Alice Oliveira Mesquita

Falleceu, hontem, nesta capital, ás 17 ½ horas, a exma. sra. d. Alice Corrêa Leal de Oliveira Mesquita, consorte do nosso distincto amigo e collega, tenente Oliveira Mesquita.

Senhora dotada de primorosas qualidades, coração bonissimo, caracter firme e energico, trato ameno e communicativo, fazia-se estimar e bem querer, gosando, por isso, de grande numero de relações.

Estabelecida em Palmeira, juntamente com seu esposo, dirigia o Collegio Palmeirense, sendo relevantes os serviços prestados nesse ministerio á instrucção, naquella localidade.

Com sua saude bastante combalida por cruel enfermidade, veio em busca de recursos medicos a esta capital. Infructiferos foram estes, assim como todos os desvellos com que a cercaram os membros da sua amantissima familia.

Logo que a triste nova de seu passamento foi conhecida, numerosas pessoas acudiram ao prédio em que se achava hospedada, á rua General Bello, n. 5.

D. Alice era filha do nosso amigo major Franklim Leal, e deixa do seu consorcio um filhinho, o pequeno Paulo Gaucho.

Hoje, á tarde, tiveram logar as ceremonias funebres, com crescido acompanhamento, vendo-se sobre o ataúde grande numero de corôas e bouquetes nos quaes eram lidos expressivos dizeres. (A FEDERAÇÃO, ano XLI, nº 29, 02 fevereiro 1924, p. 4).

Depois da perda de sua esposa não foram encontrados relatos sobre como Pedro Mesquita superou esse episódio, somente mais de um ano depois é que encontra-se a seguinte informação: de passagem pelo distrito de Lagoa Vermelha, Pedro Mesquita aproveitou a oportunidade e a fama que tinha para fazer uma conferência em prol da construção do Grupo Escolar dessa localidade. Desta feita ele demonstrou mais uma vez sua preocupação com a instrução de crianças e jovens. Segue a nota sobre o evento:

Em beneficio das obras do edificio do Grupo Escolar, o capitão Oliveira Mesquita levou a effeito, hontem, uma conferencia, tomando por these “A revolução de 1923 e 24”, na qual discorreu longamente, terminando por concitar todos a trabalharem em pról da paz na nossa Patria.

Foi elle muito aplaudido e cumprimentado.

Fez a apresentação do conferencista o advogado dr. Raul Boccanera. (A FEDERAÇÃO, ano XLII, nº 267, 17 novembro 1925, p.4).

O último relato sobre Pedro Mesquita como professor encontra-se no texto publicado pelo jornal *O Malho* em 1926, onde Salvador Barcellos descreve o amigo como sendo autodidata, ou como ele diz no texto: “está no ról daquelles que se fazem por si mesmos”. No texto relata o episódio em que Pedro estava descontente em Sorocaba e que alguém conhecendo sua aptidão como professor, o convidou para no Rio Grande do Sul “reger uma cadeira em uma escola publica”. Salvador Barcellos era funcionário da *Light and Power* e escreveu vários textos para o jornal *O Malho*. Segue o texto sobre Pedro Mesquita:

Sobre um poeta...

Pedro Oliveira Mesquita é o nome do poeta e jornalista pouco conhecido nas rodas literarias.

Natural de Sorocaba (Estado de São Paulo), está no ról daquelles que se fazem por si mesmos.

Escreve mais poesia do que prosa.

Redigiu com brilho diversas folhas no interior do Estado, onde conquistou a amizade de um elevado numero de amigos e admiradores.

Luctava com a sorte adversa em sua terra natal, quando alguém se condeou de sua pessoa, e o convidou para reger uma cadeira em uma escola publica no Estado do Rio Grande do Sul, Actualmente é director de um Grupo Escolar no mesmo Estado.

A grata noticia encheu de jubilo um punhado de amigos, que tiveram a felicidade de conhecel-o neste Estado.

Que seja feliz na carreira que abraçou, são os votos sinceros de todos. Salvador Barcellos. (O MALHO, ano XXV, nº 1241, de 26 de junho de 1926, p.7).

Exercendo o cargo de Promotor Público, Pedro Mesquita deixou a docência. Porém, vez ou outra encontram-se relatos de sua participação em atividades ligadas ao magistério, como a nota publicada pelo jornal *A Federação* em 1933 dizendo que ele havia sido convidado para participar de uma banca examinadora. Desta forma ele conseguia manter um vínculo com a profissão que exerceu por vários anos de sua vida. Segue a nota:

Pela Instrução

Cachoeira tem, espalhadas pelos seus oito distritos, 115 escolas mantidas pelo município.

O diretor da instrução municipal acaba de apresentar ao prefeito um relatorio, no qual descreve o movimento escolar nos distritos, as escolas criadas, os melhoramentos introduzidos, etc.

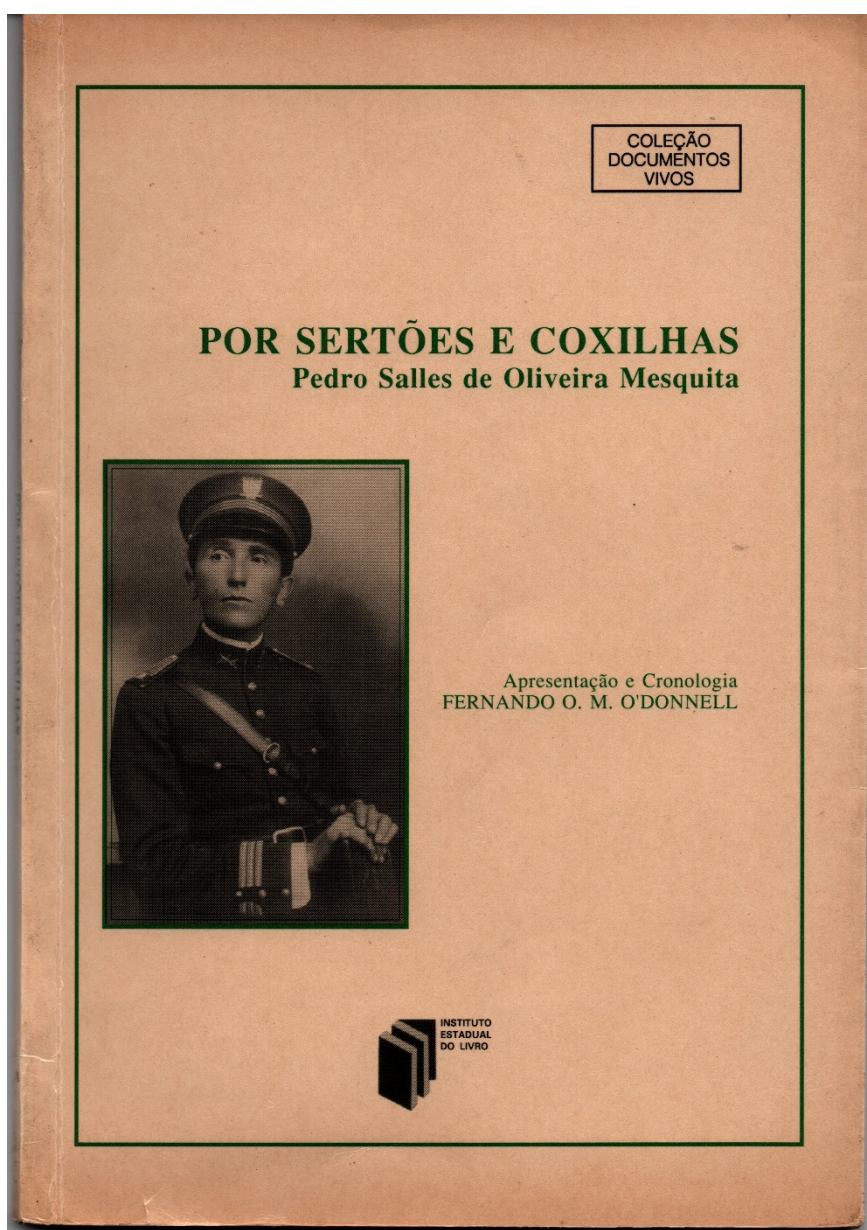
Os exames nestas escolas começarão no dia 1º do proximo mês. Para presidir a banca examinadora das aulas do 1º distrito, foi convidado o capitão Oliveira Mesquita, promotor publico da comarca. (A FEDERAÇÃO, ano L, nº 273, 28 de novembro de 1933, p. 4).

Pedro Mesquita estava em nova fase de sua vida, deixou o magistério e passou a se dedicar ao cargo que lhe foi confiado, o de Promotor Público.

4 RIO GRANDE DO SUL: POR SERTÕES E COXILHAS (1923 - 1951)

Este capítulo retrata a vida de Pedro Mesquita no sul do país onde atuou como professor leigo e diretor de escolas, também participou das batalhas que se travaram contra a Coluna Prestes e daí se originou um diário de guerra que Pedro rascunhou nos intervalos do conflito. Este diário foi compilado pelo escritor Fernando O. M. O'Donnell que em 1994 publicou como homenagem póstuma o diário em forma de livro cujo título era “Por sertões e coxilhas”, conforme Imagem 5.

Imagem 5– Capa do livro “Por sertões e coxilhas” publicado em 1994.



Fonte: Elaboração própria.

Pedro Mesquita chegou em Júlio de Castilhos por volta de 1919 com a idade de vinte e seis anos. Aproximou-se do Partido Republicano ganhou a confiança e admiração de seus correligionários.

Com seu jeito cativante e envolvente, Oliveira Mesquita transitava com facilidade em diversas áreas. Profícuo orador, articulava com maestria as palavras e a todos encantava. Desta forma, firmou-se no sul do país, onde tornou-se um “típico burocrata militante da grei republicana: até se aposentar para dedicar-se à advocacia, em 1941” (MESQUITA, 1994, p. 5).

Por onde passou Pedro deixou amigos que sentiam sua falta, uma dessas amizades do tempo de Sorocaba era Avelino Argento poeta e jornalista que também escrevia para *O Operario*, Avelino publicou livros e um destes chamava-se “Lagrimas e Ciprestes” onde escreveu a poesia a seguir em homenagem ao amigo que estava distante no sul do país, a poesia originalmente foi escrita em italiano, língua que Avelino dominava,

SOGNO DI GLORIA...

Al poeta amico Pedro S. O. Mesquita:

Perché invocar, perché, la musa e, inultimente
Trovar per qualche verso um'altra rima ancor
Se competenza e i pregi – almem presentemente –
Non han prestigio alcuno, non han nessun valor?

Perché tendenze avere?!... Se desgraziatamente
Talentò, ingregno ed arte, niente valgono ancor,
Perché sognar la gloria... e creder si piamente
Che existe lealtà nel mondo ingannator?!...

Come la notte, al dí succede lentamente,
Lasciam che, in contumacie il mondo si abbandoni,
Che al dolore ne segua um altro ancor maggiore!

Se é che la virtù ed il talento e i doni,
Non son che cose vane e senza alcun valore...
Lasciam la gloria ai grulli e non scriviam piú niente!
Avelino Argento
(Sorocaba – Dal libro inédito “Lacrime e cipressi”).
(O MALHO, ano XXII, nº 1087, 14 de julho de 1923, p. 6)

SONHO DE GLÓRIA ...

Para o poeta amigo Pedro S. O. Mesquita:

Por que invocar, por que, a musa e, inimitável
Encontre outra rima para algum verso
Se competência e méritos - almem presentemente –
Eles têm algum prestígio, eles não têm valor?

Por que as tendências têm ?! ... Se infelizmente
Talentos, engenho e arte, nada vale,
Por que sonhar com a glória ... e acreditar na paz
O que existe lealdade no mundo ingannator ?!

Como a noite, no dia acontece devagar,
Deixemos o mundo em desespero
Que à dor segue um outro ainda maior!

Se é essa virtude e talento e presentes,
Eles não são nada além de coisas inúteis e vãs ...
Deixe a glória para o grull e escreva nada mais!
Avelino Argentio
(Sorocaba - Do livro inédito "Lágrimas e Ciprestes").
(O MALHO, ano XXII, nº 1087, 14 de julho de 1923, p.6).

4.1 O Combatente (1923 – 1932)

Com a reeleição do dr. Borges de Medeiros para presidente do estado do Rio Grande do Sul o Partido Republicano estava em festa, comemorando sua vitória com muito entusiasmo, conforme atesta manchete na primeira página do jornal *A Federação* de 26 de janeiro de 1923, reproduzido na Imagem 6.

Imagem 6– Parte da primeira página do Jornal “A Federação” em 26 janeiro de 1923.



Fonte: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=388653>

Envolvido pelos ares da vitória e devido ao seu estreito relacionamento com o Partido Republicano, centenas de correligionários e simpatizantes enviaram telegramas de felicitações e, como no caso de Pedro Mesquita, colocando-se à

disposição para, se necessário fosse, defender essa reeleição a bala. Opositores ao regime estavam descontentes com essa reeleição, era o início de uma Revolução que abalou o Rio Grande do Sul, a Revolução de 1923.

Em telegrama enviado ao dr. Borges de Medeiros, reproduzido pelo jornal *A Federação* em sua primeira página na edição do dia 27 de janeiro de 1923, Pedro Mesquita felicitou o presidente reeleito e colocou-se à disposição para defender a legalidade das eleições. Diz o telegrama: “PALMEIRA, 25 – Republicano de carabina em punho na defesa da legalidade, saúdo eminente chefe no dia da posse. Viva a Republica! – Oliveira Mesquita”⁶⁴.

Após a posse de Borges de Medeiros, a oposição foi encabeçada por Assis Brasil segundo matéria publicada no jornal *A Federação*, cujo diretor de redação era Lindolfo Collor. Assis Brasil era “hystrião da democracia, bufarinheiro das liberdades cívicas”⁶⁵. Desta feita as provocações ganharam as páginas do jornal que se declarava “Orgam do Partido Republicano”.

Os revolucionários foram acusados de realizarem saques, estupros, assassinatos. O jornal *A Federação* em sua primeira página no dia 07 de fevereiro de 1923, reputa aos seguidores de Assis Brasil todas as atrocidades, sob o título de “Democracia de banditismos”:

Democracia de banditismos

As ultimas noticias que nos chegam do trecho da região serrana infestado pela mashorca de Arthur Caetano já nos permitem abranger num golpe de vista seguro o exacto alcance daquela eclosão de banditismo, posta em scena para servir á causa poilitica do sr. Assis Brasil.

O rápido desenrolar dos acontecimentos, que transformou uma “revolução” de heroicos designios civicos num covarde ajuntamento de malfeitores que saqueiam, matam, estupram e fogem á approximação da força repressora, já não autorisa duvidas de nenhuma especie [...]. (A FEDERAÇÃO, ano XL, nº 33, de 07 de fevereiro de 1923, p. 1).

Os republicanos com desprezo consideravam essa Revolução como algo que rapidamente se desmantelaria e que os opositores ou os “assistas”, como foram apelidados, os seguidores de Assis Brasil logo, se acostuariam com a ideia de ter como presidente do estado, o dr. Borges de Medeiros. Tanta confiança na rápida

⁶⁴ A FEDERAÇÃO, ano XL, nº 24, de 27 de janeiro de 1923, p. 1.

⁶⁵ A FEDERAÇÃO, ano XL, nº 26, de 30 de janeiro de 1923, p. 1.

dissolução do movimento foi estampada na edição do dia 08 de fevereiro de 1923, onde o jornal *A Federação* deixou claro a ideia de que a Revolução seria algo passageiro e sem maiores consequências: “Veremos, no fim de contas, o que vai suceder. A ebulição que, de resto, é apenas superficial, passará”⁶⁶. Mas não passou; tanto que em 20 de fevereiro de 1923 o governo do Rio Grande do Sul na figura do presidente dr. Borges de Medeiros publicou o Decreto nº 3105, de 20 de fevereiro de 1923 criando a 1ª brigada provisória do Norte, na qual encontramos o nome de Pedro Salles de Oliveira Mesquita como membro do 3º corpo dessa brigada.

Governo do Estado
Decreto n. 3105, de 20 de fevereiro de 1923
Crêa a 1ª brigada provisoria do Norte
O presidente do Estado do Rio Grande do Sul, no uso da attribuição que lhe confere a Constituição, art. 20 n. 10, resolve crear a 1ª brigada provisoria na região do Norte e nomear os seguintes officiaes:
ESTADO MAIOR
Comamndante – General Firmino de Paula
Major assistente – Tarquinio Oliveira
[...]
3º Corpo
Alferes – Rodolpho Maciel Ramos e Pedro Salles de Oliveira Mesquita.
(A FEDERAÇÃO, ano XL, nº 43, de 20 de fevereiro de 1923, p. 1).

Com esse Decreto o governo criou o corpo de provisórios: “organizado primeiramente nos municípios sob a autoridade civil para a manutenção da ordem e garantia da propriedade, os provisórios eram forças auxiliares compostas por alistamento censitário e em geral enquadradas na Guarda Nacional”⁶⁷.

A Revolução acabou com a rendição dos revolucionários e a assinatura do tratado de paz, no dia 17 de dezembro de 1923, fato este estampado na primeira página do jornal *A Federação* que inclusive publicou uma imagem da assinatura desse acordo, conforme Imagem 7.

⁶⁶ A FEDERAÇÃO, ano XL, nº 34, de 08 de fevereiro de 1923, p. 1.

⁶⁷ O'DONNEL, 1994, p. 6.

Imagem 7– Parte da primeira página do Jornal “A Federação” em 26 janeiro de 1923.



Fonte: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=388653>

Em 1926 Pedro Mesquita foi nomeado Capitão-Comandante do 1º esquadrão do 9º Corpo Auxiliar. Em 1927 o 1º esquadrão combateu os revolucionários chefiados por Outubrino de Mattos, comerciante de São Francisco de Assis/RS que se revoltou contra o governo. Dizia a nota do jornal:

OS REVOLUCIONARIOS DE OUTUBRINO DE MATTOS
Escrevem de Santiago do Boqueirão, no Rio Grande do Sul:
Com destino a São Francisco de Assis, passou, hontem, nas proximidades desta villa, o 1º esquadrão do 9º corpo auxiliar da Brigada Militar, commandado pelo capitão Oliveira Mesquita, que se achava no 4º districto deste municipio em perseguição de um grupo de rebeldes, chefiado, ao que se diz, por Outubrino de Mattos. Sabemos que a força legal não conseguiu encontrar o grupo de rebeldes, mas somente os vestigios de acampamentos nos mattos que margeiam os rios Itú, Iguariçá e Itacuruby, por onde passou o grupo revolucionario. (A RUA, ano XIII, nº 101, 03 de fevereiro de 1927, p. 1).

Na Revolução Constitucionalista de 1932, Pedro Mesquita lutou contra os “irmãos” paulistas. Segundo seu relato muito o deixou triste, “lutando, de armas na mão, contra minha terra, contra os meus próprios irmãos, em 32. Deus e eu sabemos

de que tamanho foi esse sacrificio! – Pedro Sales de Oliveira Mesquita. (A FEDERAÇÃO, ano LIV, nº 98, 29 de abril de 1937, p. 7).

4.2 O Promotor (1928 - 1940)

Pedro Mesquita após ser exonerado em 1927 do Corpo de Provisórios do Exército onde prestou relevantes serviços nas Revoluções de 1923 e 1925, começou sua carreira na vida pública como escrivão da vila de Ijuhy⁶⁸. Em 1928 encontra-se uma referência a Pedro como escrivão do cartório, conforme constava no edital de “Fallencia de Alfredo Steglich”. Pedro foi o escrivão que redigiu e assinou o edital, “[...]Eu, Pedro Salles de Oliveira Mesquita, escrivão, escrevi”. (A FEDERAÇÃO, ano XLV, nº 54, 05 de março de 1928, p. 7).

Em setembro de 1928 foi nomeado promotor público em Palmeira das Missões. Em outubro do mesmo ano foi transferido para São Borja.

Conforme Vianna (2011, p. 162):

Pedro Sales de Oliveira Mesquita foi um dos militares que, pela fidelidade ao PRR e ao governo, como Campos Borges e Joaquim Mendes, recebeu um cargo de promotor público. Assim, a promotoria era um meio de subsistência em tempo de paz para o veterano das Revoluções de 1923, 1930 e 1932. Sua trajetória, em muito, é parecida com a de tantos outros indivíduos que, indispostos com o governo local, estabelecem-se no RS e colocam-se sob guarda do PRR.

Rapidamente, Pedro Mesquita como promotor público ganhou a admiração dos são borjenses. O jornal *A Federação* na edição do dia 02 de março de 1932 estampou uma nota publicada no jornal *Uruguay* relatando a situação em que o promotor Pedro Mesquita se envolveu ao aceitar sem maiores reflexões a troca de comarca. Por ser carismático e envolvente, a população da comarca de São Borja em “uma verdadeira manifestação de sympathia e apreço” exigiu que ele permanecesse na cidade. Segue o relato do jornal sobre esse episódio:

Promotoria Publica

O “Uruguay” orgam republicano local publicou em seu ultimo numero a seguinte nota, a proposito da desistida permuta do promotor publico daqui com o de uma comarca nas proximidades de Porto Alegre:

⁶⁸ A Colônia de Ijuhy foi fundada em 19 de outubro de 1890, Ijuhy significa na língua guarany, “Rio das Águas Divinas”. Recebeu imigrantes de várias nacionalidades, coordenada inicialmente pelo Diretor Augusto Pestana Ijuí teve grande impulso ao seu desenvolvimento quando, a partir de 1899, foi incentivado o assentamento de colonos com conhecimento de agricultura, principalmente de colônias mais antigas do Rio Grande do Sul. (Fonte: <http://www.ijui.rs.gov.br/paginas/historico>).

“O nosso amigo e apreciado collaborador cap. Oliveira Mesquita, digno promotor publico desta comarca, acaba de receber uma verdadeira manifestação de sympathia e apreço. Num momento de irreflexão elle consentiu na troca de comarcas que lhe propoz um outro promotor publico. A noticia difundiu-se rapidamente pela cidade e o protesto foi geral. Juizes, escrivães, advogados e os elementos de mais destaque social de S. Borja, reuniram-se, cercaram e aprisionaram o cap. Oliveira Mesquita, exigindo que elle retirasse o seu consentimento para tal permuta. Elle não poude resistir a essa doce violencia da sociedade em que vive, rendeu-se aos seus amigos. São Borja não ficará sem o seu promotor publico, não será privada da alegria communicativa do digno cap. Mesquita. (A FEDERAÇÃO, ano, nº , 02 de março de 1932, p. 2).

Imagem 8– Pedro Mesquita em fotografia junto a Getúlio Vargas e família.



Fonte: Revista O Cruzeiro (RJ), ano, XXVI, nº 50, 25 de setembro de 1954, p. 55.

Em São Borja tornou-se amigo da família Vargas, aparecendo em uma fotografia publicada na revista *O Cruzeiro* (RJ) em 1930. Na Imagem 8 está a inscrição de “Álbum de Família na era de 1930”, Pedro Mesquita aparece ao lado de Getúlio Vargas⁶⁹. Abaixo da fotografia pode-se ler:

⁶⁹ Em outubro de 1922, chegou ao cargo de deputado federal em virtude do falecimento de um deputado gaúcho. Em 1924, reelegeu-se deputado federal tornando-se líder na Câmara dos republicanos

ÁLBUM DE FAMÍLIA NA ERA DE 1930; Na granja do Sr. Viriato Vargas, em São Borja: D. Inês de Oliveira (irmã do poeta Vargas Neto), D. Darcy Vargas, o General Manuel Vargas, D. Maria Balbina Nunes Vargas, o futuro Ministro Viriato Vargas, o Presidente Getúlio Vargas, o futuro Cel. Serafim Vargas, o Promotor de São Borja, Oliveira Mesquita e D. Candoca Vargas Tatsch. Por trás: O Juiz de Direito Omar Vargas e Francisco Protásio. A criança, ao lado de Getúlio: Ivete Vargas.

Note-se que o único na foto que não pertencia a família Vargas era Pedro Mesquita.

Uma visita que a esposa de Getúlio Vargas fez à cidade de São Borja, visto que Getúlio tornara-se chefe de estado e residia na capital federal Rio de Janeiro⁷⁰ agitou a cidade de São Borja. O jornal *A Federação* registrou o momento em uma nota que dizia:

SÃO BORJA

Homenagem á senhora do chefe do governo provisorio da Republica. “[...] innumeras damas da nossa sociedade foram á noite á residência do venerando general Manoel do Nascimento Vargas [...] ofereceram a mesma um riquissimo bouquet de rosas naturaes, falando na ocasião, a pedido das manifestantes, o poeta Oliveira Mesquita, promotor publico da comarca, que em carinhosas palavras enalteceu as primoradas virtudes da senhora Getulio Vargas, dizendo da grande estima em que a mesma é tida no seio da sociedade da sua terra natal. D. Darcy agradeceu sensibilisadissima. (A FEDERAÇÃO, ano XLIX, nº 17, 20 de janeiro de 1932, p. 3).

Pedro Mesquita tornou-se próximo da família Vargas, tanto que em 1932 por ocasião de uma festa em comemoração a independência da Argentina, realizada na cidade de Santo Thomé na Argentina a 16km de distância de São Borja/RS, Pedro foi à esta festa representando a família Vargas. Dizia a nota do jornal *A Federação*:

São Borja, 4 – **Independencia da Argentina** – Magnificas estiveram as tardicionaes festividades em honra da Independencia da Argentina, no dia 25 do mez passado, na visinha cidade de Santo Thomé.

Gaúchos. Tornou-se presidente do estado do Rio Grande do Sul em 1928, assumindo o governo com o objetivo pacificador da política estadual. Das eleições de março de 1930, Júlio Prestes saiu vitorioso. Porém setores mais radicais da Aliança alegaram fraudes nas eleições não reconhecendo o resultado como legítimo e iniciando a organização de um levante que desembocou na Revolução de 1930. Em 3 de novembro de 1930, Getúlio Vargas torna-se chefe do Governo Provisório após a vitória da oposição. (Fonte: Dicionário Biográfico Ilustrado de Personalidades da História do Brasil – George Ermakoff, Casa Editorial, Rio de Janeiro 2012.).

⁷⁰ O Rio de Janeiro foi a capital do Brasil até o dia 21 de abril de 1960, quando então a capital federal passa a ser Brasília no Distrito Federal. (Fonte: <https://acervo.oglobo.globo.com/rio-de-historias/21-de-abril-de-1960-dia-em-que-rio-de-janeiro-deixou-de-ser-capital-federal-8898992>)

Este anno, aquellas festas tiveram ali maior realce com a inauguração de uma colossal estatua de bronze a San Martim na praça central da cidade. Para assistirem-nas seguiram d'aqui varias famílias, cavalheiros e autoridades civis e militares. Compareceu em pessoa o prefeito deste municipio, dr. Cléto Azambuja, sendo que o general Vargas e o dr. Protasio Vargas foram representados pelo capitão Oliveira Mesquita, promotor publico da comarca. (A FEDERAÇÃO, ano XLIX, nº 129, 07 de junho de 1932, p.1).

Oliveira Mesquita permaneceu em São Borja como promotor público durante cinco anos, quando em janeiro de 1933, pediu transferência para Cachoeira/RS. Desta vez seus amigos aceitaram a transferência e lhe ofereceram um jantar de despedida. O jornal *A Federação* publicou nota relatando a decisão de Pedro Mesquita, com o título de “Capitão Oliveira Mesquita”. Diz a nota:

Acaba de ser removido para Cachoeira, a seu pedido, o nosso talentoso colega de imprensa capitão Pedro Sales de Oliveira Mesquita, operoso promotor publico desta comarca, que aqui exerceu esse cargo durante cinco anos.

A noticia da partida de São Borja do capitão Oliveira Mesquita, ecoou pesarosamente em nossa terra. É porque o mesmo dotado de excelentes qualidades e de formoso espirito se fez estimado de todos durante o tempo em que comnosco conviveu.

Promovido pelo funcionalismo foro e da Prefeitura Municipal e por um grupo de amigos e admiradores, realizar-se-a segunda-feira vindoura, no Elite Club, um jantar de despedida oferecido ao capitão Oliveira Mesquita. Falará em nome dos homenageantes o coronel Viriato D. Vargas, membro da Comissão Diretora do Partido Liberal de São Borja e advogado nesta cidade. (A FEDERAÇÃO, ano L ,nº 14, 16 de janeiro de 1933. p. 2).

Ao exercer o cargo de Promotor Público, Pedro Mesquita que dominava a oratória e estava acostumado com plateias, conseguiu em 1933 a autorização da Ordem dos Advogados para atuar como advogado no estado do Rio Grande do Sul. Em 22 de maio de 1933 a Ordem dos Advogados após a reunião do Conselho resolve conceder a inscrição a Pedro Mesquita para que o mesmo exercesse a profissão de advogado; mesmo sem ter cursado a Faculdade de Direito ele consegue sua inscrição na Ordem. Porém, Pedro Mesquita só exerceu a advocacia após 1941 quando se aposentou como Promotor Público.

Segue o recorte da nota que trazia além do nome de Pedro Mesquita, também vários outros que conseguiram a inscrição.

Esteve reunido em sessão no ultimo sábado o Conselho da Ordem dos Advogados, que adotou as seguintes resoluções:

[...] Conceder inscrição no Quadro, com direito ao exercicio da profissão no Rio Grande do Sul, e sem tomar parte das assembleias da Ordem, aos não diplomados; antes inscritos no Superior Tribunal, [...] Pedro Sales de Oliveira Mesquita. (A FEDERAÇÃO, Ano L, nº 119, 22 de maio de 1933, p. 4).

A amizade com Getúlio Vargas chegou ao fim quando Pedro Mesquita decidiu apoiar o general Flores da Cunha desafeto de Getúlio Vargas. Pedro em uma pequena nota esclareceu de que lado estava. A nota publicada no jornal dizia:

Santa Maria, 20.

Exmo. general dr. Flores da Cunha – Gloria e saude!

Creio ser desnecessario reafirmar que, agora como sempre, estou no meu posto, isto é, com o meu prezado amigo e invencivel chefe, o que vale dizer, com o Rio Grande. Não me poderão chamar nem de ingrato, nem de desleal.

A divida de gratidão que eu tinha com o dr. Getulio Vargas, paguei-a com juros bem altos, lutando, de armas na mão, contra minha terra, contra os meus próprios irmãos, em 32. Deus e eu sabemos de que tamanho foi esse sacrificio! – Pedro Sales de Oliveira Mesquita. (A FEDERAÇÃO, ano LIV, nº 98, 29 de abril de 1937, p. 7).

Embora o apoio a Flores da Cunha, provavelmente não tivesse o propósito de benefícios financeiros, o certo é que Pedro Mesquita em 07 de agosto de 1937 recebeu uma gratificação de 15% sobre o seu salário. Segue o ato de concessão do benefício,

Acto n. 587, de 6 de Agosto de 1937

Concede gratificação addicional.

O Governador do Estado do Rio Grande do Sul, de conformidade com o art. 150 da Lei n. 711, de 23 de janeiro ultimo, resolve conceder a gratificação addicional de 15% dos vencimentos, a contar da data da referida lei, ao promotor da comarca de Santa Maria, cidadão Pedro Sales de Oliveira Mesquita.

Façam-se as necessarias comunicações.

Palacio do Governo, em Porto Alegre, 6 de Agosto de 1937.

José Antonio Flores da Cunha

Darcy Azambuja (A FEDERAÇÃO, ano LIV, nº 178, 07 de agosto de 1937, p. 5).

No site do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS) encontram-se documentos e um fragmento do jornal *A Razão* que foi anexado ao processo de um caso emblemático, foi o episódio em que Pedro Mesquita se viu

envolvido em uma contenda que lhe rendeu um processo por parte do juiz municipal sr. Rubem Pinto Lima que se sentira ofendido com as palavras de Oliveira Mesquita. O fato aconteceu em 18 de fevereiro de 1938 em Santa Maria. Pedro iria participar de um festival que seria também apresentado e assistido por crianças. Por serem menores de idade e pelo festival acontecer às 21 horas, acontece que minutos antes do espetáculo iniciar, o juiz Rubem Pinto de Lima enviou um comunicado proibindo o evento, conforme a reportagem do jornal *A Razão* noticiou:

Essa festa se resumia na representação de um programa literario, canções, bailados e numeros de musica.

[...] Pouco antes das 21 horas, quando o recinto se encontrava completamente tomado por uma assistencia seleta e distitnta, o dr. R. Pinto Lima, juiz municipal da cidade, resolve, contra todas as expectativas, proibir a realização do espetáculo.

Para isso aquela autoridade valeu-se de praças da Brigada Militar, que entregaram aos diretores do festival a seguinte ordem do dr. Rubem Pinto Lima:

“Ilmo. sr. Presidente do Centro Academico. Mandado. Comunico-vos sob as penas da lei, que este juízo, resolve proibir o espetaculo a realizar-se hoje no Cinema Imperial desta cidade, visto o mesmo estar infringindo os dispositivos legais do Codigo de Menores, artigo 128 e 2º e 3º. O que mando que se cumpra. Em 18/2/38 – Rubem Pinto Lima”. (ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, 2017).

Dizia o jornal na edição do dia 19 de fevereiro de 1938 que inúmeras pessoas se encaminharam à redação do jornal *A Razão* para protestar contra a decisão do juiz. Procuraram a redação do jornal “senhoras, senhoritas, cavalheiros e academicos, todos unanimes em reprovar a atitude daquela autoridade”. Entre os reclamantes estava Pedro Mesquita que inconformado com tal atitude, pois ele era um dos animadores do evento, provavelmente sentindo-se desprestigiado pelo colega, fez uma declaração ao jornal que lhe rendeu um processo. O jornal *A Razão* publicou a seguinte nota:

ENERGICO PROTESTO DO PROMOTOR PUBLICO

Falando á reportagem o capitão Oliveira Mesquita fez as seguintes declarações:

- O gesto do dr. Rubem Pinto insultando, como **insultou**, a sociedade de Santa Maria não tem qualificativos. Eu, como seu colega nas lides da Justiça, me sinto profundamente envergonhado”. (ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, 2017).

Diante de tal protesto o juiz municipal Rubem Pinto Lima processou Pedro Mesquita. Não foi encontrado o resultado desse processo; se foi favorável ou desfavorável a Pedro. Porém, o certo é que dois anos depois ele solicita sua aposentadoria alegando que diante da necessidade de que o cargo de promotor fosse ocupado por bacharel em Direito; não tendo ele formação acadêmica e nem mesmo intenção em tê-lo, solicita sua aposentadoria.

Segundo Vianna (2013), às vésperas da realização de um concurso público para promotores no Rio Grande do Sul, Pedro Mesquita que não se enquadrava na exigência do Código de Organização Judiciária do Estado, publicado em 1940, encaminhou ao Procurador-Geral do Estado uma solicitação de aposentadoria onde apresentava seus motivos. Dizia a carta:

Traz-me à sua presença o seguinte: como é do conhecimento de V. Exa. em face da Nova Organização Judiciária do Estado, serei forçado a deixar o meu cargo, logo se inicie o concurso para os promotores. Não sendo diplomado e tendo mais de 30 anos de idade pois conto 48, não poderei concurso e terei que me resignado com a sorte que me espera. Embora triste por deixar de uma posição tão ao feitio do meu espírito de estudioso do Direito e amante da boa sociedade não levarei ressentimento contra quer que seja ao deixá-la. A vida é tal qual um moinho de vento; anda, desanda e torna a andar. Depois, quando se vai descendo a montanha da vida, aprende-se ver melhor as coisas. Sem diploma de bacharel em Direito, embora estudioso e honesto, [vivendos] que me orgulho de possuir a minha situação na promotoria seria mesmo insustentável; jamais poderá honrar-me com aqueles que passaram pela Academia e receberam dos Mestres os conhecimentos necessários e que hoje honram o MP do Rio Grande com o lustre invejável do seu saber. Eu continuaria como um ramo pobre e infecundo numa floresta magnífica, pletórica de seiva e de beleza. (VIANNA, 2013, p. 147).

De acordo com Vianna (2013, p. 163), “Pedro Sales Mesquita de Oliveira, promotor público de Santa Maria apresentava —modesta capacidade profissional, embora fosse uma personalidade magnética, dotado de qualidades superiores de oratória”.

Nesse contexto, Dutra (2001, p.3)⁷¹ diz que:

A atuação do Dr. Oliveira Mesquita como promotor público de Santa Maria, nomeado igualmente por critério político, em meados da década de 30, merece um registro especial.

⁷¹ Depoimento de Paulo Moraes Dutra Procurador de Justiça aposentado do Ministério Público do Estado do Rio Grande do Sul, ao Projeto Memória do MP gaúcho coordenado pelo Dr. Ricardo Vaz Seelig.

Era uma pessoa extremamente simpática e comunicativa, tendo o condão mágico de fazer amigos.

E como possuía grande facilidade e desembaraço para falar em público, ficou sendo, na sociedade santa-mariense, orador oficial de todos os eventos sociais, principalmente nos bailes de gala que naquela época estavam muito em moda.

Vem daí que, lá pelas tantas, o presidente do clube ou alguém por ele, fazendo parar a música, anunciava, em meio ao silêncio que então se fazia: “Com a palavra o Dr. Promotor Público para uma saudação”. E o Dr. Oliveira Mesquita, com o brilho de sempre, improvisava sob uma chuva de palmas, recheando seu discurso com fartos poemas de sua autoria.

Uma figura folclórica. Para comprová-lo, basta lembrar o fato de ter dado a seu único filho, hoje general reformado, o nome de Paulo Gaúcho Leal de Oliveira Mesquita. Imagine-se o constrangimento do rapaz, em meio à “gozação” dos colegas quando nos exercícios de grupamento, na academia militar, acudindo ao pregão do monitor, tinha de declinar seu quilométrico nome...

Depois de figurar com destaque durante muitos anos nas páginas do jornal *A Razão*, que se editava naquela cidade, nunca mais se ouviu falar no carismático Dr. Oliveira Mesquita. Perdeu-se nas brumas do tempo.

Pedro deixou o cargo de Promotor Público, mas não abandonou a vida pública; atuou como advogado e continuava a colecionar amigos e admiradores.

Encontra-se no jornal *O Momento* publicado em Caxias/RS, uma nota relatando a visita que Pedro Mesquita fez a Caxias por ocasião de suas férias e de que o mesmo recebeu um convite de seus amigos para que realizasse uma palestra. Pode-se observar na nota que o jornal em poucas palavras fez um resumo das atividades que ele desenvolvia: “exerce a profissão de advogado, emerito jornalista e conhecido homem de letras”, esta última referindo-se a ele como professor e poeta. Também ficou claro na nota que a presença de Oliveira Mesquita, mesmo em férias, não poderia deixar de ser aproveitada. Verifica-se também que, conforme diz o jornal, ele estava hospedado em um hotel da cidade e que “tem sido muito visitado”. Segue a nota do jornal:

Cap. Oliveira Mesquita

Procedente de Sta. Maria onde exerce a profissão de advogado, emerito jornalista e conhecido homem de letras, continua entre nós em estação de veraneio, o presado colega de imprensa, cap. Oliveira Mesquita, acompanhado de sua exma família.

O ilustre visitante que é representante do ministério público aposentado, hospeda-se no Hotel Menegotto, onde tem sido muito visitado.

Sabemos que a convite da direção do Centro Tobias Barreto de Menezes, o poeta e escritor santa-mariense que conta nesta cidade

com um grupo de velhos amigos, realizará naquele Centro uma palestra dedicada aos seus associados. (O MOMENTO, ano XII, nº 569, 19 de fevereiro de 1944, p. 4).

Ainda no jornal *O Momento* encontra-se um texto de Pedro Mesquita denominado “E seja o que Deus quizer!...” onde ele comenta a situação da Segunda Guerra Mundial, fazendo duras críticas a Adolfo Hitler, Mussolini e ao Imperador japonês que ele chamava de “a víbora nipônica”. Nesse texto ele conclamava aos brasileiros a “defender o Brasil em qualquer terreno”, pois segundo ele “esta terra tem dono!”. Segue o referido texto:

E Seja O Que Deus Quizer!...

(Especial para “O Momento”)

Soôu a hora propícia de se fazer ouvir o toque de clarim conclamando todos os espíritos para a batalha campal da liberdade contra a tirania da luz contra as trevas, da Justiça contra o arbitrio, do homem contra o monstro!

A fogueira que o espirito satânico de Adolfo Hitler e a ambição desmedida desse Néro caricato que é Benito Mussolini, de parceria com a víbora nipônica, acenderam na Europa, se vae alastrando pelo mundo inteiro.

Não fosse terem os Estados Unidos acordado a tempo, o Brasil, como toda a América, já estaria envolto em chamas do tremendo incendio. As **hienas nazi-nipo-fascista** já se estavam lambendo com a possível conquista do continente americano. A terra da liberdade e da fartura parecia-lhes presa fácil. Depois, eles tinham os seus incondicionais “servidores...”. Os agentes do **Eixo** polulavam entre nós como larvas malditas, destilando veneno, conquistando adetos, comprando consciências. Tudo conseguiam com dinheiro e com lábia... E, como o oíro tem força e atração magnética, não eram só estrangeiros que se entregavam a tarefa de captar simpatias para os **nazi-nipo-facismo**. Até brasileiro de alma suja se prestaram ao sórdido papel de traidores da Pátria, ajudando moral e materialmente os inimigos do Brasil e da América.

Foi preciso que os altos poderes da República, de mãos dadas com o povo, se levantassem e iniciassem a campanha patriótica de caça ao quinta **colunismo despudorado** despudorado, para que o monstro de mil olhos, diminuísse os seus bôtes, escondendo as suas garras. Mas não se pense, nem por brincado, que ele esteja morto! Está oculto, apenas. De vês em quando ele reaparece, à sorrelfa, procurando atrapalhar e mesmo anular a ação dos que têm a coragem de combatê-lo. Mete-se nas altas camadas e, sorrateiramente, intriga, mente, enleia, baralha. Insinua perfídias as mais infames contra verdadeiros patriotas. E, como sabe agir com diabólica inteligência, muitas vezes consegue vitórias na sombra.

Nós, os brasileiros, temos um dever a cumprir: defender o Brasil em qualquer terreno. Esta terra tem dono! E seja o que Deus quizer! Oliveira Mesquita (O MOMENTO, ano XII, nº 569, 19 de fevereiro de 1944, p. 4).

Pedro Mesquita além de exercer a advocacia em Santa Maria/RS, também escrevia para o jornal *A Razão* dessa cidade, conforme atesta a nota publicada em 26 de fevereiro de 1944 no jornal *O Momento*. A atividade de jornalista que teve início ainda na sua juventude quando colaborava com o *O Operário* de Sorocaba permaneceu com ele durante toda a sua vida, como já dito, foi poeta, professor, diretor de escolas, promotor público, advogado e o jornalismo conviveu com todas essas atividades.

Cap. Oliveira Mesquita

Após um período de repouso nesta cidade, seguiu a Porto Alegre em trânsito para Santa Maria, o ilustre homem de letras e colega de imprensa Capitão Oliveira Mesquita, colaborador da “A Razão” de Sta. Maria, órgão dos “Diários Associados”. Por motivo de seu regresso àquela cidade fronteiriça, o sr. Luiz Napolitano, diretor da Sucursal do “Diário de Notícias”, ofereceu uma taça de champagne ao distinto confrade. (O MOMENTO, ano XII, nº 570, 26 de fevereiro de 1944, p. 2).

Em um depoimento à Revista do Ministério Público Gaúcho, Pedro Mesquita resumiu em poucas linhas sua participação nas Revoluções que assolaram o sul do país nos anos de 1923, 1930 e 1932 nas quais teve intensa e efetiva participação. Nesse breve relato, Pedro dizia que:

Foram doze anos de lutas cruentas e amargas. Os dissabores foram sem conta. Ainda trago n'alma as cicatrizes recebidas no fragor das pelejas. É que eu servi nas comarcas mais agitadas e perigosas do Estado, num tempo em que o pobre representante do MP não passava de um mísero joguete dos poderes de então. Dificílimo era servir a senhora d. Política sem desservir a Justiça. (...) Eu confesso. Servi o meu partido com lealdade e dedicação nos campos sangrentos da luta para defender a minha bandeira partidária e o meu pão, mas nunca deixei apagar no meu espírito a flâmula sagrada do meu amor à Justiça e ao Direito. (REVISTA do MP, nº10, mar. 1944, p.160 in VIANNA, 2013, p. 162).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisando a vida de Pedro Salles de Oliveira Mesquita, percebe-se que sua atuação junto ao operariado em Sorocaba, sua participação na redação do jornal *O Operario* e a aproximação com o movimento Anarquista, principalmente seu contato com as ideias de Francisco Ferrer, fundamentadas na Escola Moderna, todos esses elementos vividos e vivenciados por ele, enquanto jovem, reverberaram em sua vida adulta.

Sua preocupação com os mais necessitados, já formado pelo convívio familiar que lhe deram essa base, e fortalecido nas lutas que participou e presenciou nas ruas de Sorocaba, sua atuação em escolas como professor e diretor, além de exercer o cargo de Promotor Público no sul do país, lhe deram a condição necessária para advogar e ser reconhecido pela Ordem dos Advogados como um profissional do direito, revelando assim que os redatores do *O Operario* ao acusarem Pedro Mesquita de ter pretensões políticas não estavam de todo errados, porém não lhe deram o devido crédito, diziam eles: “Aconselhamo-o que embora seja muito alto de estatura o seu corpo não foi talhado para ser deputado”.(O OPERARIO. Sorocaba, ano IV, n. 165, 12 jan. 1913, p. 2, in CARVALHO (Org.), 2007, p. 547).

A versatilidade em escrever para diversos periódicos, iniciada nos tímidos traços no jornal *O Operario*, depois sacramentada na condição de Editor Chefe do jornal *Diario de Sorocaba*, passando pelos jornais de Itu e diversos outros jornais no Rio Grande do Sul, lhe deram subsídios necessários para se firmar como jornalista.

Do contato com as ideias Anarquistas promulgadas pela metodologia da Escola Moderna, e o uso de metodologias que também atendiam ao ideário republicano o firmaram como professor e diretor de escolas em diversas localidades. Sua metodologia de ensino fundamentada na efetiva participação dos alunos na construção do conhecimento, na emancipação do ser e na busca constante do aprimoramento, permearam sua carreira de docente.

Pedro Mesquita foi com certeza uma figura singular e antológica, que ficou adormecido nas velhas páginas dos jornais, despertando a curiosidade e a emoção de quem o pesquisa, homem de extraordinária facilidade de comunicação, envolvente, carismático e ao mesmo tempo emblemático, pois sua trajetória foi marcada por diversos desvios de rumo. Iniciou como partidário das ideias Anarquistas, bebeu de seus ensinamentos, envolveu-se com seus propósitos. Porém em algum momento resolveu seguir novo rumo, onde no Rio Grande do Sul lutou contra a Coluna Prestes

que justamente defendia a soberania dos proletários ante a hostilidade do Estado. Pode ser que Pedro Mesquita, não tenha abandonado totalmente seus ideais traçados na sua juventude, mas ele provavelmente tenha mudado o método para alcançá-los. Antes defendia a luta contra o Estado e os Burgueses, em sua nova trajetória continuou lutando pela educação proletária e pela defesa dos mais necessitados, porém, aliando-se ao Estado e aos Burgueses, tornando sua luta mais amena.

Pedro Salles de Oliveira Mesquita concorreu nas eleições municipais de 1947 ao cargo de vereador em Santa Maria pela UDN – União Democrática Nacional, porém não conseguiu se eleger.

Rememorando a briga que Pedro Mesquita teve com os redatores do jornal *O Operario* quando ainda morava em Sorocaba/SP, Pedro foi acusado de não ser um redator preocupado com o pobres e sim ter pretensões políticas, teriam os redatores do jornal sorocabano razão em suas acusações ou a vida encaminhou Pedro para a vida pública e os meandros da política?

Em represália

Lendo a *Cidade de Sorocaba* de 27 do corrente, deparamos com um artiguete, na secção paga do mesmo, da lavra do Snr. Pedro Mesquita, ao qual não podemos deixar de dar a necessária resposta.

A declaração do Sr. Mesquita não tem valor algum, porquanto ella representa não uma despedida da nossa redacção, mas sim um insulto próprio de quem não reflecte aquillo que fez.

A sua pouca idade provavelmente é o movel de tudo isso.

O nobre operariado de Sorocaba que não se illuda com as promessas do Sr. Mesquita, pois, si se illudirem, não se queixam depois do que lhe possa resultar.

Trabalhamos em uma folha de combate em pról dos opprimidos e nesse posto temo-nos mantido e havemos de vencer, custe o que custar.

Quanto ao apparecimento de mais um novo collega, seja bem vindo! Mas os valentes companheiros não poderão sustental-o, **porque com certeza o seu redactor é antes um verdadeiro chefe politico e não um defensor da classe operaria, como se intitula, o que podemos provar com artigos da sua lavra que temos em nosso poder e motivaram a sua retirada do “Operario”**⁷².

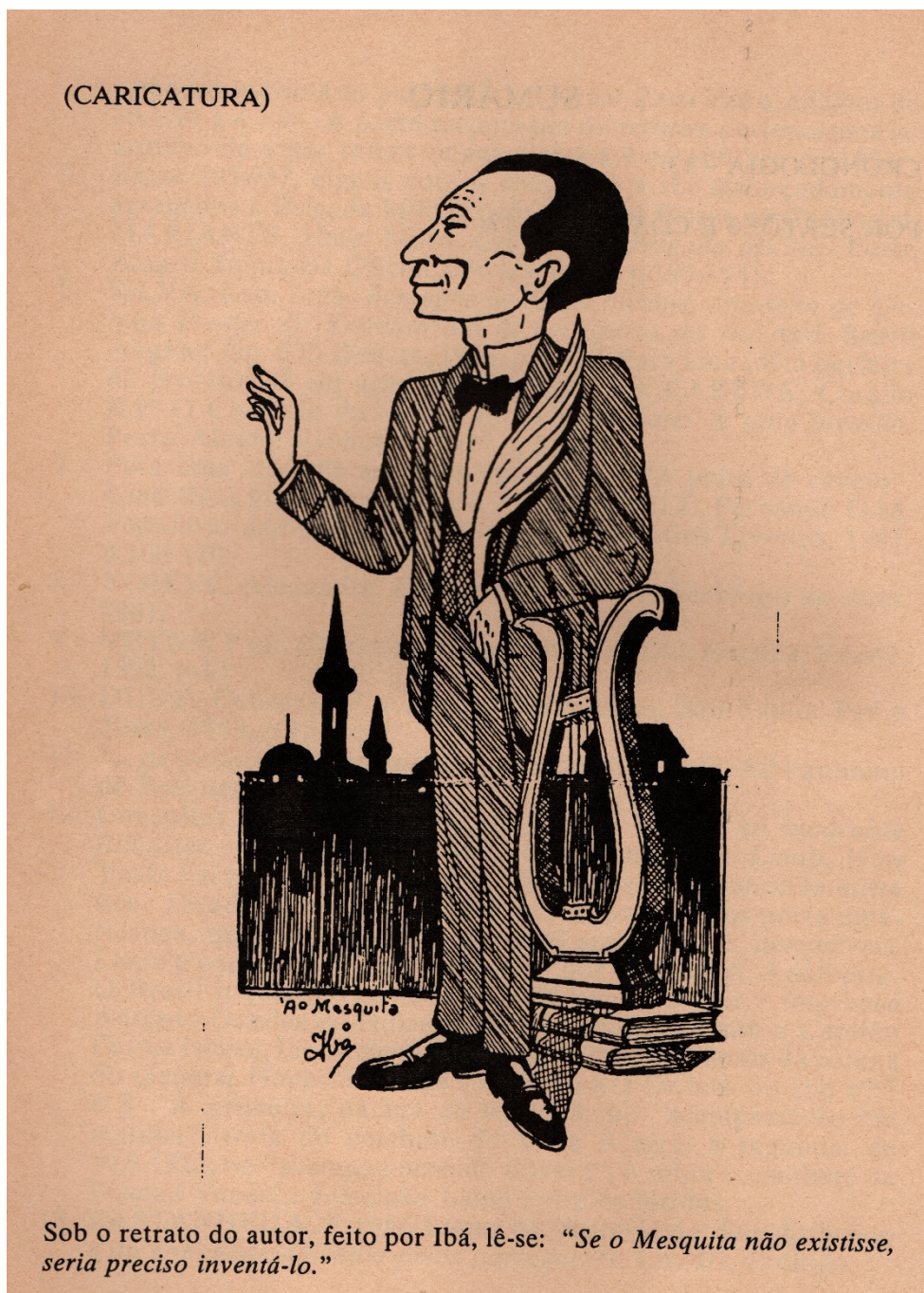
Ahi fica pois, a nossa primeira e unica Resposta. A Redacção. (O OPERARIO. Sorocaba, ano III, n. 139, 30 jun. 1912, p. 2, in CARVALHO (Org.), 2007, p. 468).

Tais acusações verdadeiras ou não, o certo é que a vida de Pedro Mesquita relatada nesta biografia pode ser resumida na frase que o artista *Ibá* escreveu sob a

⁷² Grifo do autor desta tese.

caricatura de Oliveira Mesquita conforme Imagem 9: “Se o Mesquita não existisse, seria preciso inventá-lo”. (MESQUITA, 1994, p. 12).

Imagem 9– Caricatura de Pedro Mesquita.



Fonte: Mesquita (1994, p. 12).

Pedro Salles de Oliveira Mesquita morreu aos 58 anos em 23 de agosto de 1951 em Santa Maria/RS, cidade em que morou durante boa parte de sua vida. Em 1954, para homenagear Pedro Mesquita, a Câmara Municipal de Santa Maria aprovou

por unanimidade o projeto do vereador Moacyr Santana que nomeava a avenida central da vila Salgado Filho com o nome de Avenida “Oliveira Mesquita”, justa homenagem. Segue na íntegra a Lei:

LEI Nº 372/1954

DÁ O NOME DE OLIVEIRA MESQUITA À AVENIDA CENTRAL DA VILA "SALGADO FILHO".

HEITOR SILVEIRA CAMPOS, Prefeito Municipal de Santa Maria. Faço Saber, na conformidade do que estabelece o art. 49, inciso II, da Lei Orgânica do Município, que a Câmara de Vereadores aprovou e Eu sanciono e promulgo a seguinte, LEI:

Art. 1º Fica denominada OLIVEIRA MESQUITA a avenida central da Vila "Salgado Filho", que corta esse bairro no sentido leste-oeste, partindo da Estrada do Matadouro até encontrar o pontilhão que a liga à rua Castro Alves.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Gabinete do Prefeito Municipal, em Santa Maria, aos seis (06) dias do mês de setembro do ano de mil novecentos e cinquenta e quatro (1954).

HEITOR SILVEIRA CAMPOS

Prefeito Municipal

([https://www.camara-](https://www.camara-sm.rs.gov.br/camara/proposicao/pesquisalegislação/1954/1/0/5595#lista_texto_proposicao)

[sm.rs.gov.br/camara/proposicao/pesquisalegislação/1954/1/0/5595#lista_texto_proposicao](https://www.camara-sm.rs.gov.br/camara/proposicao/pesquisalegislação/1954/1/0/5595#lista_texto_proposicao))

Em nota de O'Donnell (*in* MESQUITA, 1994, p. 15) o escritor diz ainda sobre Pedro Salles de Oliveira Mesquita que:

No farto material de seu arquivo, encontram-se ainda referências de sua atividade como declamador, orador, teatrólogo, conferencista, esportista, líder católico, professor, ecologista, desbravador, viajante comercial da Empresa Editoria Riograndense, incentivador de entidades pias, grupos de escoteiros, artísticos e literários, teatros e grupos dramáticos, grêmios literários, etc., além de assíduo colaborador de jornais como *A Luz*⁷³, *A Voz Operária*⁷⁴, *O Diário de Sorocaba*, *Cidade de Minas*, *Diário do Interior* de Santa Maria, *Diário*

⁷³ Provavelmente era o Jornal espírita *O Clarim da Luz*, onde *O Operário* era impresso.

⁷⁴ O nome correto do jornal é *O Operário*.

do Estado, A Razão, Missões de São Luís, Uruguai de São Borja, Jornal do Povo de Cachoeira, etc.

Enfim uma vida profícua e recheada de histórias e poemas, que em parte ficaram registrados nesta singela biografia de uma grande personalidade.

REFERÊNCIAS

ABRÃO, Janete. **Pesquisa & História**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

ABREU, Alzira Alves de. **Dicionário histórico-biográfico da Primeira República** [Recurso eletrônico]: 1889-1930. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 2015.

ALMEIDA, Aluísio de. **História de Sorocaba para crianças**. Itu, SP: Ottoni Editora, 2001.

ALMEIDA, Jane Soares de. **A formação de professores em São Paulo: (1846-1996): a prática de ensino em questão**. Campinas, SP: Autores Associados, 2016.

_____. **Mulher e Educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998.

ANUÁRIO do Ensino do Estado de São Paulo. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio_digital/anuarios_ensino> Acesso em: 10 abr. 2016.

ARANZANDI, Dionisio; GINER, Carlos. **Uma escola social: manual de formação para a juventude**. Belo Horizonte: Edições Loyola, 1962.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação**. São Paulo: Moderna, 1996.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Disponível em: <<http://www.apers.rs.gov.br/portal/index.php?>> Acesso em: 20 nov. 2017.

AZEVEDO, Fernando de. **A Cultura Brasileira**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Brasília: Editora UnB, 1996.

A ESCOLA Moderna. Disponível em: < <http://www.ferrerguardia.org/es/la-escuela-moderna>>. Acesso em: 02 set. 2018.

BELLO, Rui de Ayres. **Pequena História da Educação**. São Paulo: Editora do Brasil, 1969.

BOSCHETTI, Vania Regina. **O velho Jornal: voz dos anseios socioeducativos em Sorocaba**. Revista Série Estudos. Campo Grande, MS, n. 37, p. 295-307, jan./jun. 2014.

BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. **As escolas históricas**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

CALONGA, Mauricio Dantielly. O jornal e suas representações: objeto ou fonte de história?. **Comunicação & Mercado**. Unigran. Dourados/MS, vol. 01, n. 02 – edição especial, p. 79-87, nov 2012.

CARVALHO, Rogério Lopes Pinheiro de. **Fisionomia da Cidade**: Cotidiano e Transformações Urbanas 1890-1943. São Paulo: Biblioteca 24 horas, 2010.

CARMO, Jefferson Carriello do; BROSTOLIN, Marta Regina; SOUZA, Neimar Machado de. (Orgs.). **Instituição escolar na diversidade**: políticas, formação e práticas pedagógicas. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2014.

CAVALHEIRO, Carlos Carvalho. **Memória operária**. Sorocaba, SP: Creart Editora, 2009.

_____. **Salvadora!** Sorocaba, SP: Linc, 2001

CORRÊA, Nereu. **Democracia, Educação e Liberdade**. Rio de Janeiro: Edições do Val, 1965.

DINIZ, Rodolfo Ernesto da Silva. **A evolução territorial do Município de Sorocaba**. Sorocaba, SP: Linc, 2002.

DOSSE, François. **O Desafio Biográfico**: Escrever uma Vida. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

DUTRA, Paulo Moraes. Depoimento ao Projeto Memória do Ministério Público do Estado do Rio Grande do Sul, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar**: O minidicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

GALLO, Sílvio. **Francisco Ferrer Guardia**: o mártir da Escola Moderna. Journal SciELO Analytics, Pro-Posições, On-line version ISSN 1980-6248. Pro-Posições vol.24 no.2 Campinas May/Aug. 2013.

GOMES, Laurentino. **1889**: como um imperador cansado, um marechal vaidoso e um professor injustiçado contribuíram para o fim da Monarquia e a Proclamação da República no Brasil. São Paulo: Globo, 2013.

LEROY, Gilbert. **O diálogo em educação**. São Paulo: Editora Nacional, 1975.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História**: novos problemas. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

LOBO, Eulalia Maria Lahmeyer (et al.) Evolução dos preços e do padrão de vida no Rio de Janeiro, 1820-1930 - resultados preliminares. **Revista Brasileira de Economia**, Rio de Janeiro, 25 (4) :235/265, out./dez. 1971.

LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Demerval; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. (Orgs.). **A escola pública no Brasil**: história e historiografia. Campinas, SP: Autores Associados: Histedbr, 2005.

MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello; XAVIER, Libânia Nacif (Orgs.). **Impressos e história da educação**: usos e destinos. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

MESQUITA, Pedro Salles de Oliveira. **Por sertões e coxilhas**. Porto Alegre: IEL, 1994.

MORAES, José Geraldo Vinci de. **Caminhos das civilizações** – História integrada: Geral e do Brasil. São Paulo: Atual, 1998.

MOREIRA, Regina da Luz. **Revolução Gaúcha de 1923**. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/REVOLU%C3%87%C3%83O%20GA%C3%9ACHA%20DE%201923.pdf>>. Acesso em: 02 set. 2018.

NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na Primeira República**. São Paulo, EPU; Rio de Janeiro, Fundação Nacional de Material Escolar, 1974, 1976.

NARDY FILHO, Francisco. **A Cidade de Itu: crônicas históricas**. 3. ed. Volume 3. Itu: Ottoni Editora, 2006.

_____. **A Cidade de Itu: crônicas históricas**. 2. ed. Volume 5. Itu: Ottoni Editora, 2006.

NASCIMENTO, Maria Isabel Moura (et al.), (Orgs). **Instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica**. Campinas, SP: Autores Associados: Histedbr; Sorocaba, SP: Uniso; Ponta Grossa, PR: UEPG, 2007.

NETO, Adalberto Coutinho de Araújo. **Sorocaba operária: ensaio sobre o início do movimento operário em Sorocaba, 1897-1920**. Sorocaba, SP: Create, 2005.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

PEDROSA, José Geraldo. A atuação de Robert Auguste Edmond Mange (1885-1955) na constituição e na instituição do novo Ensino industrial brasileiro nos anos 1930 e 1940. **Revista Educação & Tecnologia**, Belo Horizonte, v. 19, n. 2, p. 47-58, mai./ago. 2014.

VALENTE, Marcélia Picanço. **IMPRENSA E EDUCAÇÃO: REGISTRO DA ESCRITA FEMININA NO JORNAL O OPERARIO (1909-1913)**. 25 fev. 2014. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP.

PEREIRA, Luiz; FORACCHI, Marialice Mencarini. **Educação e sociedade: leituras de sociologia da educação**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973.

PILETTI, Nelson; PILETTI, Claudino. **História da educação**. São Paulo: Editora Ática, 1991.

PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2015.

QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2018.

RIBEIRO, Maria Luísa Santos. **História da educação brasileira**: a organização escolar. São Paulo: Cortez & Moraes. 1979.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. História da saúde mental infantil: a criança brasileira da Colônia à República Velha. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 1, p. 29-38, jan./abr. 2006.

SAVIANI, Demerval (et al.). **O legado educacional do século XIX**. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

_____. **O legado educacional do século XX**. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto**: triste visionário. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

_____. **A construção nacional: 1830-1889**/ História do Brasil Nação: 1808-2010, Volume 2. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

_____. **A abertura para o mundo: 1889-1930**/ História do Brasil Nação: 1808-2010, Volume 3. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

SILVA, Ivanilson Bezerra da. **A cidade, a Igreja e a Escola**: relações de poder entre maçons e presbiterianos em Sorocaba na segunda metade do século XIX. 2010. 273 f. Dissertação (Mestrado em História da Educação e Historiografia) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SILVA, Maria Vieira da. (Org.). **Almanach de Sorocaba para 1903**. Ed. fac-similar. Taquarituba, SP: Nassib Stefano, 2007.

_____. **Almanach de Sorocaba para 1904**. Ed. fac-similar. Taquarituba, SP: Nassib Stefano, 2007.

SILVA, Raquel Padilha. A instrução no Império e no Rio Grande do Sul. Biblos, Rio Grande, 19: 83-94, 2006 - http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/06/pdf_5dfef891b2_0010995.pdf

SOUZA, Rosa Fátima de. **O direito à educação**: lutas populares pela escola em Campinas. Campinas, SP: Editora Unicamp: Área de Publicações CMU/Unicamp, 1998.

TOBIAS, José Antônio. **História da educação brasileira**. São Paulo: IBRASA, 1986.

VIANNA, Marcelo. **Os Homens do Parquet**: trajetórias e processo de institucionalização do Ministério Público do Estado do Rio Grande do Sul (1930-1964). Porto Alegre: Editora Memorial do Ministério Público, 2013.

VILAS-BOAS, Sérgio. **Biografias e biógrafos**: jornalismo sobre personagens. São Paulo: Summus, 2002.

VOTORANTIM 85 anos: uma história de vida e trabalho. São Paulo: Votorantim: Museu da Pessoa, 2003. (Vol. 1).

VOTORANTIM para mim: 30 vencedores do concurso interno de histórias: 1918-2003. São Paulo: Votorantim: Museu da Pessoa, 2003. (Vol. 2).

WOODCOCK, George. **Anarquismo**: Uma história das idéias e movimentos libertários. Vol. 2. O movimento. Porto Alegre, RS: L&PM Editores, 1984.

Jornais:

A Cidade de Ytú. Disponível em:

<<http://obrasraras.sibi.usp.br/xmlui/handle/123456789/5722>> Acesso em: 20 mai. 2017.

A Federação (Itú). Disponível em:

<<http://www.obrasraras.usp.br/xmlui/handle/123456789/8513>>. Acesso em: 30 mai. 2017.

A Federação (RS). Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=388653>>. Acesso em: 15 set. 2017.

A Rua. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=827797&pesq=>>. Acesso em: 18 dez. 2018.

Correio Paulistano. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/correio-paulistano/090972>>. Acesso em: 25 mai. 2017.

Cruzeiro do Sul. Disponível em: <<http://memoria.cruzeirosul.inf.br/>>. Acesso em: 10 mai. 2017.

Diário de Sorocaba. Gabinete de leitura de Sorocaba.

O 15 de Novembro. Gabinete de leitura de Sorocaba.

O Centenario. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=409820&pesq=>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

O Malho. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=116300&pesq=>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

O Momento (RS). Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=104523&pesq=>>. Acesso em: 02 jan. 2019.

O Operário. Gabinete de leitura de Sorocaba.

O Tico Tico – Jornal das Crianças. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=153079&pesq=>>. Acesso em: 26 dez. 2018.

O Janota. Gabinete de leitura de Sorocaba.

O Veneno. Disponível em:

<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio_digital/jornais_revistas>
Acesso em: 20 mai. 2017

Revistas:

Revista A Noite Ilustrada. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=120588&pesq=>>. Acesso em: 26 dez. 2018.

Revista Vida Doméstica (RJ). Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=830305&pesq=>>. Acesso em: 27 dez. 2017.

Revista Mascara. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=174181&pesq=>>. Acesso em: 26 dez. 2018.

Revista da Semana. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=025909&pesq=>>. Acesso em: 26 dez. 2018.

Revista Fon Fon. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=259063&pesq=>>. Acesso em: 27 dez. 2018.

Revista O Cruzeiro (RJ). (Este material é detentor do direito autoral, patrimonial e moral, com base nos incisos do art. 7º da Lei n. 9.279 de 1996 (LPI) e artigo 5º, inciso XXIX, da Constituição de 1988. Uso indevido está sujeito a indenizações. Para reproduzi-lo entre em contato com dapress@dabr.com.br ou pelos telefones +55 61 3214-1582/3214-1584/3214-1568). Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=003581&pesq=>>. Acesso em: 02 jan. 2019.

APÊNDICE

Retratos de uma vida: Reminiscências (1926 – 1951)

Este apêndice é uma coletânea de fotografias em vários momentos da vida do biografado Pedro Salles de Oliveira Mesquita. São retratos que o mesmo enviou aos jornais e que nos mostram um pouco mais da vida desse personagem. Abaixo de cada fotografia reproduz-se o texto que acompanha no jornal ou revista.

Imagem 10– Pedro Mesquita e seu filho Paulo Gaúcho com 5 anos de idade em 1926.



Fonte: O Tico Tico⁷⁵: Jornal das Crianças (RJ), ano XXI, nº 1094, 22 de setembro de 1926. p. 11.

“O pequeno Paulo Gaúcho e seu pae, Cap. Oliveira Mesquita, Passo Fundo, Rio Grande do Sul”. (O Tico Tico: Jornal das Crianças (RJ), ano XXI, nº 1094, 22 de setembro de 1926. p. 11).

⁷⁵ O Tico-Tico surgiu no momento em que a atividade editorial começava a ganhar feição mais empresarial, definindo e segmentando o público para o qual as publicações eram dirigidas. O caráter comercial da revista, porém, nunca iria sobrepor-se ao objetivo maior, explicitado desde seu lançamento, de “ao mesmo tempo, instruir e deliciar as crianças”. Sempre comprometida com a difusão de valores morais, cívicos e patrióticos que apareciam de forma assídua, porém irregular, nas várias seções e textos avulsos. (HANSEN *in* XAVIER; MAGALDI, 2008, p. 45).

Dois momentos em que Paulo Gaúcho reproduz a imagem do pai, na Imagem 11 ele segura um jornal aparentemente demonstrando gosto pela leitura. Na Imagem 12 Paulo Gaúcho utilizando uma máquina de escrever, mais uma representação da figura paterna que era poeta e jornalista.

Imagem 11– Paulo Gaúcho com 7 anos de idade.



Fonte: O Tico Tico: Jornal das Crianças, ano XXIII, nº 1194, 22 de agosto de 1928, p. 10.

Imagem 12– Paulo Gaúcho com oito anos de idade.



Fonte: O Tico Tico: Jornal das Crenças, ano XXIV, nº 1251, 25 de setembro de 1929, p. 9.

Imagem 13- Pedro Mesquita com amigas nas ruínas Jesuíticas de São Nicolau das Missões/RS em 1928.



Fonte: Revista Mascara, ano XI, nºs I e II, janeiro e fevereiro de 1928, p. 53

Nas ruínas do Rio Grande primitivo floresce o rebento da nova geração de beleza gaúcha...

Interessante photographia das celebres ruínas Jesuíticas de São Nicolau das Missões – Rio Grande do Sul.

Vê-se no cliché, além do conhecido jornalista Cap. Oliveira Mesquita, um grupo de gentis senhoritas, suas amiguinhas, em visita áquellas reliquias, testemunhas mudas de um grandioso passado. (REVISTA MASCARA, ano XI, nºs I e II, janeiro e fevereiro de 1928, p. 53).

Viúvo e pai do menino Paulo Gaúcho que já estava com 15 anos, Pedro Mesquita aos 43 anos casou-se em 1936 com Maria Aurora de Moraes de uma ilustre família de São Borja/RS, na Imagem 14.

Imagem 14- Pedro Mesquita e sua esposa Maria Aurora de Moraes Mesquita - 1937



Fonte: Revista Vida Domestica, fevereiro de 1937, nº 227, p. 47.

“O conhecido e illustre litterato gaúcho, dr. Pedro Salles de Oliveira mesquita, membro do Ministerio Publico do Rio Grande do Sul, em companhia de sua exma. esposa, d. Maria Aurora de Moraes Mesquita”. (REVISTA VIDA DOMESTICA, fevereiro de 1937, nº 227, p. 47.)

O filho Paulo Gaúcho Leal de Oliveira Mesquita na Imagem 15, seguiu os passos do pai Pedro Mesquita na carreira militar, frequentou o Colégio Militar de Porto Alegre.

Imagem 15- Paulo Gaúcho Leal de Oliveira Mesquita filho de Pedro Mesquita em 1938



Fonte: Revista Vida Domestica (RJ), março de 1938, nº 240, p. 58.

“O talentoso jovem Paulo Gaucho de Oliveira Mesquita, sextannista do Collegio Militar de Porto Alegre, e filho do conhecido intellectual gaúcho dr. Oliveira Mesquita, promotor publico de Santa Maria”. (REVISTA VIDA DOMESTICA (RJ), março de 1938, nº 240, p. 58)

A filha Maria Célia na Imagem 16, fruto do segundo casamento de Pedro Mesquita.

Imagem 16- Maria Célia filha de Pedro Mesquita em 1939



Fonte: Revista da Semana (RJ), ano XL, nº 11, 18 de fevereiro de 1939, p. 7.

“Maria Célia, filha do dr. Oliveira Mesquita e d. Maria Aurora de Moraes Mesquita (Santa Maria — R. G. do Sul). Obra da pintora gaúcha Dina Fernandes”.
(REVISTA DA SEMANA (RJ), ano XL, nº 11, 18 de fevereiro de 1939, p. 7)

Na Imagem 17 vê-se Pedro Salles de Oliveira Mesquita junto ao cabo Manoel ex-combatente em guerras no sul do Brasil, cabo Manoel contava com cento e dez anos de idade a época da fotografia em 1940.

Imagem 17- Pedro Salles de Oliveira Mesquita junto ao cabo Manoel ex-combatente.



Fonte:

Correio Paulistano, 11 de abril de 1940, p. 4.

“O Cabo Manoel, que conta cento e dez annos de idade, em companhia do promotor Oliveira Mesquita, empunhando a lança com que pelejou nas campanhas cisplatinas”. (CORREIO PAULISTANO, 11 de abril de 1940, p. 4)

Imagem 18, fotografia de Maria Aurora Morais de Oliveira Mesquita com a menina Maria Célia, imagem enviada à Revista Noite Ilustrada em 1942.

Imagem 18- Maria Aurora Morais de Oliveira Mesquita com a filha do casal Maria Célia em 1942.



Fonte: Revista A Noite Ilustrada, 15 de dezembro de 1942, nº 718, p. 45

“Senhora Maria Aurora Morais de Oliveira Mesquita, esposa de nosso confrade de imprensa capitão Oliveira Mesquita, e sua filhinha Maria Célia, de Santa Maria, Rio Grande do Sul”. (REVISTA A NOITE ILUSTRADA, 15 de dezembro de 1942, nº 718, p. 45)

Paulo Gaúcho Leal de Oliveira Mesquita formou-se pelo Colégio Militar de Porto Alegre em 1942, quando foi declarado aspirante da Arma de Infantaria do Exército Nacional, na Imagem 19 vê-se Pedro Mesquita posando para o fotógrafo provavelmente muito orgulhoso da carreira militar que o filho escolheu.

Imagem 19- Pedro Mesquita com seu filho Paulo Gaúcho.



Fonte: Revista Vida Domestica (RJ), novembro de 1942, nº 296, p. 42.

“O brilhante escritor sr. dr. Oliveira Mesquita, conhecido advogado em Santa Maria (R. G. do Sul), em companhia de seu filho Paulo Gaúcho Leal de Oliveira Mesquita que acaba de ser declarado aspirante pela Escola Militar”. (REVISTA VIDA DOMESTICA (RJ), novembro de 1942, nº 296, p. 42)

Fotografia de d. Maria Aurora Morais de Oliveira Mesquita esposa de Pedro Salles de Oliveira Mesquita em 1942, Imagem 20,

Imagem 20- Maria Aurora Morais de Oliveira Mesquita em 1942.



Fonte: Revista Vida Doméstica (RJ), novembro de 1942, nº 296, p. 42.

“A distinta sra. Maria *Moreira*⁷⁶ de Oliveira Mesquita, da alta sociedade de Santa Maria, esposa do dr. Oliveira Mesquita e *mãe*⁷⁷ do aspirante de Arma da

⁷⁶ Grifo do autor, pois a *Revista Vida Doméstica* se equivocou ao colocar o sobrenome *Moreira* o correto seria *Aurora*.

⁷⁷ Grifo do autor, a *Revista Vida Doméstica* se equivocou pois Maria Aurora era madrastra de Paulo Gáúcho.

Infantaria do Exército Nacional Paulo Gaucho Leal de Oliveira Mesquita”. (REVISTA VIDA DOMESTICA (RJ), novembro de 1942, nº 296, p. 42)

Imagem 21, fotografia de Maria Celia Moraes de Oliveira Mesquita filha de Pedro Mesquita, no dia festivo de sua Primeira Comunhão.

Imagem 21- Maria Celia em sua Primeira Comunhão em 1946.



Fonte: Revista Fon Fon, ano XXXIX, nº 49, 07 de dezembro de 1946, p. 124.

“A menina Maria Célia Moraes de Oliveira Mesquita, filha do conhecido advogado e homem de letras dr. Oliveira Mesquita e de sua exma esposa, d. Maria

Aurora de Moraes Mesquita, no dia de sua 1ª Comunhão, em Santa Maria, Rio Grande do Sul”. (REVISTA FON FON, ano XXXIX, nº 49, 07 de dezembro de 1946, p. 124).

Na revista *Vida Domestica* de agosto de 1947 Pedro Mesquita foi apresentado aos leitores junto a sua neta Alice filha Paulo Gaúcho Leal de Oliveira Mesquita seu filho mais velho e de d. Nilda Fernandes Mesquita, dizia a nota que Pedro Mesquita estava orgulhoso nesse momento, vê-se Pedro Mesquita com sua neta Alice na Imagem 22.

Imagem 22- Pedro mesquita com Alice sua primeira neta em 1947.



Fonte: Revista Vida Doméstica (RJ), agosto de 1947, nº 353, p. 111.

“Quando um homem atinge a posição de avô, alcança o generalato da família... Aí está porque, nesta fotografia, o dr. Oliveira Mesquita, conhecido advogado e literato em Santa Maria, Rio Grande do Sul, com sua netinha Alice, filha do 1º tem. Paulo Gaúcho Leal de Oliveira Martins⁷⁸ e d. Nilda Fernandes Mesquita, posa,

⁷⁸ Grifo do auto, pois A Revista Vida Doméstica se equivocou ao colocar o sobrenome *Martins* o correto seria *Mesquita*.

orgulhosamente, para “Vida Doméstica”, na glória dêsse nobre generalato.” (REVISTA VIDA DOMESTICA (RJ), agosto de 1947, nº 353, p. 111).